

# CASA DE ALVENARIA

DIÁRIO DE UMA EX-FAVELADA

CAROLINA  
MARIA  
DE JESUS

IVRARIA FRANCISCO ALVES

carolina maria de jesus

# CASA DE ALVENARIA

- diário de uma  
ex-favelada -

"CASA DE ALVENARIA," volume 4 da Coleção  
"Contrastes e Confrontos," foi composto e impres-  
so em Novembro de 1961, nas Oficinas Gráficas da  
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA. - Rio

apresentação de  
audálio dantas  
capa de  
cyro del nero

## Casa de Alvenaria — história de uma ascensão social

apresentação de Audálio Dantas

Vi os pobres sair chorando. As lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas comove os poetas do lixo. — trecho de "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus.

Um dia — era uma tarde de abril de 1958 — fui à favela do Canindé e quando cheguei lá encontrei uma revolução dentro de um barraco: eram as narrativas de uma negra chamada Carolina Maria de Jesus. A revolução tomou forma de livro e foi chamada "Quarto de Despejo".

Agora, tenho de falar de novas histórias daquela mesma negra em cujo barraco encontrei a subversão manuscrita. Ela saiu do quarto de despejo e instalou-se num sonho — uma casa de alvenaria. É nossa vizinha, aqui na sala de visitas, onde continuou a olhar em torno com o mesmo olhar acostumado a ver favela, a observar e a anotar tudo — as grandezas e as misérias do lado de cá.

Casa de Alvenaria é, na forma, o mesmo que o diário escrito na favela do Canindé; na essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo — o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina. Casa de Alvenaria é depoimento tão importante quanto "Quarto de Despejo", mesmo sem o tom dramático da miséria favelada. Em certos aspectos, é um livro mais fascinante, porque nele há um pouco de alegria, há o deslumbramento da descoberta, há a felicidade do estômago satisfeito, há a perplexidade diante de pessoas e coisas diferentes e uma amarga constatação: a miséria existe também na alvenaria, em formas as mais diversas.

A partir de um acontecimento que talvez tenha sido o mais importante de sua vida — a assinatura do contrato para publicação de

Um caminho partiu da favela, cheio de velhos trastes. Na primeira rua de alvenaria alguém perguntou:

— Isto é despejo?

— Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo — foi a resposta feliz e risonha da negra Carolina.

Foi para um quatinho de Osasco, a sua primeira alvenaria, presente de um senhor muito condóido com a pobre favelada que, então, já tinha ganho 240 mil cruzetões de direitos autorais. No mesmo dia em que ingressou no mundo de alvenaria, Carolina juntou à felicidade uma dúvida:

Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita.

Como é a sua vida aqui na sala de visitas é o que ela nos conta agora, neste livro. O deslumbramento diante de coisas novas, a vaidade muito natural despertada pelas inúmeras solicitações — as legítimas, úteis, e as destituídas de qualquer significado, feitas por debílicos e safados que vivem em Carolina qualquer coisa assim como um bicho estranho. Preciso dizer que tudo fiz para evitar esse envolvimento, mas não consegui. A própria Carolina, algo inebriada com o sucesso, constituiu obstáculo. Diziam-lhe que eu estava querendo ser seu "dono". Ela deixava claro, em muitos registros de seu diário, que acreditou nos conselhos desses amigos de última hora. Por exemplo, quando se queixava por eu ser contrário à sua ideia de cantar no rádio:

Eu queria ir para o rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou sua escrava.

Contradição, essa referência à anulação de projetos, justamente aqueles projetos que seriam prejudiciais. Já imaginaram o pessoal do rádio usando a figura de Carolina para exibições ridículas nos auditórios? Carolina estava, evidentemente, sendo aconselhada. Mas logo vinha o bom-senso, na palavra de alguém que não era um intelectual:

Agradei e despedi e fui tomar o ônibus, pensando nas palavras do senhor Fernando Soares. Ele disse para eu não ir cantar no rádio...

A gente de alvenaria contribuía, assim, para as contradições de retrato que Carolina fazia, com olhos de favelada, da sala de visitas. A sua capacidade de observação, aliada à sua capacidade de concluir, serviu, porém, para que apanhasse no meio desta nossa feira de variedades aspectos bastante significativos, nem sempre observados por nós. Por exemplo, os compromissos dos que escrevem, quase sempre toalhados em sua liberdade pelo fogo infernal dos interesses. Aqui, em nosso meio, ela começou a temer, também:

"Quarto de Despejo" — Carolina narra o dia-a-dia de sua nova vida, mas nessa narrativa os dias assumem uma nova dimensão; deixam de ser sempre iguais, precedidos pela fome. As surpresas, os choques, as grandes alegrias e os desencantos, se sucedem neste registro de grande valor humano e de grande valor como contribuição para estudo sociológico.

Os personagens que desfilam nestas páginas são, quase todos, de condição diferente daqueles angustiados que se agitam no mundo de tábua e zinco da favela. Aqui eles são vistos, muitas vezes com deformações, por uma criatura que viveu sempre à margem, uma desintegrada social que lutou desesperadamente para entrar na sociedade mais ampla e menos infeliz da sala de visitas.

Como no quarto de despejo, ela continuou a escrever o seu diário, a fazer retrato. Só que o retrato da gente de alvenaria tem algumas distorções, é assim como um painel com pontos de perfeita nitidez e áreas esfumadas, nebulosas. Mas Casa de Alvenaria é um retrato. Feito com as contradições da retratista e, sobretudo, com as contradições dos retratados. Nem sempre a revelação que Carolina nos faz de certas criaturas é perfeita, mas, no caso, a responsabilidade não lhe cabe. Ela procurou enfocar, com aquela seu notável senso de observação, mas não conseguiu a necessária nitidez, simplesmente porque na favela, ponto bem nítido e definido da miséria, um Orlando Lopes explorador da luz e da água não passa de Orlando Lopes explorador da luz e da água, enquanto aqui fora os homens costumam usar muitas faces...

Mas, entremos na Casa de Alvenaria de Carolina, que é bem diferente daquele barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé, que tinha sala-quarto-cozinha, num só cômodo nada cômodo. A casa de Carolina, agora, é casa-sobrado, com sala, salinha, quarto, quarto, cozinha, quintal, jardim. É uma escada que, se não me engano, tem dezenove degraus! No jardim de Carolina tem uma roseira que bota muitas rosas, vêm as orlações, colhem as rosas, ela não se incomoda, porque — pensa — Deus faz nascer mais. A roseira é flor-felicidade na casa de alvenaria, assim como o menino nu chorando de barriga vazia era tristeza no barraco do Canindé.

De alegrias e tristezas é a vida, na favela ou na alvenaria. A fome se foi do barraco de Carolina e ela registrou a chegada da alegria, que também pode habitar em barraco:

A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela.

Era um barraco especial, aquele da Rua A, número 9. Não havia fome lá dentro!

Começou assim, com a partida da fome, a nova vida de Carolina Maria de Jesus; que agora é nossa vizinha aqui na sala de visitas.



Não estou tranquila com a idéia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me.

Os ricos, aí, não são os propriamente átos; do ponto de vista da autora, egressa da favela, rico é todo aquele que mora em casa de alvenaria. Mas, sem saber, ela terminou dizendo uma verdade, tirando uma conclusão mais do que acertada. O dinheiro ganho por Carolina foi garantia de uma vida decente, alegria de comida fumegando nas panelas, mas foi, também, motivo de grandes aborrecimentos. Como sempre foi, desde que os homens o inventaram e por ele brigam e por ele se matam. Foi o José Carlos, numa alegria de fome saciada, quem fez a pergunta:

— Há tantas coisas para comer, mas é preciso ter dinheiro para comprar. Quem inventou o dinheiro?

Carolina respondeu:

— Foi um povo chamado fenícios.

— Invenção idiota, não, mamãe?

A tal invenção deu muita dor de cabeça a Carolina. Uma romaria interminável à sua alvenaria, de gente querendo dinheiro. Tudo por causa de um povo chamado fenícios!

Por isso não se deve estranhar as queizas constantes que Carolina faz contra a sala de visitas. Deve-se considerar a sua condição de "peixe fora d'água" quando ela, logo depois de bendizer o momento em que deixou a favela, diz que preferia voltar para lá. Condição humana, espanto diante de uma realidade que afugenta o sonho. Mas o sonho — e aí de nós se não fosse o sonho! — sempre volta, com colorido de felicidade. Como acontece logo depois, em outro trecho deste livro em que Carolina descreve a alegria de haver falado sobre as causas da favela no Congresso de Vereadores do Rio Grande do Sul:

Eu vivia dizendo: a felicidade virou-me as costas. Agora pegou-me nos braços.

Novamente ela reencontra a realidade. À meia luz de um restaurantinho-gráfico de Copacabana, por exemplo:

Alguns iam à minha mesa. As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social. ... Eu pensava: elas são filantropicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avisam-me é que recordam que há favelas no Brasil.

Tudo isto é de grande importância, demonstra o valor deste livro que é um retrato da sala de visitas feito por uma retratista que veio do quarto de despejo, gritando em nome dos que ficaram lá e dos que não estão lá e vivem as injustiças aqui de fora, como aquele pretinho de Pelotas que circulava meio resabiado pela praça onde se realizava a Feira do Livro. Carolina autografava e ouvia a sua voz:

— Sabe, Carolina, pego-te para incluir no teu diário que há preconceito aqui no Sul.

A resposta foi esta:

— Está bem. Incluirei tua queixa no meu diário.

É um apêlo significativo, este do pretinho de Pelotas. Demonstra, sem necessidade de novos argumentos, o que essa negra vinda do monturo representa no inconsciente coletivo: voz de protesto.

Acho que estas considerações de repórter podem dar apenas uma pálida idéia do sentido deste livro. Um estudo com base científica poderá revelar aspectos de grande interesse da revolução que começou no quarto de despejo e tem prosseguimento na casa de alvenaria. Particularmente, recolhi uma soma enorme de ensinamentos desde o dia em que encontrei a revolução lá no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. Conheci bem conhecido o que é ambição, inveja, safadeza, vaidade, ódio. E conheci também amor, honestidade, desprendimento. As boas e as más qualidades só reveladas integralmente diante das coisas importantes. Aprendi, por exemplo, que ganhar dinheiro é a coisa mais importante para a maioria dos integrantes sociais. E, por isso, apenas uma minoria acredita que se possa fazer alguma coisa sem se ganhar dinheiro.

Carolina já está na sua casa de alvenaria, a maioria dos favelados do Canindé, também. Quanto a mim, continuo repórter. Apareço com muita frequência neste livro, como personagem. Isto não podia ser evitado, porque de mistura comigo havia personagens importantes. Apareço como anjo num parágrafo, noutro apareço como demônio, de acordo com as mutações espirituais de Carolina. Há erros de apreensão da autora em ambos os casos. Eu podia ser demônio a certa altura, só porque a aconselhei a não emprestar dinheiro a determinada pessoa ou por manifestar a minha opinião sobre um rapaz que vendeu o nome de Carolina para a propaganda de uma marca de sabão. Quase sempre, ao conhecer a realidade, Carolina voltava a ver-me com outros olhos e eu virava anjo. Está tudo aí, contado no seu jeito originalíssimo de dizer as coisas.

O tratamento dado a Casa de Alvenaria foi o mesmo que dei a "Quarto de Despejo". Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. O que fiz foi algo semelhante a uma montagem de filme. Os originais estão guardados para possível confronto.

Finalmente, uma palavrinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contri-

buiu poderosamente para a gente ver melhor a desarmadura do

quarto de despejo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco — não por sua culpa — no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas "poesias", aqueles "contos" e aqueles "romances" que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina. Carolína, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui.

AUDALÍO DANTAS

São Paulo, setembro de 1961.

**5 de maio de 1960** Levantei as 5 horas para para parar as roupas dos filhos para irmos na Livraria. Não vou fazer café porque não tenho açúcar nem dinheiro para o pão. Eu peguei um saco e catei latas, ferros e vidros e uns metais e fui vendê-los. Não tenho tido tempo de ir vender no Senhor Manoel. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 12 de pão. O Senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. Eu disse-lhe que hoje eu vou assinar contrato com a Livraria Francisco Alves para editar o meu livro. Ele disse-me que já me viu nos jornais e nas revistas e deu-me mais lenhas. Quando voltei peguei as lenhas e pus dentro do saco e voltei as pressas para a favela.

... O José Carlos entrou dizendo que estava com fome. Vamos prepararmos para irmos para a cidade. Vamos ver se o pai da Vera levou-lhe o dinheiro no Juiz. O João voltou da escola alegre por eu ter mandado pão para ele. Nós saímos. Passei no empório do Senhor Eduardo e pedi se ele me vendia uns sanduíches para os filhos. Não tinha pão. Só eu notei os olhares tristes dos meus filhos, porque sou mãe. Nós fomos para a cidade. Passamos pelo Mercado. A Vera olhava no solo para ver se encontrava algo para comer. Não encontrou nada. Começou a chorar e não queria andar. Eu disse-lhe:

— Vamos no Juiz ver o dinheiro e eu compro algo para você.

Ela empacou-se. Dei-lhe uns tapas. Eu criticava as minhas ações, pensando: coitados! Além de estar com fome ainda apanham. Eu andei, ela ficou atrás. Os filhos estavam perto da banca de jornais olhando o Chessman. Quando olhei para trás não avistei a Vera.

Voltei procurando-a e entrei dentro do Mercado gritando: — Vera! Vera! Vera!

Perguntei a um guarda se não tinha visto uma menina.

— Não!

Mais de cem mil pensamento afluíam-me a mente. O coração acelerou-se. Percorri o Mercado por dentro e ao redor. Encontrei uma mulher da favela e perguntei-lhe se ela havia visto a minha filha.

— Não vi.

— É que eu vou na Livraria assinar um contrato para eles publicar os meus livros.

As pessoas que ouviu-me dizer que eu ia assinar contrato na Livraria Francisco Alves pararam para olhar-me. Saí as pressas do Mercado, gritando: — Vera! Vera! Vera!

Os meninos procurava-a. Surgiu uma senhora e perguntou-me se eu estava procurando uma menina.

— Estou! A senhora viu-a?

— Ela estava na minha loja.

Perguntei-lhe o seu nome.

— Antonieta.

— Oh, D. Antonieta, muito obrigada e Deus te dê um noivo bom e bonito!

Ela sorriu. E respondeu com prazer na voz e no olhar:

— Eu já tenho o meu noivo, já estou casada e quero muito bem ao meu espóso.

Vi um aglomerado de gente e a Vera no centro. Ela estava chorando. Quando me viu reanimou a fisionomia. Eu agradeci as senhoras que estavam na loja e pedi-lhe os nomes. Disse-lhes que era para incluir no meu diário, que eu ia na Livraria assinar um contrato para publicar os meus livros. Elas disseram:

— Não precisa.

Olhei o título da loja: Tecidos Cantareira. Ouvi uma voz masculina:

— Eu quero ver o nome de minha loja nos jornais.

— O senhor há de ver, se Deus quiser.

Agradei as pessoas presentes dizendo que estava com pressa e saí correndo. Na Praça da Sé estavam desfilando carros com crianças defeituosas angariando auxílios. Os meus filhos olhavam as crianças defeituosas. Eu disse a um casal que segurava um menino:

— O senhor vê essas crianças? Os pais delas devem ser tristes. Ainda tem pais que bate nos seus filhos porque quebrou a vidraça do vizinho ou sujou-se na lama, ou fala palavrões. E se eles não falam?

Curvei-me até o ouvido do menino e disse-lhe:

— Pois é, meu filho! Você vai quebrar vidraças, jogar bola, correr e viver a sua vida de criança perfeita.

Ele sorriu.

Despedi-me e fui no Juizado. Fui receber o dinheiro da Vera. O dinheiro estava, reanimei. Recebi, assinei e disse ao tesoureiro que eu ia assinar contrato para editar o meu livro e que amanhã eu estou em todos os jornais. E que eu sou obrigada a escrever porque o pai da Vera não auxilia-me.

Eu despedi do tesoureiro e fui comprar quibes e empadinhas para os filhos. Quando os meninos vi-me com o embrulho sorriam. Dei um quibe e uma empadinha para cada um. Eles comiam e sorriam. Olhei o relógio. Era 16 horas.

... Chegamos a Livraria Francisco Alves. Perguntei pelo escritor Paulo Dantas<sup>(1)</sup>. A senhora que estava na caixa telefonou-lhe. Ele viu-me lá do alto e deu ordem para eu ir de elevador. A livraria é alegre no aspecto. Ao entrar no elevador percebi que é antigo. Já deve ter uns 60 anos de uso. Dá a impressão que a livraria é uma reliquia de São Paulo. Eu aprecio o que é antigo.

(1) Diretor de edições da Livraria Francisco Alves. (Nota de Aulio Dantas).

Surgio o Senhor Del Nero e cumprimentou-me. Surgio o Senhor Lelio de Castro Andrade (2) e o Senhor Paulo Dantas apresentou-me. Conversamos e eu fui perdendo o acanhamento e tinha a impressão de estar no céu. A minha côr preta não foi obstaculo para mim. E nem os meus trajés humildes. Foram chegando reporteres, entrevistaram-me e fotografaram-me e ficaram lendo trechos do diário. Havia vários reporteres e fotografos. Eu perguntava:

— De que jornal é o senhor?

— “Última Hora”.

Eu li um trecho do diário, que eu estava enfraquecendo porque passava fome. O reporter da “Última Hora” deu-me 20 cruzeiros. Quando eu entrava na livraria e estava conversando com a caixa um senhor deu-me 10 cruzeiros — tomou-me por mendiga. A caixa disse-me:

— Pega!

As pessoas que estava na livraria perguntava:

— Quem é ela?

— É escritora e mora na favela.

— Oh! — exclamavam.

Chegou outros reporteres. Entrevistava-me e falava com o escritor Paulo Dantas. E liam alguns trechos do meu diário. As 5 e meia o Audálio chegou com os da televisão. Apresentou-me e eu assinei o contrato e filmaram-me.

... O senhor Lelio de Castro Andrade deu 2 mil cruzeiros ao reporter para dar-me. Os filhos ficaram alegres. Eu disse ao João que amanhã vou comprar carne para fazer bife para êle, porque já faz tempo que êle está suplicando-me para fazer. Ele ficou alegre sorrindo. Percebi que êle estava pensando num prato de arroz com bife acebolado.

As crianças antigas pensavam em *Ciranda-Cirandinha*. Elas eram alegres. As atuais pensam na comida.

(2) Diretor-Gerente da Editora. (A. D.)

... As 6 horas me despedi. O Senhor Lelio deu-me o seu cartão para eu procurá-lo. Citei os livros que tenho em preparo. Hoje eu ganhei:

22,00 de ferro velho
10,00 de um freguês da livraria
20,00 do reporter da “Última Hora”
500,00 do pai da Vera
2.000,00 do Senhor Lelio
<hr/> 2.552,00

Despedi de todos na livraria e fui fotografada na vitrine. Quando chegamos no ponto do bonde, levei os filhos para jantar no restaurante. Eles gostaram. (...) Era 8 horas quando entrei no empório do Senhor Eduardo. Paguei-lhe 260 cruzeiros que estava devendo há muito tempo, e comprei um queijo de 180 cruzeiros, 1 quilo de açúcar e café. Mostrei o contrato para o Senhor Eduardo ler e disse-lhe:

— Amanhã eu estou em todos os jornais.

Despedi do Senhor Eduardo, que estava com os olhos fitos no meu rosto como se estivesse vendo-me pela primeira vez. O João disse-me:

— A senhora está gastando muito.

— A vida de miséria vai acabar — falei sorrindo.

Quando eu cheguei na favela estava com sono e alegre. Ergui os olhos e contemplei uma cruz. Pensei: devo rezar. O João disse-me:

— Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.

— Que é? — perguntei apreensiva, pensando — será uma coisa grave?

— Como é bom a gente comer até encher!

A ida foi triste, porque estávamos com fome. Mas a volta foi sublime.

A Vera disse:

— Viva o Audálio!

— Viva!



— Vamos dar um *pique-pique* para o Audálio? Deram o *pique-pique* e ficaram gritando. Prepararam e deitamos.

**6 de maio** Levantei as 4 horas. Fui ler as notícias do Chessman. (...) Com a execução do Chessman os Estados Unidos é criticado pelo Universo.

O sol estava oculto pelas nuvens e eu estava com frio. (...) Fui no empório do japonês fazer compras, comprei 3 quilos de arroz, 1 de feijão, 3 sabões, farinha, alho e anil. Quando eu cheguei na favela fui preparar o almôço para os filhos. As crianças vem dizer-me que me viu nos jornais. Hoje eu sou a senhora do bairro. Preparei o almôço: arroz, feijão, bife milanês e salada. O João gostou da comida e gritou: — Viva a Dona Carolina!

Sorri. Ele olhou-me por longo tempo e disse-me: — Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar.

Eles estão alegres porque comeram.

**7 de maio** Não fui comprar pão. Os filhos comeram queijo. O João modificou-se. Está mais calmo e sempre sorrindo. Quantas vezes eu disse-lhe:

— João, você é muito bruto!

Mas agora que temos o que comer em casa, ele transformou-se: deixou de ser João Bruto para ser João Gentil. É que a fome deixa as pessoas neuroticas. (...) Dei almôço aos filhos e fui lavar as roupas. (...) Estava lavando quando ouvi a voz da Vera dizendo:

— Olá minha mãe!

Ela vinha acompanhada de dois senhores. Quando eles aproximaram-se perguntei:

— De que jornal são os senhores?

— Nós somos da televisão-e-~~eu~~ vim convidar a senhora para ir num programa. Tem que está lá as 8 horas.

— Está bem. Eu vou.

— Leve as crianças.

Concluí as roupas rapidamente e voltei e comecei a preparar os filhos para irmos. Coloquei os cadernos na pasta. Fui avisando as pessoas que tem televisão para ver-me, que eu ia no programa das 8 horas. (...) Iniciaram o programa. Os meus filhos estavam alegres porque estavam no palco. A Vera sorria. Fui entrevistada pelo reporter Heitor Augusto. Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos.

Era 22 horas quando eu fui deitar. Estava alegre.

**8 de maio** ... Fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne. Tinha muito nervo. Graças a Deus hoje eu estou em condições de escolher a carne que eu quero. Olhei os ossos que estava no balcão e disse:

— O senhor dizia que eu escrevo e não ganho nem para comer. Graças a Deus eu vou receber 150 mil cruzeiros por um livro e hei de ter o que comer.

— Escolhi outro pedaço de carne. Paguei 70 cruzeiros. Pensei no reporter, o homem que emparelhou-se comigo na hora mais crítica da minha vida. Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela. Cheguei no empório e comprei os tomates, o querosene e ovos e pão. (...) Fui preparar o almôço. Fiz molho de tomate para o *ravioli* e pus muito queijo. Os meninos comeram e gostaram. E gritaram — Viva!

**9 de maio** ... Chegou dois reporteres. Disse-ram-me ser do "Globo", mandei eles entrar. Perguntaram se eu encontrarei dificuldades para encontrar editor. Eu disse-lhes que cansei de suplicar as editoras

do país e pedi a *Editora da Seleção* <sup>(3)</sup> nos Estados Unidos se queria publicar os meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me.

... O Adalberto entregou-me carne e toucinho que o Ramiro deu-me. O Adalberto pediu-me para fazer um bife para ele. Que bom saber que temos o que comer. Parece até que a minha vida transformou-se. Da fome para a fartura. (...) Eu estava agitando o barraco quando o Ramiro chegou na janela. Disse-me que me viu nos jornais e deu-me os parabéns. Eu agradeci porque ele deu-me toucinho e carne. Ele disse-me que está muito triste com a morte do Chessman. Que o Chessman não conheceu o núcleo social, ambiente sadio. Os intelectuais fizeram de tudo para impedir a sua execução. Se os Estados Unidos tivessem perdoado o Chessman, eles angariavam a simpatia do Globo. Porque o mundo estava voltado para os Estados Unidos.

**10 de maio** Eu estava carregando água quando ouvi a voz do vizinho, senhor Alexandre:

— Dona Carolina, tem visita!

Era o Professor Walter José Faé, com seu alunos. O Professor Faé disse-me que há muitas pessoas que vai ganhar dinheiro por meu intermédio. Fiquei alegre. Que bom! Poder fazer o bem a milhares de pessoas. O sol é único e distribui o seu calor para todos.

**12 de maio** Eu fui lavar as roupas. A Dona Adelaide quer que eu arranje serviço para a sua filha cantar na televisão.

... Eu estava passando roupas quando vi o filho da Dona Adelaide surgir com um senhor e dizer-lhe: — É aqui.

O senhor perguntou-me:

(3) A autora refere-se a "Seleções do Reader Digest". (A. D.)

— É a senhora que é a Dona Carolina Maria de Jesus?

— Sou. O senhor entra.

Ele entrou, tirou o chapéu e cumprimentou-me e disse-me que leu a reportagem em alemão. Ele veio conhecer-me. Deu-me um livro novinho. *O Grande Evangelho de João*. Pediu-me para não relaxar, para não envaidecer, para não ficar orgulhosa e se enriquecer, para não ser vingativa. E agradecer os pobres. Que no mundo só tem valor as pessoas de espírito humilde. Para eu agradecer a Deus este dom que ele deu-me. (...) O nome do senhor que deu-me o livro é José Galler.

**13 de maio** ... Hoje é o dia que comemoramos a extinção da escravidão. Se a escravidão não fôsse extinta, eu era escrava, porque sou preta. (...) Fui telefonar para o reporter. Ele disse-me para eu encontrá-lo as 11 e meia. Ele convidou-me para ir com ele no Teatro da Escola de Medicina, que hoje comemora-se a data da abolição. Que o espetáculo é representado pelo Teatro Popular Brasileiro, dirigido pelo poeta Solano Trindade. (...) Preparei-me e saí para encontrar-me com o reporter na porta do "Diário da Noite". Eu não sabia que a Escola de Medicina tinha teatro. Quando chegamos, o teatro estava superlotado. Um espiquer veio fazer a descrição das cenas. O título de peça é "Rapsodia Afro-Brasileira". O espetáculo é uma confraternização do Centro Acadêmico da Escola de Sociologia e Política e Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, pelo 10º aniversário do Teatro Popular Brasileiro. O poeta Solano Trindade, apareceu no palco para falar sobre o preconceito racial na África do Sul, e da condição dos pretos nos Estados Unidos. ... Ele disse que tinha uma visita para ser apresentada. E bradou:

— Carolina!

Galguei o palco e fui aplaudida.

... Depois do espectáculo fui apresentada para algumas pessoas que estavam na plateia e pediram autógrafos. Eu queria voltar de bonde, o reporter não permitiu e conduziu-me. Na rua Araguaia eu desci do carro e voltei para a favela. Era uma e meia da manhã. Eu estava pensando na festa comemorativa da Abolição da escravatura. Mas temos outra pior — a fome. Conversei com um preto que é artista e ele disse-me que gosta de ser preto. E eu também. Fiquei encantada com o preto João Batista Ferreira. E bonito estar satisfeito com o que somos. A favela estava calma. Não encontrei ninguém. A noite os barões são todos negros. E negra é a existência dos favelados. Abri a porta, despertei os filhos. Eles comeram pasteis e eu fui deitar porque estava com frio. Não dormi. Fiquei pensando no reporter.

**14 de maio** ... Preciso lavar as roupas, porque amanhã eu vou na televisão. Hoje eu estou alegre. Todo mundo olha-me nas ruas. Já estou habituando com a nova vida. Passei no bar do José, na rua Deodéciano e conversei com ele. Disse-lhe que não mais apareço porque não tenho tempo. Eu fui vista em todos os jornais. (...) Eu fui deitar um pouco porque estava com sono. Mas, quem é que dorme em favela! Com tanto barulho. Não sei como é que os favelados podem ser alegres, com tanta miséria ao redor. Vendo que não podia dormir, levantei. Abri a janela e fitei o espaço. O céu está cor-de-chumbo, o sol encoberto pelas nuvens que avolumou-se ao seu redor. O pedaço de céu que cobria a favela estava triste e sombrio. (...) As 10 horas eu saí com os filhos. Quando eu estava perto do Mercadinho vi a afluência do povo. Pensei: briga na certa. Vi o Alfredo correndo e um baiano correndo atrás dele com uma faca na mão. O Alfredo caiu e o baiano foi esfaqueá-lo. Errou o golpe. O Alfredo levantou-se e entrou numa casa. O baiano ficou na rua com a faca na mão. Eu podia tirar a faca da mão do baiano com uma pedrada, mas eu não

posso infiltrar-me nessas brigas, porque preciso pensar nos livros que pretendo escrever. Os meus filhos mesclou-se entre o povo. A D. Isaltina chorava. Eu fiquei com dó do Alfredo. Ele é inofensivo. Eu bradava:

— João! José Carlos, Vera! Nós vamos para a televisão!

... Quando saímos da Televisão Tupi estava chovendo. O reporter tomou um carro. Fomos levar um jornalista em sua casa. O carro não queria andar. Na Avenida São João o motorista pediu colaboração de outro carro para empurrá-lo. O reporter pagou o carro. Deu 200 cruzeiros ao motorista e disse-lhe que podia ficar com o troco. Ele conduziu-me até a favela e vinha contando vantagem. Que é rico, que tem mais de 2 milhões. Que tem casas de aluguel. Quando chegou eu olhei a conta: 140 cruzeiros. Disse-lhe:

— O senhor vai devolver-me o troco dos 200 cruzeiros.

— Ah! Eu não posso, porque o jornalista deu-me o que ia sobrar dos 200 cruzeiros.

— O senhor deve dar-me.

Quando chegamos na favela o motorista ficou horrorizado. O seu olhar percorria de um local ao outro. Exclamou:

— Credo, que lugar! Então é isso que é favela? É a primeira vez que vejo favela. Eu pensava que favela era um lugar bonito, por causa daquele samba:

*Favela, oi, favela*

*Favela que trago no meu coração...*

Mas haverá alguém que traz um lugar desse no coração? Enquanto o motorista fitava a favela eu pensava: com certeza o compositor do samba tinha uma mulher boa na favela. O motorista disse-me:

— Olha, eu vou dar o troco para a senhora, porque quem reside num lugar desse precisa muito mais do que eu.

Ele tirou 120 cruzeiros da carteira. Ao entregar-me eu disse-lhe:

— O senhor errou no trôco. Ele abriu a carteira novamente e deu-me 60 cruzeiros.

**16 de maio** As sete e meia o jipe da Televisão Record chegou. O motorista é preto, senhor Elpidio Ferreira. Quando cheguei na Record Canal 7 estava tranquila. O motorista foi procurar o repórter Souza Francisco para dizer-lhe que eu já estava presente. Ele apresentou-me ao ilustre senhor J. Silvestre. Explicou-me como era o programa. (...) O senhor J. Silvestre leu uns trechos do *diário*. Eu estou ansiosa para ver este livro, porque eu escrevi no auge do desespero. Tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu *diário*.

**17 de maio** Troquei a Vera e o José Carlos e fomos para a cidade. Passei no empório do senhor Eduardo para pagar-lhe o que devo. Eu disse ao senhor Eduardo que eu ia na cidade. Que ia ganhar uns livros. Tomamos o ônibus. (...) Fiquei alegre quando vi o repórter José Hamilton. Depois chegou o senhor Gil Passarelli. Voltamos para a Rua Carreiro Leão, 267. O gerente da Edições O Livroiro Ltda. estava na porta. Ele disse-me que eu podia escolher os livros que agradasse-me. Orientada pelo repórter José Hamilton escolhi os livros. (...) Hoje é o meu grande dia. A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela.

... Despedi e segui olhando os moveis e as lojas com seus estoques variados. O sol estava quente. Hoje ele apareceu as 8 horas. Agradeço o sol por ter despertado mais cedo para aquecer os operários.

... Poder comprar roupas para mim. Tudo em mim está despertando. Eu estou pensando nuns brincos, colares e vestidos bonitos e vou visitar um dentista. (...) Nas ruas o povo dava-me os parabéns. Quando passo perto de um ônibus, ouço:

— Olha a mulher que escreve!

**18 de maio** ... Eu percorria a rua São Caetano olhando as lojas. A dona da loja mostrou-me varias blusas. Eu não queria comprar porque o dinheiro não dava. Ela insistiu tanto e eu resolvi comprar dois palitós para as crianças. Ela pediu 1.700 cruzeiros. Eu estava com 1.500 cruzeiros. Ela disse-me que eu podia trazer os palitós e levar os 200 cruzeiros restantes amanhã. O João e o José Carlos vestiram os palitós e ficaram alegres. Era a primeira vez que eles vestia palitô. O João disse:

— Como é bom ser filho de poetisa!

**19 de maio** ... Abri a janela para olhar o espaço. Já estou habituada a fitar o espaço para ver se vai chover. O espóso da Esmeralda passava agitado. Nós as mulheres já conhecemos estas agitações. Perguntei-lhe se sua espósa já estava com as dores do parto.

— Desde ontem a noite.

— Chamou a parteira?

— Já, mas ela não veio.

Percebi que ele mentia e fui ver o que havia. A Esmeralda estava de pé e chorando. O meu olhar circulou pelo barraco pobremente mobilhado. A unica coisa que eu vi em abundancia eram as crianças descalças e magricelas. Olhei o fogão, estava apagado. Eu pensei: numa casa que tem muitas crianças, a esta hora o feijão já deve estar cozinhando. As crianças estavam tristes. Onde não há o que comer não pode ter alegria. E os pobres são os alunos da professora — fome. Olhei a Esmeralda que estava de costas para mim. Ela orava: a oração mais esquisita que eu já ouvi até hoje. Era assim:



“Meu Senhor Jesus: eu sou tão pobre, estou sem recurso. Eu estou com dor de parto e dor no meu co-rção porque não tenho nada em casa para os meus filhos comer. Eu não chamei a parteira porque não tenho dinheiro para pagar. É o Senhor que tem que ajudar-me, Senhor Jesus!”

Eu sai do quarto e perguntei ao Chico se ele tinha dinheiro.

— Não tenho. O pagamento é dia 24.

— Quanto o senhor precisa?

— 200 cruzeiros dá.

Entrei no barracão e peguei uma cedula de 1.000 cruzeiros e fui trocá-la. Voltei as pressas e entreguei 500 cruzeiros ao Chico.

— Você paga-me quando puder.

Ele sorriu. E a Esmeralda, mesmo com a dor do parto, sorriu.

O seu espôso Chico pediu a uma senhora para ir a farmacia comprar uma ingeição. Ela saiu correndo e eu fui olhar se a parteira já estava chegando na favela, porque o seu espôso disse que havia telefonado. (...) Eu estava preocupada com a Esmeralda, pensando: e se ela morrer, quem é que vai olhar aquelas crianças? Ouvi as crianças falando:

— O bebê já chegou! O bebê já chegou!

Ouvi o chôro e pensei neste velho proverbio:

*“O homem entra no mundo chorando e sai gemendo”.*

**22 de maio** ... Tenho de ir na televisão. Tomei banho, troquei-me e fechei o barracão e saí com as crianças. Quando chegamos perguntei pelo senhor Durval de Souza na portaria. O porteiro indicou-me... Que homem bonito! Ele disse-me que ia tomar parte no programa, para eu escrever uma mensagem para as crianças. Escrevi. (...) O senhor Vicente Leporace foi conhecer-me. A Vera estava alegre e disse:

— Que casa bonita, mamãe. Como é bom morar numa casa grande! Esta casa aqui é palacio?

— É quase um palacio — respondi.

— A senhora viu, mamãe?

— Viu o que?

— Este povo aqui não cheira a pinga. Eles não bebem pinga?

— Não.

— Eles não fedem, não é, mamãe?

— Eles tomam banho todos os dias.

Quando iniciou o programa eu fui para o palco.

(...) Quando o senhor Durval de Souza anunciou-me e o senhor Leporace enalteceu-me, eu entrei no palco. Ele disse que eu sou a maior revelação literária. Ele entregou-me uma caneta de ouro.

... Nas ruas o povo dizia:

— Olha a escritora que estava na televisão.

— Ela ganhou uma caneta de ouro.

— De ouro! — exclamavam os que ouvia — que sorte!

— Por que é que ela ganhou a caneta?

— Ela é a escritora da favela.

Ouvi uma gargalhada ironica:

— Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora na favela é porque não presta.

Eu queria ouvir os restinhos das considerações aos favelados, mas a Vera disse-me:

— Vamos pra casa que eu estou com frio.

E puxou a minha saia.

**3 de junho** ... Estou escrevendo e pretendo continuar escrever. Agora que eu estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressões que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18. Eu fui amante das quadras da vida. Fui amante da primavera, do outono, do inverno e do verão. Agora eu estou de mal com o verão. Fiz as pazes com a primavera e ela adornou meu coração com

flôres perfumadas e construiu um castelo de ouro para eu residir. O castelo é o coração do reporter, este homem generoso que está tirando-me do lódo. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Depois que conheci o reporter tudo transformou-se. E eu enalteço o reporter por gratidão.

**17 de junho** ... Na rua São Bento parei para conversar com um jornalista. Ele disse-me que eu estava na "Última Hora" e mostrou-me o jornal. Comprei dois jornais e li na primeira página:

"Carolina vai deixar a favela. Publicará mais três livros. Humilde mulher de côr da favela do Canindé, vivendo na miséria com seus três filhos pequenos, semi-analfabeta, começou a garatujar em papeis recolhidos no lixo a história de seus anos de sofrimento. Um jornalista descobriu-a e ainda este ano sairá o *diário* de Maria de Jesus. Depois virão outros livros e diz ela que o seu sonho é uma vida decente longe da favela."

O reporter José Roberto Penna disse que eu sou semi-analfabeta. Quer dizer que tenho a metade da cultura. (...) No elevador a Vera entrou empurrando os passageiros. Eu disse-lhe:

— Pede licença. Aqui não é favela!

**28 de junho** ... Estou pensando. Como será que vai ser o meu livro "Quarto de Despejo"?

O reporter surgiu e disse:

— Oh, Carolina Maria de Jesus! Quais são as novidades?

— Não respondi.

Ele perguntou se eu não tenho medo dos favelados, porque escrevi sobre eles.

— Não tenho. É preciso escrever e dizer só a verdade.

O reporter disse que fez o prefácio do livro.

— Deixe eu ler.

Ele deu-me. Li. Está de acordo com narrações do livro. O prefácio agrada. Mostrei-lhe o drama concluído — "A Senhora Perdeu o Direito". O reporter saiu, chegou o reporter Ronaldo. Ficamos conversando. Eu disse-lhe que ia pedir emprego na rádio para ser dramaturga. O Ronaldo acha que não. Que eu devo escrever. Eu queria ir para o rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou sua escrava. Tem dia que eu adoro o Audálio, tem dia que eu xingo-o de tudo. Carrasco, dominador, etc. (...) Xingava o Audálio. Ele não me dá liberdade para nada. Eu posso cantar! Posso incluir-me no rádio como dramaturga e ele não deixa. (...) Passei a tarde me preparando para ir na Rádio Gazeta. As cinco e quinze entrei na Gazeta, olhando aos lados para ver se via o professor Faé. Uns jovens conversavam com o porteiro e perguntou-me o que eu desejava. Chegou o diretor do programa, senhor Fernando Soares e nos convidou:

— Vamos subir.

... O locutor disse que eu sou de Sacramento, estudei no Colégio Allan Kardec dois anos. Falou a D. Lília e recitou poesias. (...) Agradei e despedi e fui tomar o ônibus, pensando nas palavras do senhor Fernando Soares. Ele disse para eu não ir cantar na rádio. Para obedecer o Audálio. Comprei pasteis para os filhos e tomei o bonde.

**2 de julho** ... Fui a Redação do "Cruzeiro". O reporter não estava, sentei para esperá-lo. Fitava aquela sala amiga, porque eu já prendi a gostar do edifício dos "Diários". Fiquei conhecendo o poeta Formiga e o diretor das revistas. Às 11 horas o reporter chegou, cumprimentou-me e disse-me que amanhã o senhor Cyrô Del Nero vai tirar fotografias para por

no livro. Disse que a segunda edição do livro vai ser de 10.000 livros e a terceira de 30.000 exemplares. Que eu vou ganhar mais de 500 mil cruzeiros. Para eu não ficar orgulhosa. Eu não estou na idade de ter orgulho. Já conheço todas as reviravoltas da vida.

Ele ouviu-me sem novos comentários. (...) O Dr. Elias Raide entrou para fazer o texto da reportagem do "Mundo Ilustrado". Os funcionários saíram. Hoje é sábado. Despedi-me e saí com o reporter Elias Raide para ser entrevistada.

... Conversei com o senhor Otávio. Disse-lhe que vou mudar da favela neste mês e que não gosto do *diário*. Eu não sei o que é que eles acham no meu *diário*. Escrevo a miséria e a vida infesta dos favelados.

**4 de julho** ... Fomos na cidade. Cheguei na Livraria, pedi 1.000 cruzeiros ao senhor Lelio. Ele disse-me que vai dar-me 50.000 cruzeiros no dia 7 deste mês. Insisti com ele. O senhor Lelio estava lendo os originais do nosso livro.

... O reporter disse-me para eu não dizer aos favelados que vou receber 50.000 cruzeiros. (...) Combinamos que eu devo ir na Livraria quinta-feira as 2 horas. (...) Fui ver o senhor Rodolfo. Entrei na oficina para conversar com os operários, que estavam todos alegres.

— Já recebeu alguma coisa?

— Vou receber quinta-feira. Vou dar entrada num terreno, se Deus quiser.

Eu não conheço os empregados pelo nome. Um deles disse:

— Já está assinando cheques?

— Ainda não. Breve hei de assinar, se Deus quiser.

— Quantos anos tem a senhora?

— 46.

— Chi... já é muito velha! Senão eu me casava com a senhora.

Saí achando graça. Conversei com os empregados porque devo-lhes obrigações. Eles favoreceu-me com dinheiro para comprar comida para os meus filhos.

**5 de julho** ... Levantei as 2 horas, fiquei lendo. Pensando na minha vida que está transformando-se. — Enfim vou ter uma casinha e um terreno para fin- dar os meus dias. Vou plantar flôres, criar galinhas, e assim vou ter um músico para cantar de madrugada: o seu có-có-ro-có!

**7 de julho** ... Vou na Livraria receber o dinheiro do livro. Fiquei pensando nos pobres, porque eu já estou deslingando dos pobres. Mas não estou alegre, porque sei que é duro passar fome. (...) Quando cheguei na Livraria fiquei na porta esperando o reporter. As pessoas que passava parava para falar-me e perguntar quando é que vai sair o meu livro.

... Entrei cumprimentando todos, que me olhavam sorrindo. Lá no alto estavam o reporter, o senhor Lelio e outro reporter. Cumprimentei-os.

— Onde estão os filhos — perguntou o reporter.

— Foram no bar tomar café com os moços do balcão.

O senhor Lelio olhava-me com o seu olhar atraente. Disse para eu chamar os filhos. Obedeci. Encontrei-os galgando a escada. Andamos depressa, voltei rapidamente e fiquei perto do reporter.

... O senhor Lelio deu-me o contrato para eu ler. Li que ia receber 40.000 cruzeiros concernente aos meus direitos autorais pelo meu livro "Quarto de Despejo". Fico pensando o que será "Quarto de Despejo", umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desfogar as misérias que enlaçava-me igual o cipó quando enlaça nas árvores, unindo todas.

... O senhor Lelio indicou-me uma cadeira. Sentei. Os filhos, o reporter e o senhor Lelio ficaram ao meu redor. O fotografo bateu a chapa quando eu ass-

nava e quando eu recebia o dinheiro que já estava parado. O senhor Lelio pediu para o tesoureiro e disse para eu contar. Contava o dinheiro com nervosismo extremo. (...) O João ficou emocionado, olhando as notas de mil cruzeiros. Queria contar o dinheiro e não sabia.

... O senhor Lelio disse-me que eu devia retirar uma parte do dinheiro e guardar a outra para dar de entrada numa casinha. Para depositar num banco. O reporter mencionou um banco. Despedi do senhor Lelio e zarparamos pelo elevador. Despedi de D. Adelia e fomos para o banco. Chegamos no banco na rua 15 de Novembro, 63. Galgamos as escadas. Varias pessoas olhava-me espantadas. O reporter foi falar com um senhor, que queria abrir uma conta. Explicou que a conta pertence-me. Ele olhou-me. Ele abriu os olhos demasiadamente, demonstrando descontentamento. Deu-me vontade de dar-lhe uns tapas no rosto.

... Fizemos a ficha e eu assinei. Fomos para a caixa. Quando o caixa leu o meu nome, pronunciou:

— Carolina Maria de Jesus!

De tanto ouvir pronunciar o meu nome, já enjoei dele. Entreguei-lhe o dinheiro. Saimos do banco.

**16 de julho** ... Estava preparando-me para fazer arroz com lentilha quando a Vera disse:

— Mamãe, olha o Audálio e o Paulo!

Ouvi a voz do reporter e perpassi o olhar pelo barracão. Saí para o quintal e cumprimentei o reporter e o escritor Paulo Dantas. Ele disse-me que o livro sai dia 16 de agosto. Que susto que eu levei! Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com este tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade porque eu pensava que o reporter não ia publicar. O reporter fotografou-me e disse-me que estava esperando o senhor Cyro Del Nero, que vai fazer os desenhos do livro.

**27 de julho** ... A Vera brincava com as meninas e eu fui deitar-me. Lia um livro de poesias. A Vera disse:

— Mamãe, olha o reporter!

Levantei, abri a janela e vi um fotografo e uma senhora muito bonita. O reporter não citou o seu nome. Ela é reporter de Porto Alegre. Dos "Diários Associados". Ela fotografou-me, entrevistou-me. Disse que vai enviar-me o jornal que sair a minha reportagem no Rio Grande do Sul. (...) Eu mostrei os sambas que estou compondo e queria gravá-los. Mas o reporter disse-me que escritor não pode cantar. Que as profissões são divididas — cantor é cantor, escritor é escritor. Eu queria ir para a radio.

**10 de agosto** ... Tomei o bonde, pensando: os bondes podiam ter asas. Quando cheguei na Redação o reporter não estava. O Baiano disse-me para eu entrar e sentar. Comecei a falar que o reporter podia deixar eu ganhar dinheiro no radio.

— O reporter é boas pedras. Você deve obedecer-lo.

Disse que ele faz bem em não deixar eu ir para o radio. Eu sei que os jornalistas defendem outros jornalistas. Peguei um papel e escrevi um bilhete para o reporter. Ele abriu a porta e cumprimenteou-me. Es-tendeu-me a mão. Abri a minha mão e toquei na mão dele sem apertá-la.

— É assim os cumprimentos, agora?

Entreguei-lhe o bilhete para ele ler.

— É assim agora? Bem, vamos entrar e conversar.

Acompanhei-lhe. Quando o reporter chegou os outros jornalistas mudaram a fisionomia. Pensei: chegou o imperador. Sentei vis-a-vis com o reporter. Ele foi o primeiro a falar. (...) O reporter disse-me que eu sou orgulhosa.

— Que orgulho que eu posso ter? Eu procuro só o que é humilde para fazer. Fui empregada domestica,



catava papel, moro na favela. Você não vai querer mais humildade do que isso.

— Você deve orgulhar-se do que você faz.

Percebi que êle queria agradar-me — que eu escrevo muito bem. No Banco um homem conversou comigo e perguntou-me quando é que sai o meu livro. O livro vai sair dia 19, sexta-feira.

O reporter convidou-me para irmos na Livraria Francisco Alves para eu ver as ilustrações do livro. (...) O senhor Lelio estava sentado na sua escrivaninha. Sorriu quando nos viu. O reporter mostrou-me as ilustrações. O que gostei foi da nota de 1 cruzeiro, eu e os três filhos. E o pacote de ratos, quando a mulher foi pedir esmolos.

**13 de agosto** ... Comecei a preparar o almôço, arroz, feijão e carne. Eu estava escrevendo enquanto as panelas ferviam, quando chegou um senhor da Livraria e disse-me que o reporter vinha trazer o meu livro. Fiquei alegre.

— Já está pronto?

— Já.

Fiquei ansiosa para vê-lo e pedindo a Deus para que o reporter chegasse. Queria ver o aspecto do livro. Mandei o João ageitar o quintal. Não tinha cadeira para o homem sentar-se. O caixote que eu estava reservando para as visitas sentar-se, os filhos deixaram no quintal e roubaram. Fiquei envergonhada e pedi ao senhor que sentasse na cama. Barraco de pobre está sempre faltando algo. (...) Eu saí... pro quintal e fui conversar com a vizinha. Citei-lhe que o meu livro já estava pronto. Fiquei alegre quando a Vera bradou:

— Olha o Audálio!

Eu já estava dentro do barracão. Entraram o professor Valter José Faé e o ilustre escritor Paulo Dantas. Depois dos cumprimentos o reporter perguntou-me se o livro vai sair ou não. Sorri.

— Como vai de vida, Dona Carolina?  
— Vou indo bem.

O reporter desembrolhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse:

— O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.

E li o meu nome na capa do livro.

*Carolina Maria de Jesus.*

*Diário de uma favelada.*

**QUARTO DE DESPEJO**

Fiquei emocionada. O reporter sorria:

— Tudo bem, não é, Carolina?

— Oh! sim. Tudo bem.

É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. O professor Faé disse:

— Hoje é dia 13, dia de sorte.

... Eu fui na lagôa buscar as roupas, porque queria ler o meu livro. Os filhos abluu-se e deitaram-se. Fiquei lendo o meu livro "Quarto de Despejo" até as 3 da manhã. Quando terminei a leitura eu disse:

— Deus ajude o reporter!

Fiquei tão emocionada que não dormi.

**14 de agosto** ... Fui lavar roupa, conversei com D. Nenê. Disse-lhe que já saiu o meu livro. (...) Selecionei umas roupas e fui passá-las na D. Nenê. O ferro estava queimado. Mostrei o livro pra ela. Ela ficou alegre quando viu o seu nome no meu livro e que ela me dava comida. Fui passar as roupas no barracão da Dora. Ela emprestou-me o ferro elétrico. Mostrei-lhe o meu livro. Ela não gosta de ler. Olhou o livro sem interesse.

... Fui de bonde para a cidade. Levava o meu livro. Entrava nos bares e mostrava o livro.

— Já está a venda?

— Já, na Livraria Francisco Alves.

Cheguei na redação circulei pelo saguão dos "Diários". Estava frio, saí para rua e sentei na calçada.

Um funcionário do "Diário" veio ver o que eu estava escrevendo. Mostrei-lhe o meu livro e o prefácio do reporter. Eu disse-lhe que o reporter tem me favorecido muito e eu gosto muito dele. (...) Continuei escrevendo. Assustei quando ouvi a voz do reporter:

— Aqui não é lugar para escrever.

... Dirigimos para o Teatro Cultura Artística, para entrevista na televisão. Quando chegamos no teatro encontramos o compositor Heitor dos Prazeres. O reporter apresentou-me. (...) Quando a Dona Bibi Ferreira chegou eu fui falar-lhe. Que mulher maravilhosa. Atenciosa, culta e tem a suavidade das pétalas de rosa. Continuamos as apresentações. O senhor Cyro Del Nero fazia as decorações para o programa. O cenário representava a favela.

... Lembramos que eu devia levar os filhos no programa da televisão. Voltei para a favela. Tomei o bonde. Quando cheguei no ponto final, mostrei o meu livro para os conhecidos. O reporter deu-me o livro ontem e a capa já está suja, porque os filhos pegaram todos instantes. O livro já está com a cor da favela. Avisei os vizinhos de alvenaria que ia aparecer na televisão com Dona Bibi Ferreira.

... Quando chegamos no teatro eu estava confusa. Eu, o reporter e os meninos fomos para o palco. Quando iniciou o espetáculo eu estava nervosa. Confundi o nome da livraria. Percebi que era o sono, devido eu ter passado a noite lendo o meu livro. Apreci os comentários de Dona Bibi Ferreira. Ela ficou com o meu livro na mão até o fim do programa.

**15 de agosto** ... Aqueci água para tomar banho. Vou na Livraria levar um pouco de terra para por na vitrina. Estava chovendo, fomos de ônibus e quando chegamos na livraria vi o meu retrato na porta. Estou desenhada em ponto grande. É a favela. O que está escrito no quadro:

*Esta favelada, Carolina Maria de Jesus, escreveu um livro —*

## QUARTO DE DESPEJO — A Livraria Francisco Alves oferece ao povo.

Entrei e perguntei pelo senhor Lelio. Ele não veio. E o reporter?

— Ele não veio.

Autografei três livros que o senhor Thomaz pediu-me. (...) Chegaram os pintores. Eu disse-lhes que o senhor Cyro Del Nero sabe pintar muito bem. O homem que agitava o quadro, o pintor Irenio Maia, disse-me que foi ele que pintou e se estava bom.

— Está ótimo! Eu sei bem.

Que espetáculo deslumbrante! O povo e os carros paravam para ver o meu retrato galgando. Eu tinha a impressão que era eu que subia para o céu. Eu dizia para o povo:

— Espero que os senhores vem comprar o meu livro.

— Oh! É a senhora?

— Sou eu. Quando não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. E o reporter fez o livro, datilografou, fez as publicidades e apresentou o livro para o editor, que é o Dr. Lelio de Castro Andrade.

Os carros e os ônibus paravam. E os pedestres. Hoje está chovendo e os pingos da chuva salpicavam o meu quadro.

... Tomamos o bonde e desci na Avenida Tiradentes e fui avisar ao senhor Rodolfo Sherauffer que o meu livro já está impresso e vai ser posto à venda no dia 19, sexta-feira, às 5 horas da tarde. Eu vou autografá-lo. Ele perguntou-me:

— Você está precisando de dinheiro?

— Não, senhor. O editor deu-me 40.000 cruzeiros. Está depositado no Banco.

Abri a bolsa e mostrei as notas de 1.000 cruzeiros para o senhor Rodolfo. Despedi e desci a Avenida Tiradentes convidando os conhecidos para ir comprar o meu livro. Entrei nos bares amigos onde eu tomava café. Fui na casa Rainha para ver se via o senhor

João Gomes, para convidá-lo. Ele não estava. Fui avisar o dono do empório da esquina da Rua Eduardo Chaves que o meu livro estava a venda na Livraria. Ele disse-me que vai comprar. O povo dizia que eu estava bem vestida. Diziam:

— Quem te viu e quem te vê!

Fui avisar a D. Mildrede para ir comprar o meu livro. Disse-me que não vai porque o seu espôso quebrou a perna, mas o seu filho vai. Despedi da D. Mildrede e dos seus filhos, que são muito bonitos e sensatos. Fui avisar o Aldo que já saiu o meu livro. Vai ser posto a venda sexta-feira. A sua mãe recebeu-me alegre. A casa estava superlotada de visitas. Fui na cozinha ver a D. Iridê. Mostrei-lhe o livro e convidei-a para ir na Livraria Francisco Alves.

Despedi e voltei para a favela. Passei a tarde escrevendo. Estou alegre.

**16 de agosto** Amanheceu chovendo. Vendo a chuva cair lembrei quando eu catava papel o dia que chovia. Era o meu dia de agruras. Eu já conheço o lado amargo da vida.

... Fiz café, os filhos comeram pão. Agora com a fartura de comida os filhos estão enfatiados. Sufocados. São mais barulhentos, mais dispostos. Tenho a impressão de que estou despertando de um sonho, sonho que foi assim: cadeia, fome, enchente, brigas.

Deus foi misericordioso não enviando doenças. Fui na cidade, levei a Vera e o José Carlos para ver o quadro da Livraria Francisco Alves. A Vera achou o quadro bonito. Entrei na livraria para entregar uma estampa do Sagrado Coração de Jesus, para por na vitrina que representa a favela. A D. Adélia, que é caixa da livraria, estava lendo o meu livro e disse-me: — O seu livro está ótimo. Eu já estou no fim.

Os meus filhos são endiabrados.

Sorri e olhei os meus filhos que já estavam reindo nos livros.

**18 de agosto** Telefonei para o reporter, ele atendeu-me brincando:

— D. Carolina Maria de Jesus, a senhora já tem secretário?

Sorri e disse-lhe que ia comprar uns brincos. Ele disse-me que eu estava no "Diário da Noite", segunda edição. Fui na loja comprar um adorno. Faz tempo que eu não visito as lojas. Que surpresa para mim! Encontrei as belezas de sempre. Só que os preços... bem, não vamos comentar os preços. Comprei um adorno para a Vera e um brinco para mim. Eu disse a balconista que não podia demorar, por causa dos autografos. E que eu escrevi o "Quarto de Despejo".

— Ah! É a senhora?

Mostrei-lhe o meu retrato no "Diário da Noite". Ela desejou-me felicidades. Despedi e fui descendo a Praça Patriarca. O jornalista que vendeu-me o jornal disse-me que o livro está muito caro. Nos lugares que eu paro as pessoas afluem-se para observar-me como se eu fosse de um mundo estranho. Quando cheguei na livraria galguei as escadas de ferro. Os reporteres acompanhavam-me.

O Dr. Lelio de Castro Andrade nos recebeu amavelmente. Os reporteres entrevistou-me. Iam chegando do livros para eu autografá-los. O jornalista é o senhor Carlos de Freitas. Aí vai a entrevista:

*Pergunta* — Carolina, o que você acha e como se sente com a transformação de sua vida?

*Resposta* — Eu estou alegre e agradeço a colaboração dos que auxiliou-me na divulgação do meu livro. É o meu ideal concretizado.

P. — Que você acha da campanha eleitoral?

R. — Espero que o governo eleito colabore com o povo, porque os nossos políticos só interessa pelo povo nas campanhas eleitorais. Depois divorciam-se dos humildes.

P. — Que você acha do governo de Fidel Castro?

R. — Adoro o Fidel Castro. Ele faz bem defender Cuba. Os países tem que ser independentes. Cada um deve mandar na sua casa.

P. — E se a senhora fôsse governador, o que fazia?

R. — Queria dar impulso na lavoura, aproveitar as terras, construir casas com todo conforto e colocar os favelados. Eles trabalhavam nas lavouras e teriam mais conforto moral e físico.

Os empregados interrompiam para eu autografar livros. Que alegria interior! Eu autografando o meu livro. Estava comovida. Fizera tantas perguntas que eu não consegui guardá-las no meu cérebro. Havia pessoas que comprava o livro e fazia questão de me ver. Levavam o livro para eu autografar. Os reporteres despediram-se. Fiquei autografando. O reporter chegou e pediu-me para autografar livros para os críticos. E saímos. Fomos na televisão Canal 5, no programa do Walter Avancini, para apresentar o meu livro.

Eu fui falar com o jornalista Dorian Jorge Freire. Entreguei-lhe o meu livro. Ele disse-me que havia dado uma nota para o meu livro. Mostrou-me e deu-me o jornal. Despedi, porque estava pensando nos filhos. O Eduardo de Oliveira acompanhou-me até a favela. Mostrei-lhe os meus livros que estão escritos. Li as poesias dele. Agrada. Ele queixou-se dos trechos amargos de sua vida. O poeta Eduardo de Oliveira despediu-se.

Abui os filhos, preparei o jantar para eles e fui escrever.

**19 de agosto** Era 4 horas e eu já estava preparando o almôço e carregando água, porque eu preciso ir na Livraria para autografar o meu livro "Quarto de Despejo". Tomei banho e recomendei os filhos que não brigasse, para ir cortar o cabelo e voltar para a favela, que eu ia voltar para levá-los na Livraria à tarde. Tomei café e saí. Fui de ônibus. Na Rua Libe-

ro Badaró comprei quibe para comer. Quando cheguei na livraria, já estava aberta. Entrei, galguei as escadas e fui autografar. O senhor Nelson Assumpção tratou-me com gentileza. O telefone tocou e o empregado foi avisar-me que era para mim. Fui atender, era o reporter Gil Passarelli. Perguntou-me até que hora eu ia ficar na livraria.

— Até as 11.

Continuei autografando. Os reporteres chegaram e entrevistaram-me. O Audálio chegou e conversou com o senhor Gil Passarelli. Eu continuei autografando até as 12 horas. Chegou uma loira que queria falar com o escritor Paulo Dantas, que ela é escritora. E mostrava os seus escritos e dizia que os seus manuscritos eram atraentes. O escritor Paulo Dantas ouvia com odio interior. Dava para perceber, mas ele é escritor e tem que ser educado e tolerante. Ela aludia que o seu livro, com uma capa sugestiva podia alcançar sucesso. Ela pediu-me um livro:

— Eu não posso dar o livro, porque o livro não é meu. Eu recebo uma porcentagem dos livros.

O senhor Paulo Dantas deu-lhe um livro e nós saímos para almoçar. O reporter disse-me para eu ir de carro. Obedeci. Tomei um carro e pedi ao motorista que avoasse. Fomos conversando.

.... Chegamos na favela. O motorista ficou horrorizado olhando a favela.

— O que é isso aqui, D. Carolina?

— É o quarto de despejo de São Paulo.

— Credo! Como é que vocês vivem aqui?

— Nós os favelados somos os objetos fora de uso. Vivemos com dificuldades para comer. Temos que lutar como se estivessemos numa guerra.

— E vocês aqui sentem frio?

— Sentimos todas agruras da vida.

Despedi do motorista, paguei 130 cruzeiros, saí correndo e entrei no barraco. Ouvi as vozes dos filhos:

— Olha a mamãe!



Encontrei agua quente. Abui os filhos e troquei-me. Almocei e fechei o barraco e saímos. A Vera queria ir de carro. Eu estava usando sapatos novos... Perguntei as horas no empório do senhor Valentim:

— Três horas.

Tomamos o onibus. Descemos na Rua Libero Batista. Eu ia ouvindo os comentários do "Quarto de Despejo". Assim que entrei na livraria fiquei emocionada com a afluência e já fui recebendo livros para autografar. O senhor Lelio já estava na livraria, os garçons com seus trages a rigor circulavam pela livraria, agitando as mesas para os coqueteis. Eu era alvo dos olhares. O Dr. Lelio de Castro Andrade, o meu ilustre editor, conduziu-me num lugar apropriado para eu autografar. Não fiquei nervosa quando vi afluência. Fiquei alegre. Para uns as frases eram longas, para outros era só *cordialidades*. Os meus filhos percorriam a livraria. Era tantos livros para eu autografar que eu não vi as horas passar. Os reporteres estavam presentes, fotografando-me. A "Ultima Hora" foi buscar alguns favelados para fazer uma reportagem na livraria. Os favelados estavam abismados vendo-me, eu, preta, tratada como se fosse uma imperatriz.

As 16 horas chegou o Ministro Dr. João Batista Ramos. Ministro do Trabalho. Que homem bonito! Que voz! O senhor Ministro estava ansioso para sair, porque tinha programa no rádio. A Vera nos empurrava para olhar o rosto do Ministro e dizia:

— Que homem bonito!

O Ministro sorriu. Repreendi a Vera, para não empurrar o Senhor Ministro.

— Que senhor Ministro nada! Eu sou João Batista.

Escrevi um autografo para o Ministro. Ele saiu com dificuldade devido a afluência de povo. Não foi possível tratar o Dr. João Batista Ramos com mais gentileza. Continuei autografando livros para a mul-

tidão. (...) O Audálio despediu-se e pediu-me um abraço. Quiz mover-me, mas os meus pés estavam adormecidos.

Houve uns incidentes sem importância. Às 9 e quinze fechamos a livraria. O Aldo pagou-me o automovel até a favela. Parei no ponto do bonde para comprar pão e peixe para os filhos. O motorista era japonês. Ficou horrorizado quando viu a favela.

— A senhora com a fama que tem mora aqui? Sorri achando graça do japonês. Deitamos vestidos porque estávamos cansados.

Mas eu estava alegre.

**20 de agosto** ... Fiz café e fui ver se eu estava nos jornais. Os jornais que havia publicado a reportagem era as "Folhas" e a "Ultima Hora". Eu estava no retrato ao lado do Ministro e a Vera entre nós sorrindo. O povo parava para fitar-me como se eu fôsse de outro planeta. Parava para receber os cumprimentos do meu povo, que admirava a minha coragem para citar as verdades.

**21 de agosto** ... Fui encontrar com o reporter. Fomos para a Radio 9 de Julho. Eu ia ser entrevistada no programa dos Estudantes. Cumprimentei os estudantes. Quando fui entrevistada eles perguntaram para os ouvintes quem é que escreveu o livro "Quarto de Despejo". Findo o programa responderam pelo rádio que quem escreveu "Quarto de Despejo" foi Carolina Maria de Jesus. 77 telefonemas. Agradecemos os estudantes e fomos para o ponto do onibus. Iamos para a casa do Correia Leite, (4) na Estrada do Vergueiro. Quando chegamos na residência do Correia Leite relembrei os tempos idos. Eu disse ao reporter que já o conhecia. Ele disse ao reporter que já conhecia-me da Rua Augusta. Fui bem recebida,

(4) Elemento ligado ao movimento cultural do negro em São Paulo. (A. D.)

com alegria de todos. Eu recebia uma homenagem dos pretos de São Paulo. Estavam presentes uns pretos do Rio de Janeiro. Serviram um almôço com discurso. Eu sentei na cabeceira da mesa. A comida estava deliciosa. Dava impressão de estar sonhando. Chegou os repórteres do "Diário da Noite". O "Delegado"<sup>(5)</sup> fez discurso. Disse que havia de sair dos lixos e dos monturos quem ia libertar os homens de côr.

Não é preciso ser letrado para compreender que o custo de vida está nos oprimindo.

**23 de agosto** ... Fui na livraria autografar livros. Os filhos reinavam, brincando no elevador. Admirei a tolerância do Dr. Lelio, que suportou os meus filhos sem protestos. E os meus filhos são de amar-gar. As 18 horas saímos da livraria. Eu estava ansiosa para chegar na favela. Mas estava com receio, devido aos favelados, que estão revoltados porque eu vou enriquecer. (...) Quando eu voltava pra favela ficava apreensiva com receio de um ataque, porque eles podiam pensar que eu estava com todo o dinheiro que a revista "Visão" disse que vou receber. Mas eu não vi favelado lendo a "Visão", por isso eu fiquei tranquila.

... Na rua a Vera parava nas bancas de jornais e dizia:

— Olha o livro da senhora.

Eu autografava os livros e conversava com as pessoas. Mas precisava voltar para a cidade. Eu ia ter mesa redonda com os intelectuais na televisão. O padre Comaru disse-me que vai tomar parte na mesa redonda. (...) Quando chegamos na televisão encontramos o edil Italo Fitipaldi. O Fernando Goes chegou por ultimo. Não cumprimentou-me. O senhor Mario Brasini citava o problema dos desajustados. O diretor do Serviço Social estava nervoso. Fiquei alegre quan-

(5) "Delegado" é um negro muito popular e conhecido nas associações de homens de côr. (A. D.)

do vi a figura simpática do padre Comaru. Com a sua batina preta êle parece São Geraldo.

Quando iniciou o debate o escritor Fernando Goes foi o primeiro a falar. Disse que a verba de um favelado não dá para êle viver numa casa condigna. (...) Falou o vereador Italo Fitipaldi e um médico que disse que a favela é o núcleo das enfermidades. O Padre Comaru fez umas observações sobre o meu livro. Que ninguém dá ratos mortos como esmola. É que êle nunca foi favelado e não conhece as vicinidades. Eu já pedi esmolos. Não sei se foi para agradar que o diretor do Serviço Social disse que a mulher da favela precisa ter um padrão de vida com mais conforto. Foi o unico termo claro que êle disse. Eu levantei e dei-lhe um beijo. O Audálio disse que o meu livro é retrato fiel do que vejo e escrevo no meu *diário*.

Dei graças a Deus quando o padre Comaru debateu e descreveu o abandono dos poderes publicos, que não reajustam os desafortunados, obrigando-os a estudar e aprender officios.

... O que eu sei dizer é que o meu livro está provocando confusão. O vereador Italo Fitipaldi disse que o meu livro é comparado a "Cabana do Pai Thomaz".

Era 23 horas quando terminou a mesa redonda.

**28 de agosto** ... Eu estava preparando o café quando o senhor Giacomo De Camilles chegou. Veio buscar-me para eu ir na igreja do padre João Comaru, em Presidente Altino. (...) Quando chegamos em Presidente Altino o povo estava nas ruas com seus trages domingueiros. Ia realizar o sorteio das casas que o padre Comaru constrói para os pobres. O padre Comaru apresentou-me para as pessoas presentes. Disse que eu escrevi um livro — a degradação de uma favela. Convidou-me para saudar o povo. Subi no palco e disse que admirava o obra meritória do padre Comaru, construindo casas decentes para os pobres.

Estava livrando-os da favela, o ambiente que arruina a moral das crianças.

... Iniciaram o sorteio para os socios que pagam quinhentos cruzeiros por mês para construir as casinhas. O primeiro contemplado foi o senhor Francisco da Silva. (...) A ultima casa foi para o senhor Manoel Freire dos Santos. O motorista que conduziu-me disse ao padre Comaru se era possível arranjar uma casinha para mim. O padre Comaru disse que ia viajar e que não era possível no momento. O senhor Antonio Socio Cabral ouviu e disse que tinha um quarto disponível na sua casa. Que eu podia ficar uns dias até arranjar coisa melhor. E se eu queria ir ver. O senhor Maurício Ferraz de Camargo nos levou no seu auto e o senhor Antonio mostrou-me o quarto, o tanque para lavar roupa e a luz elétrica.

— Serve, Carolina?

— Se serve! Amanhã eu mudo para cá.

Fiquei alegre. Recomendei aos filhos para não reinar. O senhor Antonio apresentou-me a sua esposa, que estava preparando o almoço. Ele disse-lhe que eu ia ficar uns dias na sua casa até arranjar colocação. Fiquei reanimada. Enfim eu vou deixar a favela. Até que enfim chegou o meu dia.

**29 de agosto** ... Fui na cidade avisar o reporter que eu ia deixar a favela. Desci do onibus e fui na banca de jornais olhar as noticias. Assim que o jornalista viu-me disse-me:

— Olha o seu retrato no "Mundo Ilustrado".

Comprei uma revista e avisei o jornalista que ia sair na revista "O Cruzeiro" na terça-feira. Quando cheguei na redação o reporter não estava. Esperei e quando ele chegou eu disse-lhe que ele devia ir comigo no Banco descontar um cheque. Avisei-lhe que arranjei um quarto em Osasco.

...Hoje é a ultima noite que eu vou dormir na favela. Avisei os filhos que vamos mudar amanhã.

Ficaram alegres. Eu disse a D. Alice que vou deixar a favela. Percebi que ela ficou triste. Eu vou dar-lhe o meu barracão. Fui encaixotar os livros. Estou contente. Até que enfim deixo este recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem.

Eu contratei um caminhão para conduzir os meus cacarecos para Osasco.

**30 de agosto** Levantei as 6 horas, preparando as roupas e fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz café e fui comprar pão. Pedi ao Chico para atender-me logo, porque eu ia mudar.

— Para onde?

— Vou residir em Osasco.

Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura, dono da Livraria Boulevard. Veio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros. (...) Ele trouxe uns livros para eu autografá-los. Eu estava autografando quando chegou o reporter Gil Passarelli, das "Folhas", para fotografar-me porque eu vou mudar. O senhor Paulino auxiliou-me, retirando as gavetas pela janela, para ser filmada e fotografada. O Gil despediu-se porque a reportagem ia sair a tarde. Continuei autografando os livros, quando chegou o senhor Pompilio Tostes que veio filmar-me. Ele filmou o barracão por fora. Depois foi filmar o interior, mas não tinha claridade. O João subiu no telhado para retirar umas telhas, para penetrar claridade.

... Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mechido nos meus livros. Xinguei-os. Respirei aliviada quando o motorista chegou. O senhor Milton Bitencourt. Ele ficou receioso quando viu os favelados aglomerados ao redor do barracão. Pedi que fosse carregando os cacarecos para o caminhão.

Os reporteres iam chegando para filmar a minha saída da favela. O João não estava. Ele subiu no telhado e caiu e feriu a perna. Foi para a Central de Polícia fazer curativo. A D. Alice disse-me que os filhos da D. Juana estavam mechendo nos livros. Que confusão!

Mesmo com a confusão eu estava contente. Era a concretização de um sonho. Os reporteres fotografavam e filmavam. O Audálio chegou com o reporter José Hamilton. A D. Alice auxiliou-me a carregar os cacarecos. Entreguei-lhe o barracão e entramos no caminhão. Eu e os dois filhos, porque o João não estava. O motorista estava agitado. A Meyri surgiu e disse:

— Vê se não esquece dos pobres.

A Leila surgiu andando com dificuldade. Veio para instigar os favelados. O motorista partiu com a máquina acelerada. Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. A Chica e a Nair xingavam-me e diziam:

— Você vai embora para não apanhar!

Eu disse-lhe:

— Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me. Pode espancar. Eu vou residir em Osasco. O meu endereço é Rua Antônio Aguiar 833. O Audálio e os outros jornalistas estavam no meio dos favelados. Eu temia uma agressão. Despedi só da D. Alice e da Eunice. O Audálio queria que eu despedisse dos favelados pegando-lhes nas mãos, gesto que eu reprovei.

... As vizinhas de alvenaria olhavam-me no caminhão acenando as mãos. Mas eu vou sentir saudade só da D. Isaltina. Que portuguesa boa! Ela dava comida e roupas para os meus filhos. O caminhão parou

em frente do empório do senhor Eduardo. O João entrou dentro do caminhão e disse-me que veio no carro do Canal 9. Xinguei-lhe e repreendi-lhe:

— Você não devia subir no telhado. Você não obedece. Você devia ter quebrado uma perna para aprender a obedecer.

Dois jornalistas subiram no caminhão para filmar a minha chegada na casa de Osasco. Eu queria esperar o Audálio. Pensei que ele ia noutra direção. O motorista seguia. Eu ia contemplando a Rua Araguaia, a rua que eu percorria para catar papel. A rua do frigorífico que nos dava carne. Passamos na Rua Pedro Vicente e seguimos para a Estação da Luz. O motorista, senhor Milton Bitencourt parou no seu ponto e disse para os seus colegas que ia aparecer na televisão. Um jornalista desceu para telefonar. Um senhor que nos olhava perguntou:

— Isso é despejo?

— Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo.

Sorri achando graça na coincidência. Eu não estava triste. O jornalista que foi telefonar voltou, entrou no caminhão e zarpamos. Eu estava com sono e ia pensando na delícia que ia gozar de poder deitar e dormir sem ruídos, sem a voz ebria do Adalberto. Conversava com os jornalistas, contava as ocorrências da favela. Eu olhava os meus filhos sujos e com os rostos feridos pelas pedradas dos favelados. Era preciso sair da favela.

... Quando chegamos em Osasco eu paguei ao senhor Milton Bitencourt. 2.000 cruzeiros. Foi o dinheiro mais sagrado para mim, porque pagava o seu trabalho de ter retirado-me da favela. A televisão já estava aguardando. Os fotografos fotografou-me perto dos meus cacarecos que achei no lixo. Eu olhava os cacarecos e pensei nos 15 anos que vivi no lixo. Fiquei triste porque o Audálio não estava presente. Pensei: será que ele não queria que eu mudasse da favela!...

Várias pessoas havia dito que o Audálio transformou-me em rato para os gatos. Mas o rato corre mais do que o gato. E eu corri para Osasco. Os visinhos do senhor Cabral afluíram-se perguntando:

— O que aconteceu?

Espantados com o povareu da imprensa.

— É a Carolina que está mudando para Osasco.

— Aquele que escreve? Ah, já sei.

Chegou o repórter José Hamilton e o senhor Gil Passarelli. Perguntei pelo Audálio.

— Ele não pode vir.

Ele não quiz vir. Pensei: ele é enigmático e gosta de ser bajulado. Mas eu é que não vou bajulá-lo. Os fotografos fotografou-me ao lado do senhor Antonio Soeiro Cabral entregando-me a chave. Ele emprestou-me uma cama. Cada gesto do senhor Antonio Soeiro Cabral ia revelando o seu grau cultural, solidiedade de gestos que eu desconhecia no núcleo que eu acabava de deixar. Fui recolhendo os cacarecos. Os repórteres partiram. Eu estava cansada. Ageitei as camas e dei banho nos filhos, que ficaram admirados da água sair quente do chuveiro. Sorriam de baixo do chuveiro. Comeram mortadela com pão e deitaram. Estavam exaustos.

Deitamos e dormimos. Que sono gostoso. A luz elétrica iluminando o quarto. O João sorria porque agora vai poder ler a vontade. Despertei a noite e fiquei pensando na minha vida, que parece uma tragédia. A gente nasce e no decorrer da existência a vida vai ficando atribulada.

Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita.

**31 de agosto** Passei o dia em Osasco. Lavei as roupas que estavam sujas. O senhor Antonio Soeiro Cabral pediu comida no restaurante para mim. Quanta amabilidade! Quanta comida!

Vou preparar as roupas, porque amanhã eu vou a Santos autografar livros na Livraria Recanto do Livro. O senhor Antonio Soeiro Cabral comprou os jornais que citava que eu havia mudado da favela com pedradas. Gesto que eu já esperava: confeti de favelado é pedra.

Fiquei admirada do Audálio não aparecer em Osasco. Será que ele queria que eu ficasse na favela?

**1 de setembro** Levantei as 5 horas, preparando os filhos para irmos a Santos. Estava chovendo. Fomos de trem, porque os filhos diziam que queriam andar de trem.

— Que tal é andar de trem?

Não responderam.

— Eu não disse que um dia vocês iam andar de trem?

Quando chegamos na estação tomamos um taxi até a Livraria Francisco Alves. O senhor Thomaz Parrilho é que vai levar-me em Santos. Fomos até o ponto do onibus. O povo está perguntando porque é que os favelados atirou-me pedras.

... Todos os olhares estavam fixos no meu rosto. O senhor Thomaz Parrilho comprou as passagens e partimos. O onibus ia superlotado. Os filhos iam admirando as ruas de São Paulo e alvenarias de luxo. Cada qual mais bonita que a outra. No Ipiranga eles viram o Museu e o Monumento e a casa de D. Pedro I. Acharam a casa simples e feia. Fomos cantando no onibus.

Quando chegamos em Santos estava chovendo. Tomamos um carro e dirigimos para o Recanto do Livro. O senhor Osvaldo de Oliveira nos recebeu com cordialidades e dirigimos para a Câmara Municipal. Fui recebida pelos vereadores. Fiquei encantada com o luxo da Câmara de Santos. Fui apresentada ao vice-prefeito, que recebeu-me com cordialidade. Tomamos café.

... Fomos no Recanto do Livro autografar o meu livro. As 5 horas da tarde dirigimos para a Associação Ebano Atlético Clube. Fui bem recebida pelos diretores. Todos de côr.

Saimos do Ebano, fomos para o Recanto do Livro. Autografei o resto dos livros e saímos para procurar um onibus. Não encontramos. Alugamos um automovel que nos conduziu até Osasco. A Vera adormeceu dentro do automovel.

**2 de setembro** Levantei as 7 horas. Trocamos e dirigimos para São Paulo de trem. Os filhos que viam insistindo para andar de trem, não apreciaram. Pensei: tem pessoas que ambicionam algo e quando consegue não emociona.

Quando chegamos em São Paulo fui a livraria autografar. Que suplicio. Suportar os filhos. Almoçamos no restaurante. Autografei varios livros até as 5 horas da tarde. Despedi e voltamos para Osasco. Fizesse dias eu tenho andado demais. Que confusões na minha vida. Os retratos nos jornais todos os dias, o povo felicita-me e pede-me para eu continuar escrevendo. Os filhos reclamam que não gostam das comidas dos bares. Vou cosinhar para eles.

**3 de setembro** De manhã o Senhor Antonio Soeiro Cabral conversou comigo. Ele está horrorizado porque o Audálio não retirou-me da favela.

— É que o Audálio é sosinho para escrever e não tem tempo para arranjar uma casa para mim. Preparei os filhos e fomos para a cidade. Varias pessoas parava e perguntava se eu sou a autora do "Quarto de Despejo". Elogia o livro. Fico contente porque ainda não vi critica desabonadora. Eu passava pelas ruas e o povo ia dizendo:

— Olha a escritora.

... Dirigimos para a redação do "O Cruzeiro". O Audálio disse-me que eu ia ser entrevistada pelo

reporter do Laife<sup>(6)</sup>. O Senhor George Torok deu varios gibis para os meus filhos. Eles ficaram contentes e dirigia uns olhares meigos ao Senhor George Torok. Despedimos e voltamos para Osasco. Voltamos de trem.

Com esta vida atribulada que eu levo estou cansada, mas os meus esforços são compensados porque o meu livro é o mais vendido.

... Fui ver o reporter, ele disse-me que eu vou receber o dinheiro da primeira edição dia 5. Dá para dizer:

É... dia 5!

**4 de setembro** Eu não vou sair. Conversei com o Senhor Antonio Soeiro Cabral sobre a condição de vida que eu estou levando. Ele disse-me que acompanhame amanhã até a Livraria. Eu estou cansada. Passei o dia lavando as roupas. Estou apreciando Osasco por causa da tranquilidade e o ar puro. Dá a impressão que eu sai do inferno e estou no ceu. Os vizinhos olham-me e sorri. As crianças são em numero menor porque não vivem nas ruas.

**5 de setembro** Levantei as 6 horas, preparei café para os filhos comprei pão, preparei o almoço e dirigimos para a cidade. Estou alegre. Quero organizar a minha vida. Dirigimos para a Livraria, eu fiquei na portaria aguardando a chegada do Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ao meio dia ele chegou. Apresentei-lhe para os funcionarios da livraria e disse-lhes:

— É este homem que deu-me um quarto em Osasco.

Galgamos no elevador até o terceiro andar. Apresentei-lhe para o Dr. Lelio de Castro Andrade. Ele perguntou ao Dr. Lelio por que é que ele não retirou-me da favela antes de editar o livro.

(6) A autora refere-se à revista norte-americana "Life", cujo nome portuguêsou. (A. D.)

O Senhor Antonio Soeiro Cabral continuou dizendo que eu devo depositar o dinheiro num Banco e ser a dona do meu dinheiro <sup>(7)</sup>.

Que ele havia escolhido o Banco I... O Audálio não estava. Eu havia telefonado para ele que o Dr. Lelio já estava na livraria. O Dr. Lelio resolveu pagar sem a presença do Audálio. O Senhor Antonio Soeiro disse-lhe que não tinha pretensões de interferir-se nos meus negócios. Reconhecia que eu não posso viver como estou. Que ele não aprovava o descaso do Audálio não comparecendo em Osasco.

Eu pedi para ele levar o dinheiro, que eu tenho medo de andar com somas elevadas. Ele telefonou para o seu amigo vir até a livraria para nos acompanhar e ser testemunha que ele havia depositado o dinheiro. Citou os lugares que já trabalhou. O Audálio chegou. Apresentei o Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ele disse-lhe que o dinheiro devia ser depositado no Banco I... O Audálio não se opôs.

Quando eu seguia pelas ruas o povo reconhecia-me. No Banco fui apresentada para o irmão do Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ele contou o dinheiro. Eu tirei 20 mil cruzeiros para gastar. Recebi um talão de cheque emocionada, porque eu não pretendia ganhar tanto dinheiro assim. O João olhava o dinheiro e sorria. A Vera demonstrava alegria e dizia:

— Agora eu tenho dinheiro para comprar sapatos.

O gerente deu o talão comprovante e um de cheque:

"Banco I... S.A. — Serie B. N.º 864.081 a 864.090.

Nota: estes cheques só puderam ser usados pelos próprios correntistas". Depositei 176.000 cruzeiros.

(7) Foram muitas as pessoas que apareceram, depois da publicação do livro, querendo proteger a "pobre favelada". (A. D.)

O Dr. Lelio deu-me a conta do que venho recebendo do meu livro "Quarto de Despejo", primeira edição — 10.000 exemplares a 24 cruzeiros: <sup>(8)</sup>

10.000
24,00
40 000
200 000
240.000,00

Eis o total que recebi do meu livro. A favela deu-me aborrecimentos e um fim maravilhoso.

Saimos do banco fomos até a redação dos Diários. O Audálio ia conversando com o Senhor Antonio Soeiro Cabral. Eu queria ouvir o que eles diziam, mas precisava olhar os filhos que ficavam atrás.

Na redação encontrei o reporter David St. Clair, que queria fazer uma reportagem comigo para o *Laiife*. Ele interrogou-me. Perguntou-me onde nasci. O Senhor Antonio Soeiro Cabral ficou na sala para ouvir os interrogatórios do reporter. Mas que reporter! Eu tive a impressão que estava na presença de um juiz.

Combinamos que eu devo ir na favela amanhã para ele fotografar-me. Despedi. Sai com o Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ele pagou o automovel até Osasco.

**6 de setembro** Tomamos o bonde. Quando cheguei na redação encontrei o reporter David St. Clair. Perguntei-lhe por que é que ele é St. Clair, que este nome é francez. Ele disse-me que é inglez. Tomamos um carro e dirigimos para a favela. Passamos na delegacia para pedir ao delegado dois soldados para nos acompanhar até a favela.

(8) A autora refere-se à importância equivalente a 10 % do preço de capa. (A. D.)



O delegado foi gentil e nos deu dois policiais. A Vera estava alegre porque estava usando vestido novo. Ela foi procurar Dona Alice a primeira mulher que eu comprimentei. Fui ver o meu barracão. A Dona Alice desmanchou o quartinho onde meus filhos dormiam. (...) O fotografo George Torok fotografou-me. Quando a notícia circulou que eu estava na favela, os favelados afluiram-se. O Audálio disse-me para eu não dizer nada para a Leila. Foi ela que instigou os favelados a apedrejar-me.

... O Audálio e o St. Clair foram ver a Leila. Os favelados acompanhavam. A Leila recebeu-os mal. O Joaquim olhava-me espantado. O Adalberto vagava com o seu andar oclante por deficiência alimentar. ... O reporter nos conduziu para a churrascaria na Avenida Duque de Caxias. Os pratos foram variados. O José Carlos molhava o pão no guaraná. Comendo aquela comida granfina, eu pensava nos favelados. E cheguei a conclusão que quem está na sala de visita não sofre, e se sofre, o sofrimento é suave. Eu repreendi os filhos para comportar-se na mesa. A Vera estava alegre, porque é vaidosa. Olhava as mesas com suas toalhas nivas e sorria. O João estava alegre porque o panorama trágico da nossa vida desapareceu. Ele agora sabe que pode almoçar e jantar todos os dias.

Eu estava confusa com os modos peralta dos filhos. O St. Clair disse-me:

— As crianças são iguais em qualquer parte do mundo.

... Eu ia voltar em Osasco para deixar os filhos, porque ia voltar na cidade para ir na Faculdade de Direito. O reporter David St. Clair acompanhou-me. (...) Ele achou que eu estou distante da cidade. Ficou horrorizado quando viu o quartinho que eu estou residindo. Voltamos no mesmo automovel. O reporter David St. Clair disse-me que vai levar-me nos Estados Unidos depois que eu publicar outro livro.

Quando chegamos na cidade êle despediu-se dizendo que ia comprar um tecido para fazer um agasalho, porque êle quer um capote para o inverno. Ele vai nos Estados Unidos no natal. E lá, no natal, tem neve. Ele vai ver a sua mãe. Disse que já faz quatro anos que não vê a sua mãe. Ela é muito boa. Ele seguiu na minha frente e foi distanciando-se e mesclou-se com a turba.

Fui para o "Cruzeiro" falar com o reporter. Ele estava escrevendo. As 7 horas dirigimos para a Faculdade de Direito. Encontramos o escritor Paulo Dantas. Quando chegamos na Faculdade, os estudantes estavam nos esperando. Fizeram alas para eu entrar. Fui introduzida no salão de honra. Que beleza! O Senhor Valdir presidente da Academia de Letras da Faculdade apresentou-me ao publico e disse que eu ia receber o diploma de membro honorário da Academia da Faculdade de Direito. Que aquele diploma estava reservado ao escritor Jean Paul Sartre. Mas, devido o escritor francez ter muitos compromissos, não lhe foi possivel comparecer e êles resolveram oferecer-me. E disse:

— A França tem Sartre, nós temos a Carolina!

Olhando aquela juventude fiquei com dó deles. Pensei em tôdas as calamidades que há na terra. O custo da vida, é o flagelo da atualidade. O outro flagelo é a guerra porque dizima a juventude. A guerra tem que ser abolida da face da terra. O homem tem que resolver os seus problemas apoiado na paz.

... Varias autoridades estavam presentes e o auditorio superlotado. O Audálio fez a apresentação. (...) Os estudantes perguntaram os fatos da favela. Eu ia respondendo. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram porque é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma da Academia? Foi vaiado. Citaram-lhe que êles ali não admitia preconceito de côr. Perguntaram em quem vou votar.

— Eu ainda não decidi.

O senhor Valdir encerrou a festa. Para mim foi uma festa. Fiquei pensando na confusão da minha vida. Eu não tenho diploma de Grupo Escolar e tenho da Academia da Faculdade de Direito. Aos acadêmicos, aos futuros defensores da lei, o meu eterno obrigado. Espero que o mundo para eles seja um mundo melhor do que o nosso da atualidade. Vivemos intranquilos com os perigos da época. Vou descreminar os perigos:

- 1 — a fome, proveniente do custo de vida.
- 2 — devido o custo de vida o pobre não pode residir numa habitação condigna. Tem que residir nas favelas.
- 3 — a guerra. A guerra não beneficia ninguém. Dizima os países, empobrece o mundo e ceifa milhões de vidas preciosas. As cidades são bombardeadas e as bombas destroem tudo. Depois da guerra tudo tem que ser reconstruído porque as nações não estinguem-se.

Quando despedi dos estudantes estava emocionada. A Dona Brasília Pagani deu-me um pacote. Ela estava contente naquele núcleo culto. Eu pensava: será que entre este povo culto reina a paz e a harmonia? Será que as pessoas do lado de cá são boas ou perversas? A Faculdade estava superlotada. Os estudantes espalharam pelas ruas uns boletins que dizia:

“Esta Faculdade, que já libertou os escravos, precisa libertar os favelados.”

**9 de setembro** A Vera diz: — Agora nós somos ricos porque temos o que comer até encher a barriga.

Ele dá risada. Vendo-a sorrir eu fico contente e penso em Deus. Ele escreveu outra peça para eu representá-la no palco da vida. Aquela peça de morar na favela e ouvir aquela canção que o custo de vida compôs:

“Eu estou com fome”.

Liguei o rádio para ouvir a hora certa, porque hoje eu vou na livraria do Mestre Jou autografar o meu livro. Fui de ônibus. Fico horrorizada vendo o sacrifício dos operários para tomar condução de manhã, para ir trabalhar. Uns vão de pé, outros vão sentados. Quando eles chegam ao trabalho já estão exaustos. (...) A vida de um operário é dura. Com D mauzeu.

... Quando cheguei o Mestre Jou já esperava-me. Ele disse-me que eu ia para a livraria da Rua Augusta. Quando cheguei na livraria vi uma vitrine com o meu livro e uma faixa que anunciava a minha presença. Autografei até as 22 horas.

**10 de setembro** ... Hoje eu vou autografar na livraria da Rua Augusta, a convite da irmã do senhor Giacomo de Camillis. Quando cheguei na livraria era 8 e meia. Comecei autografar o meu livro. Ao meio-dia eu despedia, chegou um jovem e pediu-me para eu autografar-lhe o livro. Deu-me o seu nome: Eduardo Suplicy Matarazzo. Ele convidou-me para eu ir almoçar na sua casa. Aceitei o convite. Ele foi telefonar a sua irmã Marina Suplicy Matarazzo, para vir buscar-me de automovel, porque ele estava de lambreta. A dona da livraria ofereceu-me dinheiro, eu não aceitei. O que eu notei de espetacular foi uma senhora que trabalha na livraria. Ela fala sete idiomas e canta e toca piano. É do Egito. Disse-me que decende dos faraós. Que vivia na opulência. Descreveu-me seus castelos e os seus criados. E a sua queda financeira, que a política derrotou-a. Que eles eram refugiados e permaneceram em varios países e ela aprendeu os idiomas. Chega um inglez, ela fala inglez, chega um russo, atende em russo. É viuva e foi empregar-se para viver. Ela é inconformada com a existencia. Pediu-me para arranjar-lhe um emprego na televisao. Ele deu-me o seu cartão.

O automovel chegou. Despedi e dirigi para a mansão da Avenida Paulista. Eu ia conversando com

a jovem Marina Suplicy Matarazzo, que ia relatando as belíssimas qualidades de sua mãe que tem 11 filhos. Que é muito sensata e que é boa para o seu pai. Admira o seu pai, que tem coragem de criar 11 filhos com todo o conforto. Que o seu pai é um herói.

Quando cheguei na belíssima residência do senhor Paulo Suplicy fiquei abismada vendo aqueles quadros. Mas que quadros! Fui apresentada a senhora Filomena Suplicy Matarazzo, vi a sua nora e os outros filhos que foram chegando. (...) Estava presente o senhor Coriolano de Araujo Goes. Quando pronunciaram o seu nome na mesa, fiquei surpreendida e perguntei-lhe:

— Então é o senhor que foi comissário no Rio de Janeiro?

Ele confirmou. Falamos de sua luta e ele está horrorizado com o custo de vida para os pobres.

... A refeição estava ótima. A D. Filomena foi mostrar-me a casa e os criados. Pretos e brancos. A cosinheira é preta e o senhor Paulo Suplicy disse-me que gosta muito dela porque ela está sempre alegre e é de confiança.

Despedi de D. Filomena, porque precisava falar com o reporter. O senhor Eduardo Suplicy prontificou-se a levar-me na Livraria Francisco Alves. Quando chegamos a livraria estava fechada, porque hoje é sábado. Mostrei minha vitrina para a senhorita Marina, que ficou horrorizada, porque ela ignora os dramas dos pobres.

**17 de setembro** Não tenho tempo para escrever o meu *diário* devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convide que atendo com todo o prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O reporter disse-me que este entusiasmo do povo passa.

Fui autografar livros em Mogi das Cruzes (...) O senhor Antonio Soeiro Cabral não reclama a nossa permanencia na sua casa. Dia 17 de setembro fui com o reporter em Bauru. Dia 21 de agosto eu mudei para a Rua Antonio Agu, 908 e comprei moveis de quarto, cosinha e sala. (...) O quintal estava superlotado de lixo. O dono da casa, senhor Victor, ficou admirado de ver eu trabalhar com tanto afan. Recebi a visita do jornalista Renato da "Gazeta". Ele disse-me que eu não devo aceitar as imposições do editor para autografar livros. Que eu não sou obrigada a comparecer. Ele deixou um bilhete para eu ir procurá-lo na rua Barão de Itapetininga.

A casa estava em desordem. Procurei uma empregada para auxiliar-me. O José Carlos arranjou uma senhora branca, D. Helena. (...) Quando eu fui em Sorocaba ela não tomou conta dos meus filhos. A Vera ficou com uma senhora, paguei-lhe 200 cruzeiros. Fui a Sorocaba com o academico Paulo Breda Filho. Que homem agradável! Fomos de carro. Ele guiava. Eu ia olhando as paisagens deslumbrantes e as plantações de uva, nas imediações de São Roque. Tem varios restaurantes na estrada. Contei 45 igrejas e capelas na beira da estrada. É que os habitantes de sítio não tem distração a não ser a religião. Por isso é que os habitantes dos sítios são humildes. Na rodovia os restaurantes anunciam frango assado. O Dr. Breda Filho levou-me num restaurante para eu almoçar. A dona do restaurante olhava-me. Para dissipar a sua duvida eu disse-lhe que ela já havia visto-me na televisão. Ela recordou e disse:

— Carolina Maria de Jesus, a senhora que escreveu um livro!

O senhor Paulo Breda Filho ia citando que a maior região vinicola de São Paulo era São Roque. Ele comia o frango desinteressado e eu comia com gula e com avidez. Ele ofereceu-me vinho, recusei porque eu não quero amizade com bebidas alcoólicas.

Quando chegamos era 3 horas. Fui para a livraria Gutierrez. Fui recebida com aplausos e fui autografar os livros. Dei entrevista na Radio. Fomos no Centro Acadêmico Rubino de Oliveira, que estava superlotado. Fui aplaudida. O Dr. Paulo Breda Filho apresentou-me a assistência. Eu estava alegre porque não estava com fome. (...) Depois do debate fui escrever no livro de visitas. Encontrei a assinatura de D. Pedro II.

Os debates foi animado. Falamos do problema dos favelados. Um senhor ofereceu 10 lotes de terra para ser distribuído aos favelados.

Fui dormir na Escola Monteiro Lobato. Só para meninos. Uns são orfãos, outros são abandonados pelos pais. Fico pensando na ação infame da mulher que abandona o filho. A Dona Avelina Garcia é a zeladora do Orfanato.

... De manhã eu fui ver as crianças. Admirei a refeição matinal para as crianças: leite puro e pão com manteiga. (...) A Dona Avelina mostrou-me o interior do Orfanato. Tem 15 alqueires de terra que ela cultiva. Planta arroz e feijão. Pediu-me para arranjá-lhe um trator. Prometi arranjar. Fiquei pensando no valor do homem do passado, que contava com os seus próprios braços. O homem do passado é que se alimentava com o suor do seu rosto. Os atuais tem as máquinas. As colheitas são mais fáceis.

Já que as colheitas são mais fáceis, então não há razão para elevar-se os preços dos generos alimentícios.

Fui na lavanderia. Duas mulheres lavavam as roupas das crianças. E ferviam num tacho. Olhei as duas mulheres. Davam a impressão de ser dois esqueletos trabalhando. Cumprimentei-as, elas não deu-me atenção. A Dona Adelina disse-lhes que eu sou escritora. Elas ouviam, dizendo:

— Hum! Hum! Hum!

Abri a bolsa e dei-lhes uma cedula de 1.000 cruzeiros. E disse-lhes:

— É para vocês.

Ela pararam bruscamente, olharam a nota de mil cruzeiros. Depois olharam-me. E sorriam. Pensei: Ah, dinheiro... invenção diabólica que escraviza o homem e liberta o homem.

... Tenho que voltar a São Paulo para ir no Baile da Primavera no Salão de Festas Fazano. (...) Fomos de onibus porque não tinha automoveis. Os motoristas estavam em greve. Quando cheguei no salão fiquei abismada com o luxo do elevador do Clube Fazano. É maior do que o meu ex-barracão. A escada é forrada com veludo, as mesas são adornadas com flores. A esposa do senhor George Torok estava alegre. Contei três senhoras brancas. Todos olhavam a minha mesa. O reporter chegou tarde. O senhor Silva Netto, reporter da "Manchete", estava alegre e atencioso. Fiquei contente quando o reporter chegou. Iniciaram a coroação da Rainha. Eu correei a Rainha, a senhorita Ester Brasil. E o senhor Silva Netto coroou a princesa. A senhora Aparecida de Campos saudou a Rainha. Eu era o alvo dos olhares por causa do meu livro. O sono dissipou-se. Fiquei conhecendo o diretor do Fidalgo Clube.

... Eu estive em Bauru com o reporter. Fui bem recebida pelos vereadores e o ilustre poeta Nidval Reis. Que homem amavel. Almoçamos no Clube de Campo. Que clube magnifico! Um fotografo acompanhava-nos. Fomos na Camara Municipal e na Televisão. (...) Eu estava conturbada por causa da viagem de avião. Tinha impressão que estava no espaço. Quando fui jantar estava sem fome, mas guardei uns pedaços de frango para comer se tivesse fome.

... Passei a manhã de domingo na residencia do poeta Nidval Reis. Sua ilustre esposa preparou um

almôço para nós. Mas que almôço! (...) Ao meio-dia fomos para o campo de aviação. O poeta Nidival nos acompanhou e nos fotografou ao lado de uma primeira em flor. Eu olhava as flôres vermelhas, a minha côr predileta. A minha vista percorria aquelas terras. Que imensidade de terras há no meu Brasil. Não é necessário existir favela neste país, nem o custo de vida tão elevado.

Fomos sentar no alpendre enquanto aguardávamos o avião. Conversei com as pessoas presentes e recitei uns versos. Fiquei assustada quando ouvi o ruído do avião. O meu coração foi murchando igual uma bexiga quando vai expelindo o ar.

Despedimos do poeta Nidival Reis e penetramos no avião. Ele oscilava. E eu xingava no pensamento, dizia comigo: eu não vou escrever mais! eu vou voltar para a lavoura! Pensava nas pessoas que morreram nos aviões. O Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, o Dr. Casper Libero, o jornalista Benjamin Soares Cabello e outros. Carole Lombard. O reporter ia encorajando-me. A volta foi pior porque havia nevoa seca. Que alívio, quando eu li — "Aperte o cinto". Então chegamos em São Paulo.

... Fui tomar o ônibus para ir a Osasco. Os filhos queixou-se que o visinho dos fundos espancou-os porque eles pularam o muro. É que o visinho é implacante. Eles não atinge o muro do visinho. O homem xingou os meus filhos. Disse-lhes que nós somos vagabundos que estamos habituados a comer coisa do lixo.

Não preocupei com as confusões.

... Eu estive em Bauru dia 24 de setembro. Em São José dos Campos, dia 17. Autografei livros, visitei collegios, fui saudada pela fanfarra. Os meus filhos apreciaram. Visitei um collegio de meninas e recitei. Quem acompanhou-me foi o Dr. Alvaro Gonçalves. Que preto distinto!

Eu encontrei o jornalista Mauricio Loureiro Gama. Ele convidou-me para eu ir no seu programa Edição Extra, na Televisão.

O "Time" de 26 de setembro publicou uma reportagem para mim na pagina 20. Quem fez a reportagem foi o reporter David St. Clair. (...) Eu recebi convite para ir na Associação Cultural do Negro, no prédio Martinelli, no dia da Mãe Preta. Ganhei um jôgo de chá. Os componentes do Teatro Experimental do Negro cantaram um samba para mim.

Eu estou residindo na Rua Antonio Agu, 908. A casa é nos fundos. Dois comodos e cosinha.

Vou reiniciar o meu *diário*, dia a dia, porque aquela agitação está diminuindo.

**16 de outubro** Levantei as 5 horas. Acendi o fogão a gás e fiz o café. Os filhos estão comendo pouco. Eles trocaram roupas. Hoje eles vão no cinema. A Dona Rosa, uma professora que é dona do Salão Grenat, veio visitar-me. Ela escreveu um documentário de sua aluna e deu-me para eu ler. É muito bonito. Está escrito há 10 anos.

... Eu fui na feira ver se comprava camisas para os filhos. Não encontrei camisas do meu gôsto. Comprei adorno para a Vera porque vamos no Rio amanhã. Comprei jornal para ver a classificação do meu livro. Está no primeiro lugar.

**17 de outubro** ... Chegou um senhor que veio pedir-me para eu escrever uns versos para ele gravar uns discos, que está desempregado. Que assim como eu venci na vida ele também há de vencer. É compositor. Dei uns versos para ele cantar. Cantou. Ele não conhece ritmo. Percebi que ele é um tipo que quer serviços leves. Eles esquece que homem, para vencer, tem que enfrentar...qualquer especie de trabalho.

**19 de outubro** ... Alguns criticos dizem que sou pernostica quando escrevo — os filhos *abluaram-se* —

Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?

**21 de outubro** Levantei de manhã e escrevi até o astro-rei despotar. Fiz café e comprei leite para os filhos. Eles abluíram-se. (...) Estava ajeitando a casa quando chegou o preto Roberto. Ele está desempregado. Dei 1.000 cruzeiros para o preto Roberto, porque ele queria suicidar-se. Que baixeza! Um homem forte no físico e fraco nas resoluções.

**24 de outubro** ... As 11 horas chegou o Rubens. Disse-me que conseguiu 170.000 cruzeiros emprestado com o seu tio e quer que eu lhe empreste 180.000 cruzeiros, que ele quer comprar um caminhão. O caminhão custa 350.000 cruzeiros. Eu nunca pedi dinheiro emprestado para ninguém. Pedia pão para os meus filhos e sobra de comida.

... Eu disse que estou juntando dinheiro para comprar uma casa ou um sítio, porque as coisas vão piorar e eu quero ter terras para plantar. Ele disse-me que arranjou um emprego num escritório e precisa de 3.500 cruzeiros para dar de fiança. O João disse-me para eu não dar-lhe dinheiro.

**26 de outubro** ... O reporter convidou-me para irmos no Banco. O número do meu depósito em conta corrente é 36.427. Depositei 150.000 cruzeiros. Conversamos com os bancários. Eles congratularam-se comigo. Despedimos dos bancários e fomos para a reunião. Eu estava conversando com o reporter. Falamos do pai da Vera. Ele vai dar-me uma caneta. Quero duas. Uma para o reporter.

— Agora ele quer dar caneta?  
A porta abriu e o David St. Clair e outro senhor entraram-se.

— Oh! — exclamei contente. E dei um abraço no David St. Clair.

... Propuz ao David St. Clair para irmos na Livraria. Eu ia escrever um artigo. Despedi do reporter e saí com o David St. Clair. As pessoas que abordava-me eu parava e apresentava o David St. Clair e dizia:

— Ele é o reporter do "Time".

Ele sorria. Apresentei-o na livraria da Praça Ramos. Paramos para comprar a "Tribuna da Imprensa", mas já estava esgotada. Chegamos na livraria eu apresentei-o:

— Este é o reporter do "Time".

... Saimos da livraria. Despedimos e ele disse-me:

— No Rio você vai jantar comigo.

**27 de outubro** ... Fomos na Televisão Canal 2 ver a Dona Suzana Rodrigues que convidou-me para tomar parte no seu programa. Sentamos na sala de espera. Conversei com as ilustres senhoras que estavam presentes. Falamos da transformação da minha vida. As mulheres dizia:

— Você deve adorar o reporter. Que homem bom!

— Ele faz tudo de graça para a senhora?

— Faz. O que ganho num mês ele ganha em 6 meses. Tem dia que o reporter diz que o seu ordenado é pouco e eu digo: sinto não poder dizer-te o mesmo.

As mulheres sorriam. A Dona Suzana Rodrigues disse-lhes que eu tenho mais dinheiro do que ela. Mostrei-lhe os recibos dos bancos. Ela disse-me para eu ter cuidado.

— Não tem perigo.

... Disse-lhe que quando recebo 100.000 cruzeiros, recebo 200 mil de aborrecimentos. Estou angariando amigos e inimigos, porque não posso satisfazer certos pedidos impossíveis — Há os que querem casas, há

os que querem caminhões. Percebo que todos desejam algo, mas eu não posso solucionar. Eu tenho que lutar pelos meus filhos.

**28 de outubro** Levantei as 7 horas porque deitei tarde. Preparei a refeição matinal. Pão, café com leite e aveia. Como é bom ter o que comer. Eu compro verduras, ovos e frutas. A minha pele está renovando, estou engordando.

... Pedi ao João para varrer a casa e o quintal. Não quis. Ele está nervoso porque eu disse-lhe que vou casar com o David St. Clair.

— A senhora casando com o David St. Clair o dinheiro dos livros é dele. A lei dá direito ao homem e eu queria e quero ser o herdeiro dos direitos dos livros.

Fiquei horrorizada. O meu filho está ao par do Código Civil melhor do que eu.

**29 de outubro** ... O João quando fica zangado comigo procede assim. Se peço para fazer um serviço, diz que não gosta de mim. Eu pergunto porque é que ele me trata assim. É que eu brinquei com ele que vou casar com o David St. Clair e ele não quer. E deu-me ordem para não falar em casamento, que sou velha e muito feia.

Recebi a visita de uma senhora por nome Arlete. Disse-me que é amiga da Dona Rosa — mas que amiga... Falou que a Dona Rosa é rica, mas é muito segura. (...) A mulher prosseguiu dizendo que foi casada e separou-se do seu espóso. Saia para trabalhar e deixava suas filhas com a empregada. Ela é de Recife. E foi lá de avião e gosta de viajar de avião. Eu disse-lhe que vou no Rio de Janeiro. Vou de ônibus. Eu gosto por causa das paisagens. (...) Dei graças a Deus quando a mulher despediu-se.

... Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita — uma sala que estou procurando um lugar para sentar.

**30 de outubro** Levantei as 5 horas, preparando-nos porque hoje eu vou na festa da "Última Hora", no Alto do Ipiranga. Fui preparando o almôço e trocando as crianças.

A Dona Rosa e o Juvenal vai ver a festa. Eu vou com todo o prazer porque é festa do jornal. O Juvenal foi o primeiro a chegar. Depois chegou a Dona Rosa. Um senhor e um menino veio visitar-me. Eu conversei com eles no ônibus. Ele disse-me que admira o meu livro. (...) Quando descemos do ônibus levei o Juvenal na livraria para ele ver a minha vitrina com os meus cadernos sujos e velhos. Ele gostou do meu quadro.

... Quando chegamos no Museu não vimos sinal de festa. Perguntei a um guarda onde era a festa. O guarda respondeu:

— No Monumento.

Descemos para o Monumento. Os filhos queriam ver a casa do D. Pedro I. A Vera perguntou ao guarda:

— Seu guarda, o D. Pedro está?

O guarda sorriu e disse:

— Ele está viajando.

Ela correu na minha direção dizendo:

— Mamãe, o guarda disse que o D. Pedro está viajando.

Entramos na casa de D. Pedro, os filhos ficaram admirados do primitivismo. A candeia a óleo, as malas de couro, as camas, os arreios, as selas. Objetos que representa uma época distante. Naquele tempo o Brasil era pobre, porque o nosso ouro ia para Portugal. Hoje o Brasil é pobre porque as verbas do País não vai para o Tesouro. Vai para os bolsos dos maus políticos que duplicam dia a dia igual as estrelas do céu.

Saimos da casa de D. Pedro, dirigimos para o Monumento. Vimos a tendinha da "Última Hora". Os jornalistas começaram aproximar-se para nos cumpri-



mentar. Os artistas foram chegando e ficaram entre o povo, porque a D. D. P. — Divisão de Diversões Publicas queria impedir os festejos. O animador da festa foi falar com o diretor da Divisão de Diversões Publicas, deixando o povo a espera. Nós que estávamos ali eramos amigos da "Ultima Hora". Se eles fossem presos, o povo acompanhava-os. Percebi que "Ultima Hora" é querida do povo e patrocinando estes espetáculos ao povo vai angariando mais amigos. Bello gesto da "Ultima Hora", porque o custo de vida impede o povo de frequentar teatros.

Fiquei horrorizada vendo a Dona Lei intervir-se numa festa inofensiva.

Quando o espiquer apresentou-me no palco eu disse que o meu sonho é ver o custo de vida ao alcance de todos. Temos que lutar unidos para subjugar este flagelo.

Os artistas foram para o palco depois que o diretor da Diversões Publicas deu permissão. Ele resolveu ceder por causa da multidão. (...) A Ruth de Souza disse-me que quer filmar o meu livro. Eu disse-lhe quem quem soluçona tudo que refere-se comigo é o reporter.

— Vou procurá-lo.

Saí e voltei com o reporter. Ele citou que está preparando os "scripts" e dá preferência a ela. Ela deu o seu endereço para o reporter. Ela ficou alegre e agradeceu.

... O conjunto do Teatro Experimental do Negro cantou o samba "Quarto de Despejo".<sup>(9)</sup>

**1 de novembro** ... O João tratou dos dentes. Quando acaba de comer vai olhar no espelho para ver se o ouro saiu. Ele pensa que é importante. É a ingenuidade. Eu tenho dó das crianças.

(9) Samba de autoria do compositor B. Lôbo, em homenagem a Carolina. (A. D.)

... Vou cosinhar feijão. Os filhos não comem sem feijão. O feijão para eles é o prato de Gala. A Vera quando vê comida, canta.

**2 de novembro** Levantei as 3 horas para escrever e ler um pouco, porque não tenho tempo durante o dia. Porque os meus filhos reinam muito. O José Carlos fala:

— João, você precisa comportar-se melhor para não deixar a mamãe nervosa. Ela tem um coração e o coração é o relógio do corpo humano. Esse relógio pode parar um dia. É um relógio que não tem corda.

Passei o dia cuidando das roupas dos filhos, porque nós vamos ao Rio de Janeiro no dia 7. Eu não sabia que hoje é feriado, mas o meu visinho deu-me a honra de vender-me leite, pão e agucar.

Abri a porta da frente e vi o bom povo de Osasco percorrendo as ruas conduzindo flôres aos seus entes amados que deixou este mundo para sempre. Do jeito que o mundo vai... dia chegará em que havemos de dizer:

— Viva os mortos!

**4 de novembro** ... De manhã recebi a visita do senhor João José Fech — economista. Veio propor-me se quero ser socia numa fabrica que êle vai abrir. É uma fabrica de armação para guarda-chuva. Eu não tenho dinheiro para investimentos. A unica coisa que eu quero é comprar uma casinha. Eu sei negociar, mas não quero porque o meu ramo são os livros.

O senhor João disse-me que é casado com judia. Que a raça judaica é unida e que eles auxiliam-se. São unidos porque seguem os preceitos de Moysés, que aconselhou-os para ser unidos.

**6 de novembro** ... A Dona Rosa veio visitar-me. Convidei-a para ir comigo a televisão. (...) Eu ia mandar os filhos ao cinema, mas eles estão reinando muito. Esquentei agua para abluir-los e preparei janta

para êles. Troquei-me e saímos. O senhor Joaquim Rosa saiu conosco, mas desistiu de nos acompanhar aludindo que estava com frio. (...) Quando chegamos na Televisão fui encontrando as pessoas amigas. O notavel Helio Souto foi gentilissimo. Eu disse-lhe para pedir ao reporter o conto que escrevi — "A Felizarda" — para radiofonizá-lo. Expliquei-lhe a historia. Ele organizou uma favela no estudio com um varal de roupas velhas. A D. Carmelia Alves cantou uma samba para iniciar o programa. Percebi que o meu livro deu muitos derivados. Estou contente. A televisão estava animada. O senhor Helio Souto enalteceu o meu livro e fez uns comentarios. Despedi dos artistas e do senhor Helio Souto. Quando chegamos em Osasco era 23 horas. Despedi da Dona Rosa e entrei. Fui preparar a minha bagagem, porque amanhã eu vou ao Rio.

**7 de novembro** Despertamos as 3 horas da manhã. Mandei o João ligar o radio para ouvir as horas. Era 3 horas. Fiz café, o João foi trocar-se. Despedi o José Carlos e a Vera. Fechamos a casa e fomos para o ponto de onibus.

... A condução dos operarios estava superlotada. Que sacrificio para colocar a mala. Uns iam sentados, outros de pé. Reclamavam que a minha mala estava obstruindo o espaço. Eu disse que ia viajar.

— Onde vai?

— Ao Rio de Janeiro.

— Onde é que vai hospedar-se?

— No Hotel Serrador.

O preto jocososo que me interrogava, sorriu. O eco de sua gargalhada fez com que outros olhassem. Ele continuou interrogar-me:

— Quem vai hospedar-se no Hotel Serrador não viaja de onibus. Quem hospeda-se no Hotel Serrador viaja só de cadilac.

Os passageiros sorriam.

— É que o dinheiro que eu tinha para pagar o automovel emprestei para um senhor que está desempregado.

O preto continuou. Ele foi contando anedotas e os passageiros sorriam. Quando chegamos na cidade dirigimos para a livraria. As malas estavam pesadas. A livraria estava fechada. Bati. Não atenderam. O senhor Assumpção ouviu o ruído dos filhos, desceu e abriu a porta, dizendo que sabia que eu ia ao Rio. Que o Dr. Lelio de Castro havia deixado 3 passageiros.

... Tomamos um taxi. Paguei 38 cruzeiros. Na empresa Auto-Onibus fui reconhecida por varias pessoas. Cumprimentei-as e fui escrevendo a poesia "Noivas de Maio" para ler na Televisão no Rio. Quando entramos no onibus surgiu um incidente. É que o José Carlos queria sentar sozinho e nós tínhamos só 3 poltronas. Eu disse para o motorista:

— Se o senhor obrigar-me a descer do onibus eu volto para Osasco e não apareço no Rio. E os jornalistas do Rio estão esperando-me.

Por fim decidimos que eu devia dizer ao fiscal que a Vera está com 5 anos. Abri a bolsa dizendo que podia comprar uma passagem para a Vera. E retirei uma cedula de 1.000 cruzeiros. Os passageiros foram acomodando-se e o onibus partiu. A Vera queria ir na janela. Xinguei-a, porque eu estava supernervosa. Nós iam olhando as ruas que eu percorria catando papel. Já habituei: quando passo por uma rua olho se as latas de lixo já estão na rua. Quem cata algo no lixo não está roubando.

O auto descia a Avenida Tiradentes e eu ia olhando os recantos conhecidos. E olhei com amor e simpatia a casa do senhor Rodolfo, porque êle auxiliou-me muito. Os meus filhos estavam tristes e eu também. Parece que a tristeza contagia. Os filhos já conhecem aquele roteiro, porque já fomos a São José dos Campos.

... Quando chegamos ao Rio fui avistando as casas de tabua. Eu tenho pavor das casas de tabua. Para

mim elas representam o símbolo da pobreza, o distintivo da miséria. Os passageiros estavam levantando-se para agitar as bagagens. Minha mala vinha no depósito. Eu havia dado 20 cruzeiros ao carregador em São Paulo. Quando o ônibus foi chegando eu ia olhando para ver se via os jornalistas. Quando vi reanimei e sorri, acenando-lhes a mão. Eles reconheceram-me. Fui filmada. Cumprimentei as pessoas presentes. Os jornalistas foram fotografando-me. A Vera queria chegar ao hotel depressa. Depois dos cumprimentos fomos para o Hotel Serrador. Que predio magnifico! Fomos para o nosso apartamento no 11 andar. Um apartamento maravilhoso. A cama nivia e a vista maravilhosa. Tudo que é do Rio é belo. A governanta do hotel tratou-me bem. E Dona Luiza Fiori. Auxiliou-me a guardar as roupas e dizia que estava contente porque gosta de crianças.

O senhor Homero Homem, um poeta culto, disse-me que nós íamos a um programa de televisão. Jantamos, trocamos e saímos para a Televisão. Quando chegamos a reporter perguntou pelo Audálio.

— Ele não veio — respondeu o senhor Homero Homem.

A reporter combinou com o senhor Homero Homem e resolveram transformar o programa, apresentando-me num barracão com os filhos, o senhor Homero Homem e o senhor Barbosa Mello. Falamos dos meus livros que eu pretendo escrever e do atual livro. Eles citaram trechos do livro.

Saimos da Televisão, andamos por aí e fomos jantar na Churrascaria Gaucha. A Dona Luiza Fiori acompanhava-me. Alugaram um carro e fomos para o Hotel Serrador. Que alegria quando deitamos. A cama nivia e macia!

**8 de novembro** Levantei as 4 horas. Fui até a janela contemplar as paisagens deslumbrantes do Rio de Janeiro. Os carrinhos de pão circulavam pelas

ruas. A Dona Luiza surgiu perguntando-me se eu queria tomar café.

Ela pediu café. Os filhos ficaram admirados quando viu as frutas, manteiga. A Vera sorria quando os nossos olhares cruzavam. Nós agora somos ricos.

Desei no elevador para encher as canetas. Os empregados do hotel olhavam as canetas e sorriam, comentando que as canetas eram velhas. Pedi o jornal para ler. Eu estava em todos. Conversei com os funcionários e subi no elevador para ler. Estava cansada, mas estava contente porque a vida no Rio transforma. É um recanto de fadas. O carioca é agradável.

O hotel parece um palácio encantado. Tem tudo que desejamos. O rádio, telefone e as vistas agradáveis. A D. Luiza Fiori é culta e laboriosa. Troquei os filhos e fui girar pela cidade. Os cariocas estavam comentando o meu programa da televisão. Fui a Cinelandia olhar os locais onde ia realizar os autografos. E li os nomes das editoras. Sentamos para ler a "Ultima Hora". Achei graça quando li: — "Relógio de ponto para os deputados". As pessoas nos reconheceram. Circulamos pelas ruas procurando tinta. As coisas que me faz falta: livros, tinta e papeis. Encontrei uma loja de canetas e perguntei se tinha tinta. Responderam-me que sim. Perguntei o preço: 12 cruzeiros. Contei o dinheiro, faltava 5. O jovem disse-me que eu podia levar o vidro de tinta e pagá-lo depois. Fiquei surpresa, porque aquele jovem me via pela primeira vez. Eu disse-lhe que estava hospedada no Hotel Serrador.

— Eu confio na senhora. Pode levar a tinta.

... O que fascinou-me foi as maneiras cultas dos funcionários do hotel. Quando olhava-me sorriam. Dá a impressão que estamos no céu. A D. Luiza disse-me que eu devia tomar banho. Obedeci. O ilustre escritor Homero Homem chegou e telefonou. Pedi para ele subir.

Quando o senhor Homero Homem chegou sorriu antes de nos cumprimentar. Disse-me que eu devia trocar-me para ir autografar na "Revista Leitura". A D. Elza Heloisa estava presente. E a D. Jurena F'namour. Começaram os telefonemas dos cariocas saudando-me. O senhor Homero Homem despediu-se. Os meus filhos estavam abismados. A Vera olhava tudo ao seu redor com assombro. O que impressionou-a foi a banheira. Ela dizia:

— Como é que a água pode sair quente de dentro da parede? Mamãe, esta casa é a casa das fadas que falam os livros?

— Não é a casa das fadas, não é casa dos livros. É o hotel.

A D. Elza Heloisa saiu com os meus filhos e eu fui autografar livros na redação da "Revista Leitura". Quem acompanhava-me era o senhor Barboza Mello, que ofereceu-me um refresco de caju. Gostei, porque foi a primeira vez que bebi. Galgamos os degraus. O senhor Homero Homem estava sem palitô, sentado escrevendo. Circulei o olhar pela redação. Fiquei contente. Vi varios livros nas prateleiras. Sentei para autografar os meus livros. Chegou um mulato. Cumprimentou-me sem dizer o seu nome. Perguntou ao senhor Homero Homem se eu estava comprovando ser a autora do livro. A sua voz era sutil. Mas eu percebi.

— Está — confirmou o senhor Homero Homem com sua voz calma.

Chegou o escritor Walmir Ayala. Cumprimentou-me e olhou-me minuciosamente. Tinha a impressão que estava diante de um juiz. O senhor Homero Homem apresentou-me, dizendo:

— Este é o Walmir Ayala.....

Agradei o artigo que êle escreveu para mim no "Jornal do Brasil" no dia 1 de setembro de 1960. Continuei autografando os livros. O senhor Barboza Mello perguntava-me todos os instantes se eu estava cansada. Respondi que não porque agora eu não canso.

Não estou trabalhando. Recordei aquela epoca em que catava papel até as 11 horas para conseguir dinheiro para comprar o que comer.

**9 de novembro** Despertei as 4 horas porque já estou habituada. (...) O telefone tocou. Fui atender, era a D. Elza Heloisa. Disse-me que vinha retirar os meus filhos para passear. O meu quarto estava superlotado de visitas. A D. Eva Vastari, da revista finlandesa, uma loura muito educada, estava presente. O telefone tocou. Fui atender. Era o senhor Ferrão. Eu disse-lhe para subir.

... A noite estava tepida, o céu adornado de estrelas. E as ruas do Rio superlotadas de transeuntes. O senhor Ferrão acompanhou-me até a Cinelandia, que estava com as arvores iluminadas. Quando cheguei na Feira do Livro a multidão aplaudiu-me. Aceitei a mão e dirigi para o palanque. Iniciei os autografos com dedicatorias. A praça estava superlotada. Não me foi possível ser mais atenciosa com o povo, por causa do horario. Eu devia ir na televisão. Que suplicio para deixar a Cinelandia. O povo segurando-me, pedindo para eu autografar livros. Conseguimos tomar um taxi. Eu estava cansada de ficar de pé. Fomos jantar. No restaurante nós escolhemos o que comer. Eu fiquei horrorizada porque as madames jogavam a metade das comidas fora. E no preço que está os generos alimentícios!

É que eu estava habituada a aproveitar tudo e por isso não sei dissipar.

Que luxo no restaurante! Os garçons atenciosos, fitando-me com curiosidade quando ouvia alguém pronunciar o meu nome.

**10 de novembro** ... O senhor Homero Homem telefonou-me que ia buscar-me para ir autografar livros. A D. Elza Heloisa prontificou-se a levar-me. Nas ruas do Rio eu notava as mesmas confusões de São Paulo. O corre-corre. Eu e D. Elza Heloisa an-

davamos depressa. A D. Luiza Fiori foi ao cinema com os meus filhos. O que eu admirei no carioca é a solidariedade. Um povo unido e comunicativo. O senhor Homero Homem e o senhor Barboza Mello estavam na redação da "Revista Leitura". Cumprimen-tei-os e sentei para autografar os meus livros.

Eu disse ao senhor Homero Homem que simp-tizava com êle e estava disposta a comprá-lo a presta-ção. Êle disse-me:

— Eu só me vendo a vista.

O senhor Walmir Ayala saiu bruscamente sem despedir-se. O senhor Barboza Mello estava atencioso. O senhor Homero Homem disse-me:

— Sabe, Carolina, eu sou pescador. Eu vou es-crever um livro igual o teu. E vou comprar um barco e vamos fazer um raide pelo mar. Todas as sextas-feiras eu vou pescar.

O senhor Barboza Mello perguntou-me se eu es-tava cansada. Ê que êle não conhece a minha vida. Não canso com qualquer coisa. Fui trocar as roupas porque eu ia autografar na praça. Quando cheguei ao hotel encontrei o senhor Raimundo Bevilacqua. Êle disse que quer casar-se comigo. Achei graça.

.... Quando cheguei na praça para autografar, a multidão estava aguardando-me. Eu autografava e contava algumas anedotas para os cariocas. (...) Surgiu um jovem e pediu-me para autografar-lhe uma cedula de 5 cruzeiros:

— Não posso autografar na cedula.

— Ê que eu não posso comprar o livro.

O senhor Ferrão deu-lhe um livro e eu autografei. O jovem sorriu quando recebeu. Sorriu satisfeito co-mo se tivesse recebido um presente de alto valor.

A Dona Jurema Finamour e a Dona Luiza esta-vam ao meu lado. Eu ia ser entrevistada na televisão as 22 horas. Fomos de carro para a Urcá.

... Quando saímos da televisão o espôso de Dona Jurema Finamour levou-me ao hotel. Deitei pensando

que devia levantar cedo, porque eu havia combinado com a Diva que ela devia ir procurar-me de manhã para eu assistir a missa com o bispo D. Helder Camara.

**11 de novembro** Levantei as 5 horas, preparei-me e desci no elevador. Encontrei a D. Diva e sua irmã, que é professora. Ela ia guiando o carro. Con-fundia as ruas e guiava contra mão.

... Quando chegamos na Escola de Enfermagem Ana Nery, o D. Helder estava celebrando a missa. Fiquei horrorizada com o aspecto da capela, que não tinha ninguém. Contei onze pessoas dentro da igreja. O D. Helder diz a missa completa, com tanto prazer que impressiona.

Quando êle deixou o altar eu fui para a sala de audiencias. A Dona Diva apresentou-me. Êle é mi-ninho. Eu disse-lhe que venho acompanhando as suas obras filantropicas. Êle começou a falar:

— Temos que melhorar a situação do mundo. Quando eu olho o mundo vejo que temos grandes re-formas sociais a realizar. Não é possível que um terço da humanidade tenha tudo e dois terços não tenha nada. (...) Temos que ser bons para multiplicar os exemplos. Eu quero bem aos ricos e quero bem aos pobres. Porque os ricos devem ser de Deus e os po-bres devem ser de Deus.

Êle comentou uns trechos do meu livro. Despe-dimos e voltamos.

... Quando cheguei ao hotel encontrei os repor-teres da revista, para entrevistar-me. Chegou duas senhoras que foi visitar-me. Começamos a conversar. O meu quarto era adornado com belissimas flôres que os cariocas enviava-me. Tinha uma mulher obesa que falava por cem, demonstrando suas habilidades. Era compositora e escritora. Não permitia que o reporter me entrevistasse. Êle ficou nervoso e fomos concluir

a entrevista noutro local. Fui para o outro quarto. Ele estava maldizendo que não tolera mulher faladora. Pensei ser indireta... Ele entrevistou-me e prometeu dar-me um livro — "O Pequeno Príncipe".

A Dona Jurema Finamour chegou e começamos a conversar. Chegou os reporteres da revista "Manchete" e convidou-me para percorrer as favelas. Fomos na favela do Mangue. Fui mal recebida pelos favellados. (...) Percorri as praias olhando os cariocas em trages de banho, deitados na areia, despreocupados como as aves que vagueiam na amplitude.

Dirigimos para o hotel. A Dona Luiza Fiori nos esperava para almoçar. Chegou a Dona Helena Figueiredo. Convidou-me para sair com ela, que ia fotografar-me para uma reportagem. Alugamos um taxi. Ella fotografou-me na porta da Academia Brasileira de Letras. A porta estava fechada.

Eu sentei a Vera e o José Carlos perto do busto de Machado de Assis.

... Eu estava cansada. Os pés doíam e estavam inchados. Entramos num carro e fomos tomar o onibus para São Paulo.

**12 de novembro** O Dr. Lelio disse-me que eu devia ir na televisão. (...) O Carlos Felipe Moysés acompanhou-me. Chegamos na Televisão Tupi era 11 e meia. Quando sentamos na mesa contei 18 pessoas. O senhor Mauricio Loureiro Gama, o Primo Carnera ao meu lado e a cantora Carnelia Alves. Iniciamos o almoço. O Primo Carnera reclamou que a comida era pouca. Fiquei horrorizada com o tamanho das mãos e os pés do Primo Carnera. O senhor Mauricio Loureiro Gama pediu-me para perguntar ao Primo Carnera se queria lutar com o José Carlos de Moraes, o "Tico-Tico".

... Fui falar com o reporter, para combinar a nossa viagem ao Rio. Nós íamos na festa do Clube

Renascença. O reporter disse que eu devia estar na redação as 9 horas para tomar o avião.

**13 de novembro** ... Tomamos um carro e dirigimos para o Aeroporto. Encontramos uns jornalistas amigos. Perguntaram-me se gosto de andar de avião. Estava chovendo quando tomamos o avião. O meu coração oscilava dentro do peito quando o avião inclinava-se. O reporter ia ao meu lado conversando e lendo os jornais. O avião ia singrando e ultrapassando as nuvens de chuva. As nuvens girando no espaço vinham de encontro ao avião. São nivas como flocos de algodão. Eu ia rezando, pedindo a Deus para chegar sem incidentes.

Quando chegamos ao Rio vi os rostos conhecidos aguardando-me. O escritor Homero Homem, o senhor Oscar, diretor do Renascença Clube, o senhor Barboza Mello e o poeta Raimundo Bevilacqua e outros jornalistas que fotografavam-nos. Eles não conheciam o Adalio. Seguimos para a casa do senhor Oscar, que é advogado. Que casa magnifica. Varios pretos foram cumprimentando-me.

... Eu estava com fome, a esposa do Dr. Oscar ofereceu-me feijoadada. Tomei banho, passei o meu vestido e dirigimos para o Renascença Clube. Um preto que é advogado conversava comigo citando a sua luta para estudar. Disse-me que foi servente de pedreiro. Estudava a noite.

... No Clube Renascença a festa estava animada. Os pretos do Rio estavam bem vestidos. Os jornalistas estavam presentes. A festa iniciou-se com um desfile de modas, para concurso. Foram classificados quatro modelos. Fizeram discurso citando que eu estava presente. Fui aplaudida.

... Despedi do Dr. Oscar e sua esposa e saímos com o jornalista Darwin Brandão e a sua esposa. Fomos jantar em Copacabana. O escritor Homero Homem nos acompanhava. Eu ia observando os modos

cultos do senhor Darwin Brandão. Ele guia o carro observando bem o sinal do tráfego.

Depois do jantar ele nos conduziu. Seguimos para a residência do Dr. Oscar. Era 2 horas da manhã.

**14 de novembro** ... Depois do café o Dr. Oscar nos conduziu de automóvel até o Aeroporto. Quando embarcamos no avião o repórter viu a Dona Sarita Campos e cumprimentou-a.

— Quem é essa senhora?

— É a Sarita Campos.

Fui sentar ao lado da Dona Sarita Campos. Ela estava com um rosário rezando. (...) Quando chegamos a São Paulo a Dona Sarita reanimou-se. Despedimos.

... Fui ver os filhos e trocá-los, porque iam visitar o Prefeito Adhemar de Barros. (...) Na sala de espera varias pessoas aguardavam audiência. A Televisão estava aguardando. Quando o Dr. Adhemar saiu para receber-me caminhei na sua direção e cumprimentei-o e recitei uns versos. Ele disse-me que ia organizar uma comissão para construir casas próprias para os favelados.

**17 de novembro** ... Eu ia numa noite de autógrafos organizada pela colunista Alik Kostakis. Eu estava com o casaco vermelho. (...) Tomamos um taxi e fomos para a Avenida Paulista no Conjunto Nacional. Os livros eram em benefício do Lar Escola São Francisco. As barraquinhas ornadas com flores de diversas tonalidades. A minha barraca estava no fim do salão. As madames chiques de São Paulo compareceram. A minha madrinha foi a Dona Bia Coutinho. Primeira vez que a vejo. Tratou-me admiravelmente bem. Não deu-me o seu endereço e não convidou-me para ir a sua residência.

... O mais alegre era o Conde Ermelindo Matarazzo. Estavam presentes escritores e artistas. Os

escritores foram na minha barraca. Dona Adalgisa Nery, Dona Maria Dezone Pacheco Fernandes, Matos Pacheco, senhor José Tavares de Miranda.

... Fiquei horrorizada ouvindo uma senhora da alta sociedade dizer que ficou contente quando o seu esposo faleceu. Tenho impressão que estou vivendo num mundo de joias falsas.

**18 de novembro** ... Vou a São José do Rio Pardo. A Vera estava animada. Fomos de ônibus. Eu ia contemplando as exuberancias do nosso País e a imensidade de terras sem cultivar. Não culpo o homem do campo por abandonar as terras, porque eles trabalham e nunca tem nada. Eu já fui do campo. (...) Eu ia revendo as paisagens agrestes, contemplando a revoada das aves na amplitude. Quando chegamos em São José do Rio Pardo, o senhor Thercio Gonçalves nos esperava. Um homem culto e agradável. Presidente do Gremio Estudantil Euclides da Cunha. O que notei na cidade: todos admiram e veneram o saudoso Euclides da Cunha.

... A cidade estava tepida. Os habitantes serenos. Tão diferentes do paulistano agitado e grosseiro para andar nas ruas. O paulistano empurra quem está na frente, piza no pé dos que estão ao seu lado. Fomos hospedar num prédio antigo, mas gostoso. (...) As recepções foram agradáveis.

O que impressionou-me foi o jantar no hotel. Que comida gostosa! Eu estava alegre, calma e feliz. Sorria a todo instante. Para mim eu estava noutro mundo. Um mundo sublime e sem confusões. (...) Passamos o domingo em São José do Rio Pardo. O Dr. Osvaldo Gallotti nos conduziu de automóvel para conhecermos os recantos da cidade. Fui ver o barracão onde o nosso Euclides da Cunha escreveu "Os Sertões."

... O Dr. Osvaldo Gallotti e o senhor Thercio Gonçalves levou-nos a usina elétrica de São José do Rio Pardo, que fornece energia para as cidades visi-



nhas até Mococa. (...) Admirei as quantidades de pés de mangueiras espalhadas pelos prados. Que dia magnífico! As aves perpassavam em revoada. Especialmente que as pessoas residentes em São Paulo não apreciava. Parece que as aves tem pavor do céu de São Paulo por causa das fumaças das fabricas.

... Fomos ver o subterraneo onde está localizado os geradores de energia. O tunel tem aspecto de caverna.

Fomos visitar a mãe do Dr. Gallotti. A casa é ampla. É casa-matriz apropriada para receber os netos nas ferias. Fui ver a casa. Que casarão! com seus moveis antigos. Quando eu era jovem sonhava ser dona de uma mansão com varias dependencias.

... Fomos ao Orfanato ver as crianças que estão aos cuidados das Irmãs. Olhando aquelas crianças elas são tristes. Devem sonhar com a liberdade, mas elas são mais felizes que as que perambulam por aqui, sem teto para abrigá-las. Elas cantaram a canção "Criança Feliz". A Vera disse-me:

— Eu sou mais feliz do que elas porque tenho mãe.

E olhou-me com ternura.

... Passamos o domingo sem notar. O dia foi minúsculo. Dias longos eram os da favela: fome, briga e Radio-Patrolha. Fiquei contente com o presente que o senhor Thercio Gonçalves deu-me — um livro. O livro é "Os Sertões."

Os meus agradecimentos ao povo de São José do Rio Pardo. Fui recebida com deferencia especial. Essa acolhida amavel que o povo dispensa-me estimula-me a escrever outros livros e estudar.

Viajamos a noite. Eu vinha cantando na viagem. Oh vida boa! Minha vida está aveludada. Agora eu tenho comida, tenho casa, tenho o que vestir. Comproroupas novas para mim. Quando eu catava roupas no lixo para usá-las pensava: algum dia hei de comprar roupas para mim. E Deus ajudou-me. Estou contente.

**23 de novembro** Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diario da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de mal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros.

Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada...

... Todos os dias chega cartas de editor internacional que quer traduzir o livro. Até eu estou abismada com a repercussão do livro.

**24 de novembro** Os filhos andam alegres porque podem comprar frutas para comer. Eles que catavam no lixo. O José Carlos diz:

— Parece que estamos sonhando. Há tantas coisas para comer, mas é preciso ter dinheiro para comprar. Quem inventou o dinheiro?

— Foi um povo chamado fenícios.

— Invenção idiota, não, mamãe?

Eu estou pensando onde deixar a Vera quando for viajar. Eu não contava com essas viagens. Fui a cidade. O Dr. Lelio disse-me que já enviou livros para Porto Alegre. Encontrei a Dona Elza Heloisa. Disse-me que acompanha-me na viagem a Porto Alegre. Comprei meias e vestidos. Quando cheguei a Osasco encontrei o José Carlos queixando que o senhor Antonio Soeiro Cabral havia expancado-o. O José Carlos é inteligente no falar, mas reina muito.

**26 de novembro** Os meus filhos estão confusos com a mudança brusca de nossa vida. Eles compram maçã, ficam sorrindo e comentando:

— Que bom poder comprar o que desejamos.

A Vera pergunta:

— Nós vamos viver sempre assim?

— Agora eu estou na casa de alvenaria.

— A senhora recorda das enchentes da favela? A agua entrava dentro de casa. Coitada da Nenê e a Ivancee. Como é horrivel ser menina de favela.

O livreiro Paulo Rolim de Moura veio queixar-me que a Prefeitura quer fechar a sua livraria na Penha. Pediu-me para eu ir falar com um politico para deixá-lo em paz. (...) Citei-lhe que não tenho prestigio com os politicos porque não os bajulo.

— Vai, Dona Carolina. A senhora consegue tudo, até o sol te atende.

Sorri achando graça. Quem sou eu, um colibri falar com uma aguia. Eu cansei de explicar-lhe a nulidade de minha interferencia. Ele despediu-se tristemente.

**30 de novembro** Levantei as 4 horas, preparando-nos para ir a Porto Alegre. Pedi para a Dona Maria cuidar da casa, lavar as roupas e olhar os meninos. Eles reinam muito e os vizinhos reclamam, aconselhando-me para interná-los. Quando estamos na favela passando fome eu não os internei. Agora que posso dar-lhes o que comer é que vou interná-los? Seria injustiça da minha parte.

... Vesti o meu casaco vermelho e tomei um taxi. Eu parava nas filas de onibus e convidava alguém para ir até a cidade. Uns recusavam, pensando que teriam de pagar a viagem. Dou-lhes razão, porque o dinheiro do operario é conta-gótas. Uma portugueza que trabalha no Jardim America aceitou o convite. Eu ia conversando com o motorista. Estava alegre. Estou conhecendo o Brasil.

Quando cheguei no Aeroporto os carregadores vieram ao meu encontro dizendo-me:

— Olha a minha namorada!

Era 7 horas, o céu estava cinzento e frio.

— Para onde vai?

— Para Porto Alegre.

Fiquei circulando e olhando o relógio a todo instante pensando na Dona Elza Heloisa. E se ela não aparecer? Não sei viajar sozinha. As pessoas que iam chegando reconhecia-me. As 8 horas a Dona Elza chegou e foi preparar as passagens. Uma senhora perguntou-me:

— Essa senhora é a tua dama de companhia?

— É uma jornalista que vai acompanhar-me até Porto Alegre. Não tenho pratica de viajar sozinha. Eu era da favela. E o roteiro que favelado conhece é Santa Casa, Central de Policia e Gabinete de Investigações.

... Quando o avião partiu eu estava tranquila ao lado de Dona Elza Heloisa, que ia dizendo que já residiu em Porto Alegre. (...) Eu ia contemplando as paisagens magestosas e a quantidade de terras incultivadas. Ficava pensando: com tantas terras abandonadas e o povo passando fome! Essas terras pertencem aos capitalistas. Ninguém pode chegar e plantar algo sem o seu consentimento. Eles tem dinheiro para pagar a Dona Lei e suas confusões. O mundo para ser bom é preciso que as terras sejam livres. O homem poderá desfrutar a terra, porque ela é inesgotável. As terras sendo livres todos plantam e a miseria extingue-se. Um povo bem alimentado é um povo feliz. (...) Porque é que o governo não distribui as terras para o povo?

Eu penso isto, mas não digo porque se eu disser isto os capitalistas vão dizer:

— A Carolina é vermelha. É ignorante e semi-analfabeta.

Com o percurso que o avião fazia o aspecto do espaço ia modificando-se. Metamorfoseando-se. Uns recantos inesquecíveis. Há pessoas que tem dinheiro e dizem que vão conhecer a Europa, deixando de conhecer os nossos recantos ridentes.

Em Porto Alegre o senhor Assis Marques, distribuidor da Livraria Francisco Alves, estava aguardando-me com fotografos e jornalistas.

... Fomos almoçar. Que comida gostosa. Que carne deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que catam os restos de feira para comer. Tenho impressão que os infelizes que passam fome são meus filhos. Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmãos afogando-se.

Findo o almoço fomos a estação de rádio. Os gaúchos olhavam-me com curiosidade. O senhor Assis disse que iam em Pelotas. Fomos de auto. A esposa do senhor Assis nos acompanhou. Saimos às 5 da manhã. Quantas terras! Eu ia contemplando os triangais com sua cor de ouro. Tem mais lavours no Rio Grande do Sul. Olhando os lavradores trabalhando na enxada lembrei a minha infancia. Como é belo o mundo nesta época!

Quando chegamos em Pelotas circulei o olhar ao redor como se estivesse despertando de um sonho. Revendo as cidades que lia na Geografia e a minha saudosa professora explicando-me:

— Pelotas é a cidade doce. Tem fabrica de doces. E eu ficava pensando: o que será a palavra fabrica? O meu sonho era conseguir um dicionário, porque a Dona Lanita<sup>(10)</sup> disse-me que eu podia aprender muitas coisas lendo o dicionário.

A minha vida está girando. Varias pessoas aguçavam-me. Entre as pessoas estava o Dr. João Carlos Gastal, o Prefeito. Fomos para o hotel. Que cidade tranquila. O povo andando calmo. As duas horas fomos almoçar. A minha pressão havia normalizado. Eu estava alegre.

A Radio transmitia a minha entrevista. O senhor Prefeito ouvia no rádio portátil. Eramos 25 à mesa. Eu estava sentada ao lado Prefeito. Pensava: que diferença! Outro dia sentava nas Radio-Patruhas e

(10) Dona Lanita Salvina, professora que ensinou as primeiras letras à autora, em Sacramento, Minas Gerais. (A. D.)

agora ao lado do Prefeito. A Dona Heloisa esposa do Prefeito dizia:

— O que admiro é que a Carolina foi de favela e sabe comer de faca e garfo.

Eu dava risada. Olhando as mesas nivas e guardadas com jarros de flor, pensava: estou vivendo um trecho historico. Isto aqui é um palacio. Isto é um paraíso.

... Eu fui autografar livros na praça onde estava a Feira do Livro. Varias pessoas aguardavam-me. Ouvi um jovem dizer:

— Que negra feia!

Eu sorri e disse-lhe:

— Eu acho feio os indolentes e os ebrios.

Eu ia autografando os livros com todo o carinho. Eu queria olhar a praça para descrevê-la, mas não era possivel devido a quantidade de livros para autografar. Vi apenas uns arvoredos verde-garrafa e algumas barraquinhas de livros espalhadas. Para mim a praça estava adornada. Tinha livros. Um pretinho circulava e dizia em voz alta:

— Sabe, Carolina, pego-te para incluir no teu diário que há preconceito aqui no Sul.

Os brancos que estavam presentes entreolharam-se, achando incômodo as queixas do pretinho. Parei para ouvi-lo. Creio que devo considerar os meus irmãos na cor.

— Está bem. Incluirei tua queixa no meu diário. Quer dizer que há preconceito no Sul do Brasil? Será que os sulistas brasileiros estão imitando os norte-americanos? O pretinho despediu-se e saiu contente como se tivesse realizado uma proeza. Pensei: ele confia em mim e sabe que vou incluí-lo no meu diário. Vou registrar a sua queixa.

... Comprei um livro: "Doces de Pelotas". A autora autografou para mim. Paguei 150 cruzeiros pelo livro. A dedicatória é nestes termos:

"Para Carolina Maria de Jesus, o fenomeno do século. Com grande admiração de uma modesta do-

ceira da Princesa do Sul. 30-11-1960 — Maria Colares Polavera.”

Findo os autografos, fomos a estação de radio e depois ao Clube. “Fica Aí” — clube de pretos. Que clube suntuoso. O salão é amplo, tem um lugar proprio para o orquestra. O senhor Prefeito estava presente com sua espôsa, saboreando os doces com todo prazer. Quando os pretos queixavam da segregação racial, o Prefeito ficava afônico. Seus lábios cerravam iguais os ponteiros de um relógio quando param. Pensei: este homem sabe viver. Não desagrada o Pifafos nem o Cesar.

Depois dos comes e bebes foi os discursos dos pretos. Um discurso esquisito. Queixas raciais. Pensei: até quando esta polemica de pretos e brancos? Tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. Na sua trajetória terrestre deve procurar viver em paz. O homem tem o dever de educar a sua mentalidade para o bem. O belo e o puro. E não cultivar o rancor contra os semelhantes.

Quando me foi dado falar, agradei as homenagens. (...) Ganhei uma lembrança do Clube “Fica Aí”. Um livro de prata com a inscrição:

“*Só o livro imortaliza um povo. A Carolina Maria de Jesus, Clube Cultural Fica-Aí. Pelotas, 30-11-60.*”

... O retorno foi delicioso. Eu vinha revendo as lavours. Vi uma casa bonita. Plantaram uma roseira e a haste entrelaçou-se nas paredes. Estava florida. Gostaria de residir naquela casa.

Quando chegamos em Porto Alegre, a ponte do rio Guaíba estava reerguendo-se para dar passagem a um navio que singrava. Espetaculo belissimo.

**1 de dezembro** ... A tarde fui autografar livros na Livraria do Globo. Eu já conhecia o predio através de fotografias. O povo estava triste e agitado com a falta de pão. As padarias estavam em greve, visando

aumento. (...) Enquanto autografava não admitia fila. Eu queria ficar no meio daquele povo.

... Visitei o Prefeito senhor Loureiro da Silva. Citou que visita as favelas, porque foi eleito pelos favelados. Mandou construir escolas e canalizar 9 quilômetros de agua. Construiu o Centro de Arte. Disse para eu pedir informações de sua administração aos favelados.

A noite visitei a Televisão. Agradei ao povo de Porto Alegre e aos habitantes de Pelotas. Comparei ao Teatro. Assisti a peça “A Farsa da Espôsa Perfeita”, de Dona Edy Lima. Eu havia encontrado Dona Edy Lima no Aeroporto. (...) Dei graças a Deus quando fui deitar. Estava cansada. Iamos voltar no outro dia.

**2 de dezembro** Levantamos as 4 horas, preparando-nos as malas. O senhor Assis chegou as 7 horas, avisando que o Governador havia solicitado a minha presença no Estado por mais um dia. Para eu ir visitar as favelas. Fui comprar jornais. Saí com o senhor Assis. Fiquei contente ao chegar no Palácio. Vi varios criados de côr. A camareira conduziu-me até a sala onde eu devia falar com Dona Neuza Brizola. Sentei observando os adornos. Quando a Dona Neuza Goulart Brizola surgiu fiquei observando-a atentamente. Foi a primeira espôsa de governador a receber-me depois que saí da favela. Conversando com Dona Neuza percebi que o magestoso palacio que ela habita não envaidece-lhe. Achei lindo ela dizer:

— Carolina, este palacio não me envaidece. Tenho pavor desta casa. O meu espôso é politico. E os politicos não tem amigos.

... Ela despediu-se. Fui falar com o Dr. Leonel Brizola noutra sala. Perguntei-lhe como vai indo o desenvolvimento do Estado. (...) O Dr. Leonel Brizola pediu-me para não envaidecer e não desprezar os pobres.

— Você deve voltar periodicamente a favela, para não perder a sua autenticidade. Você vai visitar as favelas de Porto Alegre e dizer aos favelados que eles precisam e devem estudar. Faça-me esse favor. O meu sonho é acabar com analfabetismo no Estado. O meu carro está ao teu dispor.

Dei uma risada e comentei:

— Que honra para mim. Eu que estava habituada a andar só na Radio-Patrolha.

Eu e o senhor Assis despedimos do Dr. Leonel Brizola. Que carro gostoso! As almofadas parecem painas. Fiquei aguardando no hotel a visita da secretária da Dona Neuza Brizola, que ia acompanhar-me nas favelas. (...) As 3 horas a secretária chegou com o seu espôso. Percorri os bairros pobres de Porto Alegre. Fiquei abismada quando vi as favelas do Rio Grande do Sul. As casas são de tabuas bem construídas. Tem muita água e varios tanques. As mulheres não brigam por causa da água. (...) Algumas pessoas da favela conheciam-me de nome. Vi uma sala ampla com poltronas e um quadro negro, onde as crianças estudam. Quem leciona as crianças são as freiras e os padres.

... Quando o povo aglomerou-se fiz o discurso pedindo ao povo para estudar. Saber ler é bom e a vida é mais agradável. Uma menina que prestava atenção nas minhas palavras, perguntou:

— Mamãe, esta negra é doida? Será que ela fugiu do hospício?

É que o hospício é perto da favela. Dei uma risada. Eu estava alegre. (...) A favela é num topo. Para galgá-la fomos de perua. O local onde está a favela é belo. Avista-se toda a cidade. O local é seco. Um senhor que nos acompanhava dizia:

— Estes pobres do Rio Grande do Sul são ricos. Pobres são os favelados de São Paulo, do Rio e do Norte.

O que impressionou-me na favela de Porto Alegre foi a quantidade de água. Quando abre a torneira em dois minutos enche-se uma lata. As mulheres lavam as roupas com água canalizada desinfetada com cloro.

... Voltamos a Porto Alegre. Eu estava contente. A segunda favela a ser visitada foi a Vila Vargas, conhecida como Coreia. (...) Em todas as favelas que visitei, dizia:

— Vocês devem aprender a ler.

Uma senhora perguntou:

— A senhora sente-se bem fora da favela?

— Sinto melhor. A favela é um quarto de despejo e o meu sonho é residir numa casa de alvenaria. Se eu não soubesse ler teria que ficar na favela até o fim da minha vida.

... Uma preta idosa deu-me um ramallete de flor. Agradei e beijei as flores. O tempo não dava para percorrer as favelas, que são espalhadas. Despedi da auxiliar de Dona Neuza Brizola.

... A noite de quinta-feira tivemos uma recepção no Galeto Sherezade. A homenagem conjunta da Associação Riograndense de Imprensa e Instituto de Idiomas Yazigi, que nos ofereceu um banquete.

... Fomos na Câmara ver o II Congresso Estadual de Vereadores. Estava empolgante. O Governador Brizola estava presente. Eu disse-lhe:

— O senhor está perseguindo-me...

Ele sorriu comentando:

... — Não, Carolina. Quem está perseguindo-me é você. Eu cheguei na frente.

... O presidente interrompeu os debates para receber-me. E apresentou-me aos presentes, convidando-me para tomar parte nos debates. Perguntou-me qual é a causa das favelas nas grandes cidades. Respondi:

— Nós os favelados somos os homens do campo. Devido os fazendeiros nos explorar ilimitadamente

deixamos as fazendas e vamos para a cidade. E nas grandes cidades os que vivem melhor são os cultos. Nós os incultos encontramos dificuldades de vida. Mesmo trabalhando na cidade como assalariado, encontramos dificuldades para viver porque o salário não cobre as despesas. Não há possibilidade de pagar uma residência decente. Temos que habitar as terras do Estado.

Cheguei a escrever uns versos e publicá-los em varios jornais. Minhas observações com o colono e o fazendeiro:

*Diz o brasileiro  
que acabou a escravidão.  
Colono sua o ano inteiro  
e nunca tem um tostão.*

*Se o colono está doente  
é preciso trabalhar.  
Luta o pobre no sol quente  
e nada tem para guardar.*

*Cinco da madrugada  
toca o fiscal a corneta  
despertando o camarada  
para ir para a colheita.*

*Chega a roça ao sol nascer  
cada um na sua linha  
suando, e para comer  
só feijão e farinha.*

*Nunca pode melhorar  
esta negra situação  
carne não pode comprar  
prá não dever ao patrão.*

*Fazendeiro, ao fim do mês  
dá um vale de cem mil réis  
artigo que custa seis  
vende ao colono por dez.*

*Colono não tem futuro  
e trabalha todo dia  
o pobre não tem seguro  
e nem aposentadoria.*

*Ele perde a mocidade  
a vida inteira no mato  
e não tem sociedade  
onde está seu sindicato?*

*Passa o ano inteiro  
trabalhando — que grandeza!  
enriquece o fazendeiro  
e termina na pobreza.*

*Se o fazendeiro falar:  
— Não fique na minha fazenda  
colono tem que mudar  
Pois não há quem o defenda.*

Fui aplaudida. Meu olhar avuçou para o rosto do Dr. Leonel Brizola. Ele estava sorrindo. (...) Auto-grafei alguns livros para os vereadores.

... Se eu pudesse percorrer todos os Estados do Brasil! Eu estava alegre. Pensava: isto é um sonho! Outro dia eu estava em São Paulo percorrendo a Avenida Tiradentes, fustando as latas de lixo. Chorando com fome. E hoje... estou entre os vultos de destaque do país.

Li as historias das fadas que transformavam a vida dos infelizes em príncipes e princesas. Eu vivia dizendo: a felicidade virou-me as costas. Agora pegou-me nos braços. (...) Quando saí da Câmara gabei uma flamula azul com a inscrição: "II Congresso

Estadual de Vereadores — 1 a 3 de dezembro de 1960  
— Porto Alegre — Rio Grande do Sul”.

Cheguei no hotel fui preparar as malas para o retorno.

**3 de dezembro** Levantei as 6 horas, fui comprar jornais para trazer para São Paulo. Passei num bar para tomar uma taça de café. Comprei o “Diário de Notícias”. O povo queria autógrafos e eu atendia, com receio de perder o avião.

... Deixamos Porto Alegre as 8 horas. O céu estava azul e o avião não trepidava. Eu ia olhando aquelas terras planas, as lavouras. Distinguia as plantações de trigo por causa da cor amarelo-ouro. (...) Viemos direto para São Paulo.

... Vamos hoje para o Rio as 3 da tarde. (...) Quando chegamos no Aeroporto os carregadores perguntaram-me:

— Já? Para onde vai? Quem paga as viagens de avião?

— As revistas ricas. A “Revista Leitura”, o “Time”, o “Life” e “O Cruzeiro”.

Um carregador sorriu dizendo:

— É... eu vou escrever o meu diário.

O Audálio já estava no Aeroporto. Era sábado.

Os filhos estavam alegres, dizendo:

— Nós vamos para o Hotel Serrador. Eu vou tomar banho na pia grande! Nós agora somos ricos e podemos andar de avião.

As 3 horas o avião zarpou-se. Os filhos foram cantando. As 4 horas estávamos no Rio. A gente tinha impressão que deu um pulo de São Paulo ao Rio. O David St. Clair estava no Aeroporto. (...) Ele veio ao nosso encontro acompanhado com uma fotografia. Depois dos cumprimentos o David St. Clair foi fotografar-me retirando as bagagens.

... Tomamos um taxi que percorria as ruas do Rio. Fomos para o Copacabana Palace. Fui bem recebida pelo dono do hotel. O David St. Clair estava

alegre pedindo a fotografia para fotografar-me diante do espelho. Perguntava:

— Carolina, você gosta desse quarto?

... Os meus filhos estavam inquietos, achando o quarto incômodo para eles, porque os moveis impediam-os de andar. (...) O David St. Clair muito atencioso disse-me que ia arranjar uma senhora para tomar conta dos meus filhos. Pediram o jantar. Os filhos estavam reinando no banheiro. Eu estava com vontade de dar uns tapas no José Carlos, mas não queria dar escândalo no hotel. Trouxeram para o jantar um risoto de frango com leite. Os filhos não gostaram. Depois que deixamos a favela os filhos são exigentes no paladar.

... Chamei a governanta. Pedi se podia lavar um vestido para mim às pressas.

— Não, só segunda-feira. A lavanderia está fechada. De onde a senhora é?

— Sou da favela.

— Favela? — interrogou-me alterando a voz, meneando a cabeça e olhando-me com repugnância, repetindo — da favela! ah hotel, ah hotel!

Pela pronuncia percebi que ela era estrangeira. Despediu-se dizendo que não podia ficar ao meu dispor. Quando ela saiu eu xinguei-a:

— Maria Stuart destronada!

A mulher que ia tomar conta dos filhos chegou exigindo que eles devem dormir.

... Saí com o meu vestido de bolinhas. Fomos jantar no restaurante “Bon Gourmet”. Que luxo! Vi varias senhoras ostentando joias caríssimas, bebendo champagne e vinhos. Olhando a lista do cardápio, escolhendo com indiferença o que iam comer. Dá impressão que elas não estão com fome. Elas são ricas e desde criança estão habituadas a ouvir isto:

— Come, minha filha! Come, meu filho!

... Varias senhoras vieram falar de pobreza para mim, dizendo que eu devo resolver a condição desu-



mana dos favelados do País. Eu apresentei os fatos. Compete aos burgueses que predominam no País socializar... Eu não conhecia os cardápios. O repórter ia explicando-me. Pedi uma sopa de aspargos e *creme suzette*.

Comi aquela confusão e fiquei com fome.

Um senhor disse-me que ia enviar um donativo para os favelados. Percebi que eles queriam impressionar os jornalistas americanos e os fotógrafos que nos fotografavam. Prepararam a minha refeição na mesa. Só a minha mesa estava adornada com flores — rosas vermelhas. Eu gosto de rosas. No buquê de rosas estava um cartão escrito: "Life". Ao nosso lado estava um jornalista nos observando. Eu estava tranqüila por estar ao lado do Audálio, o meu guardião-amigo. (...) Quando eu queria exaltar com as minhas posas noturnas que aborrecia-me, ele dizia:

— Não exalte. Escreve. Dê a sua resposta no diário.

O David St. Clair nada dizia. Apenas ouvia. O seu olhar estava fixo no meu rosto. (...) Eu estava ansiosa para deixar aquele restaurante. Dá impressão que aquelas madames vão exibir seus ricos toiletes, cada qual querendo ser mais chique do que a outra. Vi um preto alto e fino parecendo peixe espada circulando com imponência no recinto. Comentavam:

— É o cantor.

... Tomamos um carro. Quando chegamos no "Nighth and Day" as mesas estavam lotadas. Fui reconhecida quando entrei. Sentei numa mesinha com os guardiões: o Audálio e o David St. Clair. Ele foi avisar ao Grande Othelo para apresentar-me no palco. Depois que o Grande Othelo cumprimentou-me a curiosidade em torno da minha pessoa duplicou-se. Alguns iam a minha mesa. (...) As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social.

— Não é justo deixarmos os favelados relegados ao quarto de despejo. Você fez bem em nos alertar para

esse problema. Temos que amparar os infaustos. Você demonstrou coragem lutando para sair daquele antro.

Eu pensava: elas são filantropicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avisam-me é que recordam que há favelas no Brasil.

... Tomamos um taxi e fomos para o Hotel Copacabana Palace. Quando chegamos no hotel os filhos estavam dormindo. E a governanta que estava com eles despediu-se dizendo:

— Credo! Esses meninos vieram do inferno.

Deitei. Não adormeci com o calor. Dei graças a Deus quando o dia despertou-se e os filhos despertaram. O José Carlos queria saltar da janela, dizendo:

— Eu salto e caio dentro da picina.

— Não faça isso, José Carlos — adverti-o quando ele se inclinava na janela.

**4 de dezembro** ... Os filhos não tinham o que vestir. As roupas sujas. As 8 horas chegou a governanta, olhando o quarto e dizendo:

— Não deixe os teus filhos tocar no espelho.

Devido a sua aparência estrangeira, perguntei-lhe:

— Qual é o teu país?

— Sou vienense.

— Ah, a capital das valsas!

Comecei a cantarolar o velho Danubio Azul. Ela sorriu e convidou-me para dançar. Ela olhou o quarto e a desordem das minhas roupas e perguntou-me:

— A senhora tem dama de companhia?

— Dama?... Eu sou ex-favelada e os habitantes da favela não tem nada.

— O que é que a senhora faz?

— Vou estudar mais um pouco e quero ser escritora.

— A senhora não pode estudar e escrever com estes meninos. Cuidado com os espelhos! Não deixe a torneira aberta!

Pensei: meu Deus do céu, com tantas recomendações eu vou ficar louca. Vou voltar para São Paulo a pé. Comecei a arranjear as roupas na mala. Preparei os filhos e saí do hotel.

... Tomei um carro, pedindo ao motorista para conduzir-me ao Hotel Serrador. Ia queixando da vida. Se eu soubesse que a minha vida ia ficar tão confusa. Se eu continuava na favela catando papel.

... Fui fotografada nas picanas. Os hospedes do hotel allhavam-me comentando: assim eu continuava na ravena caçando paper.

— Olha a Carolina. Ela está rica.

— Uma a Carolina.

Uns vinham conversar com o David St. Clair e aproximavam observando-me Eu não conheço o Rio para citar os recantos que percorremos. Fomos andar num barco. O Paulo Muniz fotografava-me.

**5 de dezembro** ... As 9 horas o David St. Clair telefonou para eu descer com as malas. (...) O David St. Clair levou-me numa loja em Copacabana para comprar vestidos e fotografou-me experimentando-os. Depois fomos a uma joalheria. Ele apresentou-me aos donos da loja e disse:

— Elles são americanos. Elles falavam inglês e eu comprehendia só o *Garbage Room* <sup>(1)</sup>. Comecei a transpirar. Percebi que um preto na presença de um norte-americano fica intranquilo. Parece que êles olha o preto com repugnância. Como deve sofrer os pretos nos Estados Unidos. Senti pavor, depois pensei: meu Deus, eu estou no Brasil. Sou cidadã brasileira. Aqui branco vota, o preto também vota. Aqui no meu Brasil o preto dança quadrilha vis a vis com o branco. (...) Os meus filhos faziam reações e eu voltava a realidade. Estava fazendo reportagem.

Finda a reportagem entramos no taxi e dirigimos para o Aeroporto. (...) O taxi corria e eu cantava

(11) Título do livro "Quarto de Despejo" em inglês. (A. D.)

a marchinha *Ra Re Ri Ro Rua*<sup>(12)</sup>. O David St. Clair disse:

— Carolina, você podia cantar numa buate.

No Aeroporto Santos Dumont o povo reconhecia-me, dizendo:

— Eu gostei do teu livro.

Havia livros no Aeroporto. Os passageiros compravam e pediam para eu autografá-los, comentando:

— Os favelados de São Paulo sofrem mais do que os favelados do Rio.

... Entramos no avião. As 13 horas estávamos em São Paulo. Tomamos um carro e fomos para Osasco. Os vizinhos ficavam confabulando as minhas viagens ininterruptas. Não sou eu que pago-as. A casa estava suja, com pulgas. Comprei um litro de lisofome bruto para matar as pulgas. Estava cansada. Deitei e adormeci. Despertei pensando no David St. Clair e nas confusões do Hotel. Dava a impressão de estar ouvindo as críticas da governanta contra os meus filhos. Os meus filhos estavam habituados na lama. Viviam no lixo. Desconheciam os confortos dos ricos. Para eles o lado de cá é sensacionalismo. As casas de alvenaria para os favelados são palácios das histórias encantadas. Todos os favelados ambicionam uma casa de alvenaria, porque ninguém nasce sem ideal.

O ideal é a roupa da alma.

**6 de dezembro** Eu estava alegre e reanimada. O dia está belíssimo e eu estou cantando. (...) Troquei-me e fui a cidade. Quando passo perto de uma livraria os livreiros convidam-me para entrar para autografar livros. Olham-me sorindo comentando que eu sou uma felizarda. Com todas as manifestações que venho recebendo eu estou inquieta interiormente. Tenho a impressão que sou ferro banhado a ouro. E um

(12) Composição de autoria de Carolina gravada em L. P. (A. D.)

dia o banho de ouro esmaece e eu volto a origem natural — o ferro.

... O reporter disse-me que está procurando uma casa para eu comprar para mim. Fiquei alegre interiormente e exteriormente. E sorri. O meu sonho concretizando. Eu vou ter uma casa de alvenaria com salas e outras dependências. Um quarto para tomar banho. Imagina só. Eu tomando banho num banheiro. Eu que levava a vida primitivamente, tomando banho na tina. Eu ganhei uns retratos do lançamento do meu livro e vou mandar pôr no quadro para ornamentar a minha casa de alvenaria. (...) Combinamos que amanhã eu devo ir a cidade para procurarmos uma casa para mim. Vou correndo. Parece que estou sonhando. Vou comprar a minha casa de alvenaria. A casa para um favelado é tão importante que casa, para nós deve ser escrito com letra maiúscula — CASA DE ALVENARIA.

**7 de dezembro** ... Deixei os filhos e fui até a cidade. O povo olha-me com curiosidade. Uns felicitam-me, outros atacam-me, aludindo que o meu livro é agitador. Explico citando que a favela existe e os favelados estão duplicando-se com o custo de vida. Fui a redação. (...) Vi umas casas na Linha Cantareira. Era velha e grande demais. Tinha uns quartos que podiam ser alugados, mas eu não quero morar com inquilinos.

O reporter conduziu-me até a Rua Benta Pereira, 562. Custamos a localizar a rua. Não gostei do sobradinho porque a casa é geminada. Eu gosto de casa com duas entradas. O reporter gostou da casa, eu devo gostar também. Para uma favelada qualquer coisa serve. Embora eu seja uma favelada com os gostos do rei Salomão. A casa é no topo, tem um jardim e uma janela com uma grade de ferro. A janela é do tamanho da sala. Com uma cortina de matéria plastica estampadas com umas rosas coloridas. O José Carlos desceu do carro e foi ver a casa no interior.

Tem dois dormitórios com varias camas. Uma senhora de pele encardida nos acompanhava dizendo que a casa está a venda. (...) O reporter gostou da sala. É ampla e a divisão deverá ser feita com cortina. Quando saímos da casa fomos de auto até a Imobiliária que está encarregada de vender. Quem nos atendeu foi o senhor João, um dos socios da firma. O reporter disse que eu posso comprar a casa e pagá-la. O preço é um milhão quinhentos e cinquenta mil cruzeiros. Fiquei preocupada com a soma elevada. Fé em Deus, pensei. Parece que os bons ventos estão protegendo-me. É que eu tenho medo de fazer contas. Quando saí da Imobiliária saí contente. O corretor disse-me que a casa está vazia. Que as pessoas que estão residindo lá são uns protegidos do senhor Carivaldo, dono da casa.

Passamos na Livraria. Disse ao Dr. Lelio que ia comprar uma casa de alvenaria.

**8 de dezembro** Hoje é feriado. Não vou sair de casa. Não estou escrevendo o *diário* com receio de citar as confusões do povo da sala de visitas. Eles são ambiciosos e comentam com uma dose de despeito: — A Carolina está rica.

**9 de dezembro** Levantei as 6 horas. Hoje eu vou fazer almôço e deixar para os filhos. Saí e fui a cidade. (...) Eu não quero dissipar o que estou ganhando. Quero gastar com limites. Quando recebo dinheiro da Livraria vou depositar no Banco. Dinheiro que depositei no Banco e a quantia:

248.500,00
280.000,00
255.000,00
150.000,00
458.000,00
<hr/>
1.391.500,00

Comprei moveis e roupas e utensilios de casa. Comi tudo que desejava comer. Carne, peixe, uva, azeitona, bacalhau e queijo. Quando eu estava na favela eu pensava: oh se eu pudesse comer bacalhau! Estas coisas para mim era abstrata e agora são concretas. Tomo banho todos os dias no chuveiro electrico e deito no meu colchão de molas.

**11 de dezembro** Os dias que passaram eu não escretevi. Eu estava preocupada com receio de magoar alguem no meu *diário*. Recebi a visita de um professor de Campinas. Disse-me que é professor de corte e costura. Inventou um metodo para corte e costura e disse-me que até o alfabeto aprende o corte. Quer 50 mil cruzeiros emprestado para abrir uma fabrica. Citei-lhe que não posso emprestar.

— Eu assino umas promissórias.

Azucrinou tanto os meus ouvidos que convidei-o para irmos na cidade falar com o Dr. Lelio. Xinguei a minha vida. Quando eu não tinha dinheiro não tinha sossego com a fome a envolver-me no seu manto negro. Agora tenho dinheiro e não tenho sossego com os oportunistas, os piratas que querem aproveitar-se da minha situação. Eles vê vender muitos livros, pensam que o lucro é todo meu. Eu ganho comissão nas vendas.

O Dr. Lelio disse ao costureiro de Campinas que não há possibilidade de favorecê-lo. Elle mostrou seus modelões ao Dr. Lelio. Dei graças a Deus quando o Dr. Lelio nos despediu. Na rua o homem continuou insistindo. Já estou farta dos aborrecimentos que vem surgindo para mim. (...) Comecei a ganhar dinheiro, surgiram os polvos com seus tentáculos. Por que não vão pedir dinheiro a Ligth, ao Conde Francisco Matarazzo? Tem pessoas que não precisam e vem pedir-me. Eu nunca pedi por ambição. Quando pedia, pedia o essencial. Sobre de comida para os meus filhos, sapatos para a Vera.

O costureiro disse-me que já encontrou quem auxilia a montar a fabrica e os lucros serão divididos. Disse que não. Quer arranjar dinheiro, montar a fabrica e os lucros há de ser exclusivamente dele, que é o inventor.

Egoista. O egoista pensa que êle deveria morar no mundo sozinho. Se o seu invento dá dinheiro êle podia organizar uma sociedade. Se a Natureza é coletiva, porque é que o homem há de ser egoista? Querer tudo só para si. Uma laranjeira dá laranjas para milhares de pessoas. O Sol é um astro unico e aquece o mundo.

... Tem hora que fico pensando: na favela há brutalidade. Eram incultos. Aqui há rivalidades, ambição. Não há sinceridade. O homem de Campinas levou-me num tabelião para preparar uma letra promissoria de 50 mil cruzeiros. Mas o Dr. Lelio não emprestou.

Eu nunca ouvi falar em letra promissoria. Quem comprou os selos para a letra fui eu, porque o costureiro de Campinas não tinha dinheiro. Despedi do homem e voltei para Osasco. (...) Tem pessoas que odeia-me, dizendo:

— Aquela desgraçada está rica.

**12 de dezembro** ... A Divina, filha da D. Maria minha empregada pediu-me 100 cruzeiros emprestado. (...) A D. Maria trabalha para mim. Quando chega visitas ela fica descontente e triste, murmurando:

— Meu Deus do céu, isto é o fim do mundo! Deus está me castigando. O mundo está virando. Eu, branca, ter uma patroa preta...

Eu dava risada e pensava: nós os pretos não revoltamos de ter patrões brancos. (...) Não sou ex-gente com as minhas empregadas. Não faço questão de côr. Gosto de D. Maria porque ela lava roupa muito bem.

**13 de dezembro**

... Comprei dois chapéus de palha para andar nas praias do Recife. Quando chegamos no Aeroporto os carregadores saudaram-me dizendo:

— A senhora não para. Quer conhecer o mundo?

— Quero conhecer as cidades do Brasil.

As 11 horas embarcamos. Os passageiros reconheceram-me cumprimentando-me. (...) As 12 horas chegamos no Rio.

...Almoçamos rapidamente porque o avião ia zarpar. (...) As 18 horas chegamos na Bahia. Paramos para jantar. Eu queria ver a Bahia, a primeira capital do país. Mas o Aeroporto é distante da cidade. Um jovem que estava no avião disse para a garçonne:

— Esta é a Carolina Maria de Jesus.

Em três minutos apareceu um jornalista para fazer uma reportagem. (...) Entramos no avião e zarparamos. As 21 horas chegamos ao Recife. Os jornalistas nos aguardava. Estavam com trajes leves. Várias pessoas pediam autografos. Fui fotografada com a louríssima milionária americana Mary Johnson. Visitei o Recife a convite do ilustre e nobre Prefeito Miguel Arraes. O Aeroporto dos Guararapes estava superlotado. Perguntaram-me o que achei da viagem.

— O voo foi muito bom. Estou contente de conhecer os nordestinos.

... Eu e o reporter entramos no carro do senhor Fernando Navarro e fomos a um programa de televisão. Fui entrevistada pelo senhor Helio Polito. Fomos apresentados aos recifenses pelo vídeo. Cumprimos os pernambucanos e agradei a acolhida amavel. Após o programa fomos para o Grande Hotel. A reportagem nos aguardava. Eu estava alegre e confusa com as amabilidades dos nordestinos. Que homens educados!

... Perguntaram-me o que acho do comunismo:

— Não li e não vi países comunistas. Não posso dar opinião.

Disseram que sou comunista porque tenho dó dos pobres e dos operários que ganham o insuficiente para viver. E não tem um defensor sincero a não ser as greves, meios que recorrem para melhorar suas condições de vida. Mas são tão infelizes que acabam sendo presos e dispensados do trabalho. Conclusão: o operário não tem o direito de dizer que passa fome.

Quando os homens fôr super-cultos eles hão de liberar as terras e quem quiser plantar, planta. E não haverá fome no mundo. As terras tem que ser livres igual o Sol.

Se o Sol fosse terrestre seria sonogado pelo homem.

**14 de dezembro** ... O quarto que alojei dava vista para uma praça com arvoredos. (...) Saí, fui ver as igrejas e comprar jornais. As ruas são bem calçadas. Fiquei com dó dos nordestinos. Uns andam mal vestidos, comprovando que são pobres. Eu olhava os rostos tristes dos nordestinos. (...) Voltei para o hotel. O jornalista Alexandrino Rocha foi nos avisar que iam almoçar com o Prefeito Miguel Arraes, no *Buraco da Otília*.<sup>(13)</sup>

... Recebi a visita do senhor Hernani Bezerra, que me disse que estudou com sacrifício. Achei graça quando êle disse:

— Quando fui menino o meu sonho era comer pão com manteiga e não podia. E eu jurei: se algum dia eu puder eu hei de comer pão com manteiga todos os dias.

Olhou-me e disse:

— Carolina, eu já passei fome. Por isso compreendi o teu livro.

... Enquanto aguardávamos a hora de irmos almoçar com o Prefeito, fiquei circulando nas imediações. Ouvindo os comentários dos habitantes. (...)

(13) Restaurante típico de Recife, famoso pelos seus pratos regionais. (A. D.)

Todos queixam da opulencia de São Paulo, o filho legítimo do presidente da Republica. São Paulo e Rio são os prediletos. O Norte e o Nordeste são filhos adotivos. Filhos subnutridos. (...) O Nordeste é o quarto de despejo do Brasil.

... A 1 hora fomos almoçar no *Buraco da Otilia*. A casa é terrea e de madeira. Está localizada nas margens do rio Capibaribe. Através da janela vê-se o rio que corre. (...) A comida estava gostosa.

... Findo o almoço fomos percorrer as margens do mar. O mar é verde-esmeralda. O que eu achei interessante no nordestino: ele acha bonito tudo que é verde. O verde para eles é o simbolo da vida. Achei bonito os coqueiros e as barraquinhas cobertas com folhas de coqueiros.

... A tarde fomos autografar livros na Livraria e Editora Nacional. O transito foi interrompido com a minha presença. Em cada rosto que eu dirigi o meu olhar recebi um sorriso. Fiquei pensando: se eu pudesse viver aqui... Estavam presentes os poetas Carlos Moreira, Josué de Castro, Paulo Cavalcanti, Audálio Alves e Ascenço Ferreira.

**15 de dezembro** Levantamos as 6 horas e ficamos aguardando a chegada da perua que ia nos levar a Caruaru. As 9 horas o senhor Joacir Fonseca Soares e o motorista chegaram. Embarcamos. O reporter estava alegre. (...) O jovem Joacir Fonseca ia conversando, revelando bom humor. Que homens inteligentes tem o Norte!

... A estrada de rodagem é toda asfaltada. Eles construíram jardins com plantas insensíveis a epoca causticante. A unica arvore florida é o *flanboian*, com suas flores vermelhas. Os nordestinos olham as flôres com ternura no olhar. Comentam:

— Elas não temem a seca.

... Encontram-se muitos casebres pela estrada e os habitantes raquíticos, reclamando uma alimentação

reconfortante. Que existencia hedionda desse povo castigado pela Natureza. (...) Fiquei pensando: até na Natureza há seleções. No Sul chove. No Norte não.

... Quando chegamos em Caruaru fomos recebidos com alegria. Não notei uma indelicadeza nos nordestistas. São tão delicados que não se nota o culto e o inculto. Fomos anunciados pela estação de radio. Só que não tinha livros para ser autografados. Fiquei com dó daquele povo. E pensei: eles gostam de livros e os livros chegam aqui com atraso. Gostam de lavou-ras, mas as chuvas são escasas.

Um zabumba tocava na praça. Fui introduzida num patio, onde serviram bebidas e bôlos. Uma bebi-da gostosa, mas eu fiquei com medo de embriagar-me e desviar-me dos meus deveres. O poeta Lycio Neves que usava um terno branco igual flocos de algodão, nos recebeu amavelmente. Os componentes do zabumba eram pretos, mal vestidos e mal nutridos. Tive a impressão de estar vendo os habitantes da favela. Sorriam para mim, olhando-me com veneração. Olhares ternos. Pessoas que eu via pela primeira vez e tinha impressão de conhecê-los há tempos. O reporter disse-me:

— Carolina, aqui é a porta do sertão. As maiores misérias estão para a frente.

— Miséria — fiquei repetindo mentalmente. Eu dei 1.000 cruzeiros para os acompanhantes do zabumba. O reporter deu 1.000. O diretor do zabumba dizia:

— Nós já fomos ao Rio. O José Condé é de Caruaru. Ele veio nos visitar.

... Jantamos com o Prefeito de Caruaru, o senhor Antônio Lyra.

Ele estava sentado ao meu lado com os cotovelos na mesa e o rosto apoiado nas mãos. Não falava. Apenas ouvia os comentarios. Criticas aos politicos. Eramos 35 na mesa. (...) Quando despedimos é que fiquei sabendo que aquele senhor que estava ao meu

lado era o Prefeito. Fiquei confusa, lembrando o que havia dito ao Prefeito...

... Ganhamos uns presentes. Os bonecos do Vitallino. (14) Gostei de um boneco — "O Jornalista".

**16 de dezembro** Despedimos e retornamos para Recife. (...) Vi uns canos adutores na entrada da cidade. Disseram que o Sr. Juscelino Kubitschek estava canalizando a água a 40 quilômetros para Caruaru. O ex-presidente do Brasil foi enaltecido pelo povo. E eu que era anti-Kubitschek passei a admirar o ex-presidente do Brasil. E peço desculpas pelas alfineitadas que dei-lhe no "Quarto de Despejo"...

... As 11 horas chegamos em Recife. (...) Um jovem procurou-me para visitar o Hospital do Câncer e sua construção inacabada. Aceitei o convite. Passamos na Santa Casa, onde fui filmada com os enfermos. Foi a primeira vez que vi cancerosos, os infaustos que sabem que vão deixar o mundo para sempre. Eu dizia: — Os senhores vão curar-se. Já descobriram um remédio que vai curá-los.

Vi um jovem sorrir. E olhou-me com ternura. No corredor havia mais de cem pessoas aguardando consulta. Fui apresentada aos médicos, que queixavam dos atrasos das verbas hospitalares e a deficiência das dependências. O jovem que acompanhava-me é jornalista dos "Diários Associados". Deu-me 25 apólices para eu vender e angariar 25 mil cruzeiros para o hospital. Fomos visitar o hospital que estão construindo. Foi interrompido por falta de verba.

... Voltei para o hotel triste e horrorizada. (...) O senhor Hernani Bezerra estava a nossa espera. Queriam que fossemos visitar sua mãe. Fomos visitar sua casa. Que casa maravilhosa e confortável! (...) Eu disse-lhe que ia passar na televisão. Se podíamos esperar. O reporter brincava com a última filha do ca-

(14) Ceramista popular de Caruaru. (A. D.)

sal, dizendo que ela parecia com a Luluzinha (15). A esposa do senhor Hernani Bezerra preparava um jantar para nós. Que mulher caprichosa.

As 19 horas fomos ver a televisão. Eu apareci visitando os doentes e pensei que eles estavam vendo, porque nas enfermarias tinha televisão.

**17 de dezembro** ... As 7 horas deixamos Recife. (...) Quando entramos no avião retirei o meu rosário da bolsa, para rezar. As minhas preces foram para os nordestinos. (...) Quando descemos no Rio ouvi umas vozes pronunciando:

— Olha a Carolina! Ficou importante, está imitando o Juscelino. É nova rica. Há de querer construir uma casa no espaço e escrever um livro: "Da favela para a Lua".

Eu era o alvo dos olhares. Fui telefonar para D. Jurema Finamour. Ela não estava em casa. Deixei recado. Circulando pelo Aeroporto vi uma mulher de côr parda conduzindo uma menina pelo braço e chorando. Os ricos não preocupavam com as lágrimas da mulher mal vestida. Perguntei:

— Porque chora?

Ela assustou-se ouvindo-me. E disse com voz lacrimosa:

— Eu venho de Sergipe. O meu filho mora em São Paulo. Ele pediu-me para vir morar com ele, porque a sua esposa foi dar à luz e morreu. E os meus netos estão abandonados. São cinco crianças. Comprou a passagem até o Rio e eu não tenho dinheiro para chegar até São Paulo e não conheço ninguém aqui no Rio.

As lágrimas deslisava pelas faces da mulher. Eu disse ao diretor do Loide Aereo:

— Dê a passagem para ela, que eu pago.

(15) Personagem de história em quadrinhos. (A. D.)



— A passagem custa 3.700 cruzeiros, com a criança.

Contei o dinheiro. Estava com 5.000 cruzeiros. A mulher parou de chorar e começou a sorrir. E olhava-me com curiosidade como se estivesse vendo algo sobrenatural. Por todos os lugares que eu ia os olhos da mulher seguia-me.

... Quando chegamos a São Paulo a mulher foi apresentar-me ao seu filho e contou-lhe as ocorrências. E disse-lhe:

— Ela foi minha mãe lá no Rio. Nunca mais hei de esquecer a senhora.

Despedi da mulher sem perguntar-lhe o endereço.

**18 de dezembro** ... Fui na Imobiliária saber se a casa estava desocupada. Ainda não. Os parentes do dono ainda não conseguiram casa.

— Mas êle disse que a casa estava vazia.

— A senhora tenha um pouco de paciência. Saí da Imobiliária, tomei um taxi e fui ver o que havia com a casa.

**20 de dezembro** ... A Imobiliária prometeu-me entregar a casa dia 20. E hoje é 20. (...) Decidi que vou passar o Natal na minha casa de qualquer jeito.

**24 de dezembro** Levantei as 4 horas. Fiquei pensando na confusão da minha vida. Todos os dias eu vou na Imobiliária para saber quando é que o Senhor Carivaldo vai entregar-me a casa. (...) Decidi que vou morar na minha casa de qualquer jeito. Comecei arranjando as roupas e preparando as louças. Quando o dia despontou-se eu fui ao bar para perguntar ao dono do bar se havia possibilidade dele arranjar um caminhão para conduzir a minha mudança para a Rua Benta Pereira 562. Fui pagar o japonês, umas coisas que eu comprei fiado. Paguei a dona da quitanda. Quando o caminhão chegou perguntei ao espanhol se

queria conduzir-me até a minha casa no Alto de Santana. Disse-me que não. Que não podia porque ia na oficina. Mandei o José Carlos procurar um caminhão. Fui despertar a D. Maria para auxiliar-me e ver se ela já havia passado as roupas. E perguntei-lhe se queria ir para Santana. Disse que não, porque queria passar o Natal na sua casa. (...) Ela trabalha para mim, mas não bebe nas minhas xicaras, não prova a comida de minhas pancelas. Ela é muito orgulhosa.

... O José Carlos voltou com o caminhão. O motorista, depois de examinar os moveis disse-me que era preciso dois caminhões.

— O senhor pode arranjar outro caminhão?

— Posso.

Começaram a carregar o caminhão. O dono da quitanda aconselhava-me para internar os meus filhos. Que eu não devo deixar as crianças abandonadas. Não gosto das pessoas que se metem na vida dos outros. Eu estou trabalhando para educá-los. (...) A D. Rosa foi despedir-se, e disse-me que sentia a minha transferência para Santana. Ela disse-me que ia acompanhar-me e foi avisar o seu pai. O pai da D. Rosa estava em frente a minha casa. Eu dei-lhe um abraço e disse:

— Êle... é o meu noivo!

A D. Rosa sorriu comentando:

— Casa com êle, D. Carolina. Êle é viuvo.

Os motoristas já estavam pondo o motor em marcha. Comprei uma escrivaninha do senhor Victor, o dono da casa de móveis, o meu senhorio. Fiquei de ir pagar depois. Êle foi muito bom para mim. É um homem correto. Tem uma bela qualidade — palavra. A escrivaninha que eu usava foi o senhor Antonio Soeiro Cabral quem deu-me. Quando eu estava mudando êle tomou. Eu disse-lhe:

— Que espécie de homem é o senhor? O senhor não tem palavra. Deu-me a escrivaninha há três meses e hoje vem tomar-me.

Foi ele quem levou-me para Osasco. Tratou-me muito bem em sua casa. Foi o único lugar em que eu vivi bem. Mas os nossos espiritos não ligaram. Tem certos atos que desligam uma amizade... Quando eu dou algo para uma pessoa, está dado.

... Quando entramos no caminhão os vizinhos nos olhavam. (...) Agora que estou ficando rica peço a Deus para não ficar ambiciosa. Entrei no caminhão que estava com os moveis pesados. A D. Rosa foi no outro caminhão com os moveis leves. O caminhão que conduzia os moveis leves é mais novo. Ia na frente com velocidade. O outro mais velho ia atrás como se estivesse com reumatismo. (...) Encontramos dificuldades para chegar. Eu errei a rua quando cheguei. O motorista do primeiro caminhão já havia chegado. A D. Rosa disse que a Baiana <sup>(16)</sup> havia xingado.

... Paguei 4.000 cruzeiros para os motoristas. A D. Rosa voltou no caminhão. Os vizinhos começaram a falar que eu não devia ter mudado sem avisar. Fiquei nervosa, porque não gosto de palpites. (...) Resolvi ir na cidade. Tomei um taxi. Estava nervosa. Eu estava suja e o povo cumprimentava-me nas ruas. A "Folha de São Paulo" havia publicado que estava rica. O jornal perguntou o que ia fazer esta noite. Eu disse que ia mudar para a minha casa e enviar 25.000 cruzeiros a Campanha de Combate ao Cancer.

... Saí da Livraria e fui na Imobiliária avisar o senhor João que eu já havia mudado. Ele sorriu. (...) Fui almoçar no restaurante perto da livraria. Pedi feijoadá. Quando eu estava almoçando uns jovens pediu-me para autografar cedulas para eles. Eu comprei dois livros — "O Pequeno Principe" e o "Homem ao Quadrado", de Leon Eliachar. Mostrei o livro para os jovens. Eles examinaram e devolveram-me. Findo o almôço paguei 240 cruzeiros. E voltei para casa. (...) As pessoas paravam para cumprimentar-me e desejar Feliz Natal.

(16) Inquilina da casa adquirida pela autora. (A. D.)

... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. <sup>(17)</sup> Quando entrei o homem que estava confabulando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me de entrar na casa.

— Eu comprei esta casa! O senhor Carivaldo disse-me que a casa estava vazia. Era para eu mudar no dia 20.

O homem mudou de atitude. Mudou por completo. E foi almoçar. Eu estava com sono, queria desocupar um quarto para mim. O homem não permitiu. Para evitar encrenca resolvi ficar na sala.

... A tarde os filhos do senhor Monteiro foram chegando e perguntavam:

— Que diabo é isto?

— É a mulher que comprou a casa.

Chegou uma pretinha furiosa olhando-me com rancor, como se eu estivesse invadindo um templo sagrado. Os vizinhos comentavam, confabulando. Um jovem vizinho veio visitar-me e ageitou o tambor de gaz do fogão. (...) Jantamos, tomei banho e deitei. Mas as pulgas pareciam formigas na minha cama. Não consegui adormecer, porque os moços que residem na casa começaram a beber e dançar. Eu tinha impressão que estava numa buate. Eles reclamavam que os meus moveis estavam impedindo-os de dançar. Adormeci com as gargalhadas e os ritmos musicais. Despertei com as vozes dos filhos desejando Feliz Natal aos pais.

**25 de dezembro** Levantei as 5 horas. Hoje eu estou triste. Acho a minha vida sem graça. Fiz café, saí e fui olhar o céu, ver se vai chover, porque eu estou com dó dos favelados. Porque a favela está alagada.

(17) Uma das 15 pessoas residentes na casa que, de acordo com o contrato, deveria ser entregue no dia 20 de dezembro. (A. D.)

É horrível andar na agua. Eu ia cozinhar feijão. O senhor Alfredo Monteiro disse-me:

— A senhora não precisa fazer almôço. A mamãe faz para nós.

Fiquei contente, porque preciso escrever. Fui sentar ao sol, passou um preto. Cumprimentei. Ele não respondeu-me e olhou-me com desprezo. Xinguei o preto de tudo quanto existe neste mundo. Parece que o preto não está contente com o meu sucesso.

O sol estava gostoso. Comecei a pensar na minha vida. Todos dizem que fiquei rica. Que eu fiquei feliz. Quem assim o diz estão enganados. Devido o sucesso do meu livro eu passei a ser olhada como uma letra de cambio. Represento o lucro. Uma mina de ouro, admirada por uns e criticada por outros. Que Natal confuso para mim.

O João foi procurar-me e eu pedi a êle para ir comprar um jornal para mim. "O Estado de São Paulo", para eu ver a classificação do meu livro. Dei 10 cruzeiros. Ele girou e não encontrou. Voltou furioso. Repreendi-o.

— Você é um bobo.

Ele saiu furioso. O João vai ser um tipo difícil para compreender a vida, porque não gosta de ser criticado. (...) Passava uma senhora. Resolvi perguntar-lhe onde podia encontrar uma banca de jornais. Ela ensinou-me. Conversei com a mulher, que ficou contente quando eu disse-lhe que sou Carolina Maria de Jesus.

— A senhora é que escreve?

— Sou. Eu estou residindo aqui na Rua Benta Pereira.

— Que bom! Eu fico alegre de saber que a senhora está morando aqui na minha rua.

A mulher desejou-me feliz Natal e seguiu com as compras.

Continuei escrevendo. Olhando as pessoas que estão circulando na minha rua. Posso dizer minha rua porque estou comprando uma casa no bairro.

**26 de dezembro** Levantei as 3 horas para escrever. Fiz café para os jovens que saem para o trabalho. (...) Fui comprar a "Folha" para ver se a reportagem saiu. A reportagem estava na "Folha de São Paulo".

Mostrei o jornal para o senhor Monteiro. Ele sorriu, achando graça. Resolvi ir a cidade. Troquei os filhos para ir na cidade. ... Descemos na Avenida Tiradentes. Fui felicitar os velhos conhecidos. Os que reconheciam-me ficavam olhando-me com admiração. Fui visitar o José Castilho, porque êle auxiliou-me muito. Fui visitar o senhor Rodolfo Seharaufer, porque a Vera disse que está com saudades dêle. Fui visitar a Ivani. Ela disse-me que vai casar-se. (...) A mãe da Ivani ofereceu-me a sua casa. Eu não quero comprá-la porque é muito pequena.

... Resolvi ir a cidade. Passei na "Ultima Hora" e pedi ao senhor Remo Pangella para enviar um cheque a Clinica do Cancer em Recife. Quando visitei Recife fiquei com dó dos doentes.

**27 de dezembro** Levantei as 5 horas. Que suplicio ver os meus moveis espalhados. E eu que pensava e sonhava com uma casa de alvenaria, supondo que ia encontrar tranquilidade.

... Há os que me aborrecem e os que admiram-me. Os que querem auxilio e os que querem dinheiro para comprar casa.

... Fui no açougue e comprei um pernil de porco por 510 cruzeiros. Conversei com o açougueiro:.....

— O senhor está robusto porque vive no meio da carne.

Saí do açougue, entramos num bar. Comprei refresco para os filhos. Tomamos o onibus. Eu ainda

não sei tomar o ônibus. Desei fora do ponto e fomos andando. Os filhos reclamando porque não gostam de andar a pé. As pessoas que reconheciam-me paravam para conversar. Quando cheguei em casa recebi um recado do senhor Silva Netto que ia visitar-me as 9 horas da manhã. (...) Passei a tarde lendo e escrevendo.

**28 de dezembro** Não vou sair, porque tenho compromisso com os jornalistas. Fiquei surpreendida vendo a feira na minha porta. Os feirantes reconheceram-me porque já viram-me na televisão. Olhavam-me com curiosidade. (...) Comprei biscoitos para os filhos. Entrei, preparei café e fui escrever. As 9 horas o jornalista Silva Netto chegou com o fotografo. Ele fotografou-me em casa e na feira. Citei ao Silva Netto as condições que comprei a casa. (...) Os feirantes estavam contentes porque vão sair na Revista "Manchete".

... Recebi a visita de uma senhora por nome Guomar. Queixou-se que seu espôso está desempregado e se eu podia comprar-lhe ferramentas de marceneiro. Para ele trabalhar, porque as oficinas aceitam marceneiros mas não dá ferramentas.

— Quanto custa as ferramentas?

— 40.000 cruzeiros.

Continuou dizendo que seu espôso é pintor. Se eu vou pintar a casa, ele pode pintar a minha casa. Que ela é costureira, se eu preciso de costureira. Ela é costureira formada e que não sabe como é que a sua vida mudou deste jeito. (...) Convidou-me para ser madrinha de seu filho que está no ventre.

... Os jornalistas da "Ultima Hora" vieram convidar-me para ir a favela. Eu estava dando banho na Vera. O electricista estava ageitando o chuveiro, porque quando ele está ligado dá choque. Ele cobrou 100 cruzeiros. Dei-lhe 500 cruzeiros, ele não tinha trôco. Pedi ao jornalista Magalhães para pagar. Saí com os

jornalistas. Os visinhos olhavam-me com curiosidade. (...) Segui no jipe da "Ultima Hora" olhando os recantos que percorri quando catava papel. Os visinhos da favela reconheciam-me no carro. Quando cheguei na favela fui falar com a espôsa do gari da Prefeitura que ganhou um premio na Loteria Federal. Os favelados agrupavam-se para olhar-me. Olharam-me com admiração.

**29 de dezembro** ... Fui na residencia do reporter (...) Para mim o problema da comida foi solucionado, graças a Deus! E ao reporter. Mas existe os outros que não tiveram a sorte de nascer com o pensamento igual ao meu.

... Despedi do reporter, dizendo-lhe:

— Eu gosto muito de você.

Tomei o onibus mais reanimada. Quando desci do onibus fui a pé para casa. Passei numa loja para ver os tecidos. São belos.

— A senhora é a Dona Carolina?

— Sou.

— Muito obrigado da senhora escolher o meu bairro para residir.

Despedi e segui pensativa. Descontente com a minha popularidade.

— Olha a Carolina Maria de Jesus!

— Oh, aquela! Esta mulher vale uma fortuna.

Um pretinho chamou-me:

— D. Carolina!

Entreí na barbearia para atendê-lo. Ele olhava-me com admiração. (...) Despedi desejando-lhe Feliz 1961.

Galgava a Rua Alfredo Pujol. Desviei para outra rua, porque eu vi umas arvores frondosas. Onde tem arvores tem passaros. Eu gosto das aves, porque são inofensivas. Não tem a inteligencia diabolica do homem, que constroi a tal de bomba atomica e outras

inutilidades. Essas invenções servem para intimidar as nações.

... Uma senhora que escreveu um livro em idiche veio para eu levá-la a cidade, que ela quer mostrar o seu livro para o Dr. Lelio. Quer que êle mande traduzir para editar.

... Fomos de onibus. Não tinha lugar. Quando fui pagar já haviam pago para mim. Não sei quem pagou, mas agradeço ao meu amigo desconhecido. Dirigi para a Livraria. Encontrei o povo animado. O meu livro estava chegando. A setima edição.

Subi no elevador. O senhor Paulo Dantas estava na Livraria. Pedi para atender a escritora judaica. Êle olhou os manuscritos e disse-lhe ser impossível dar uma solução, porque o manuscrito está noutro idioma. Para ela falar com o Dr. Lelio.

**30 de dezembro** ... Mandei o José Carlos comprar a "Ultima Hora" para ver as ocorrências da cidade. Chegou um casal que veio pedir-me para auxiliá-los na campanha de construção de uma casa para as crianças da favela. Ela vai construir um abrigo em Itapeirica da Serra. Ela despediu-se e eu troquei e saí. Fui na Livraria.

... Saí com o reporter. Encontramos a escritora Helena Silveira. O reporter apresentou-me e disse-me que a escritora Jurema Finamour está hospedada no Hotel Excelsior. Fiquei contente. Despedi do reporter e segui com D. Helena Silveira. Ela ia encontrando os amigos. Na Rua D. José de Barros nós encontramos um senhor moreno de olhar enigmático. Ela disse-lhe:

— Esta é a Carolina.

Êle abraçou-me e beijou-me. O povo que transitava paravam olhando-nos petrificados. Fiquei preocupada com os olhares.

— Quem é este senhor? — perguntei para esclarecer aquela curiosidade ao nosso redor.

— É o vice-governador Porfirio da Paz.

— Oh! — exclamei atônita e deslumbrada.

Num segundo comecei a relembrar a tragetoria da minha vida. Empregada domestica, lavradoura, catadora de papel e agora escritora e admirada. E beijada pelo vice-governador! Comecei a pensar num sambinha incluindo uma cena com o senhor Porfirio da Paz.

Despedimo-nos e seguimos. Quando chegamos ao Hotel Excelsior o porteiro disse que lá não havia ninguém com o nome de Jurema Finamour. Mas resolveu consultar o fichario. Localizou uma Jurema e telefonou. A D. Helena Silveira falou-lhe. Ela nos convidou para irmos até o seu apartamento.

**31 de dezembro** ... Quando o dia surgiu pedi ao João para ir comprar a "Ultima Hora". Quero ver quem é o "Homem do Ano de 1960". O mais votado foi o senhor José Bonifacio <sup>(18)</sup>. Eu ganhei 8 votos. E o Audálio 1, que eu dei. Fiquei com dó do Audálio por ter ganho só o meu voto.

... Passei o dia deitada. Queria ouvir o radio para saber quem ia ganhar a corrida de São Silvestre. Cada fim de ano é de um jeito. O ano passado eu estava na favela. Este ano na casa de alvenaria. Desde os meus 8 anos que estou procurando localizar a tranquilidade e a felicidade.

Há os que dizem que o ente humano é insentivel.

(18) Secretário da Agricultura de São Paulo e autor de um projeto de Reforma Agrária. (A. D.)

- Eu não tenho o prestígio que a senhora tem.
- Eu não posso auxiliar-te.
- Eu vim procurar-te com a melhor das intenções e a senhora falha!
- ... O homem saiu sem despedir-se. Eu estava apavorada. Se o homem invadisse a casa?

**2 de janeiro** ... Hoje eu estou triste. (...) Saí de casa de qualquer jeito. Enquanto esperava o ônibus fui conversar com um preto que tem colchoaria. Queixei-lhe que estou revoltada com a vida e quero ir pro Rio Grande do Sul.

— A senhora ficou famosa. E todo lugar que a senhora ir encontrará dissabores.

... Eu ia parando nas bancas de jornais para ver as novidades e o que vai pelo mundo. "Cuba está em guerra" — era a notícia sensacional. Não louvo o homem que faz guerra, porque a guerra destrói o que ele constrói.

... Voltamos para casa de ônibus. (...) Amanhã a televisão vem aqui em casa.

**3 de janeiro** ... As duas da tarde o carro da Televisão Record chegou. Eles começaram a preparar as transmissões. As crianças e os vizinhos aglomeraram-se no portão da rua. Tomei banho e preparei os filhos. Fui comprar pinga e café. Vou preparar pinga com limão para os reporteres. Tenho duas garrafas de vinho. Pedi calices emprestado aos vizinhos. (...) Para distrair-me fui falar com a vizinha. Ela e o seu esposo, senhor Rogerio Reis. Eles são bons vizinhos. O João foi avisar-me que o reporter havia chegado. Fui cumprimentá-lo. (...) Chegou o reporter Murilo Antunes Alves. Quando iniciamos o programa a casa e o jardim... estava... superlotado <sup>(19)</sup>. O senhor Murilo Antunes Alves perguntou porque eu tenho o retrato do senhor Janio Quadros.

(19) O programa foi transmitido diretamente da casa da autora. (A. D.)

**1 de janeiro de 1961** ... Fiquei sosinha com os meus filhos. Eles estão à vontade. A Vera disse:

- Que bom, mamãe, se nós vivéssemos sosinhos. ... Atualmente recebo visitas de varias pessoas. Uns vem pedir dinheiro, outros vem para conhecer-me. Quando tocavam a campainha os filhos dizia:
- A mamãe não está.

Resolvi limpar a casa. Aqueci água para matar baratas, quando a campainha tocou. O João foi atender e disse que eu não estava. Cheguei até o vitró para ver.

- O que deseja?
- Carolina, eu vim aqui para beijar teus pés. Posso entrar?

Não convidei-o a entrar porque ele estava alcoolizado. E os ebríos são falastrões. Falam, falam e não dizem nada.

- Eu não posso receber-te porque vou a televisão.

— Está bem, você não quer receber-me. Você agora ficou rica, saiu da favela... Agora você é Dona Carolina.

Fechiei a porta com dó, porque eu não gosto de magoar ninguém.

... Continuei limpando a casa e pensando na minha vida. Estou envelhecendo. Limpei o banheiro. A casa ficou bonita. As 7 horas fui lavar a frente da casa. Chegou um senhor que já procurou-me há uns dias. Ele pediu-me para falar com a "Última Hora" para patrocinar um programa na televisão, que ele quer fazer palestra sobre os favelados.

- Mas a "Última Hora" não vai atender-me. O senhor é que deve ir.

— Não sou janista. Conservo o retrato do senhor Janio Quadros para ver se ele sorri até o fim do mandato.

O senhor Murilo Antunes Alves elogiou o meu livro e citou que ele aborda um problema social. Quando a televisão despediu-se eu fui conversar com o senhor Rogério. (...) Deitei as 2 horas da manhã.

**4 de janeiro** ... Depois que eu comprei a casa é que eu cheguei a conclusão que sou importante. Estou contente. Agora eu sou alguém e posso receber visitas. Passei o dia deitada. As 6 horas recordei do convite de D. Suzana Rodrigues para comparecer no seu programa da televisão. Preparei e saí às pressas. Quando cheguei no estúdio o programa já estava no ar. Consegui entrar.

... Quando saímos da televisão a D. Suzana Rodrigues convidou-nos para irmos ao Clube dos Artistas. Vi varias mesas com homens sem mulher. Sentamos na mesa maior. A D. Suzana pediu o jantar: picadinho. Serviram ovos, arroz e farofa. (...) Varias pessoas olhavam-me e comentavam:

— Aquela é a Carolina.

A D. Suzana Rodrigues, atenciosissima, apresentava-me para as pessoas de sua amizade. O seu filho e filha nos acompanhava. A D. Suzana convidou um senhor para ir a nossa mesa. Apresentou-me:

— Este é o escritor Mario Donato.

... Ele disse-me:

— Carolina, emprega bem o teu dinheiro, porque a literatura não é meio de vida.

... Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emocionava-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem

hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no Universo:

Viva o meu livro!

Viva os meus dois anos de grupo escolar!

E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus.

**5 de janeiro** ... A casa é um sobradinho. Os quartos são amplos: dois dormitórios. A vista é magnifica. Avisto a serra da Cantareira.

... Tomei o onibus e ia pensando no senhor J. F. Bueno, que reside na Rua Guaporé. Ele está desempregado, devendo dois meses de aluguel e devendo o empório. Quem veio procurar-me a primeira vez foi a sua espósa. Veio pedir dinheiro, que está grávida. Queixou-se que o seu espóso é marceneiro e não tem ferramentas para trabalhar. Se eu podia pagar o empório para ela. Enviei um bilhete que eu ia pagar o empório para ela sexta-feira. Mas não me foi possível. Ela apareceu com o espóso e fez uma lista das ferramentas que eu devia comprar-lhe para ele trabalhar:

1 plaina  
1 serrote medio  
1 serrote de costa  
1 esquadro pequeno  
1 martelo medio  
1 groza  
6 fornões  
1 compasso  
1 arco de pua  
4 ferros de furar  
1 lima triângulo.

Eu fico alucinada com os pedidos.

**6 de janeiro** ... Recebi a visita de uma senhora que pretende construir um abrigo para crianças — União Cristã de Amparo a Infancia. Eles tem um



terreno de 15 alqueires em Itapeirica da Serra e quer construir um educandário para crianças desajustadas. (...) Convidou-me para ser socia. Combinamos que ela devia vir terça-feira. Estou indisposta e agitada, pensando na minha vida trepidante. Todos os dias deparo-me com um aborrecimento.

**7 de janeiro** ... O senhor Fabio Paulino veio visitar-me com a sua espôsa. Casaram-se há 8 dias. Ela é professora. É distinta e agradável. Ele é radialista da Emissora Cometa e 9 de Julho. São meus visinhos.

**8 de janeiro** ... Um senhor que disse ser do Paraná veio procurar-me para eu emprestar-lhe 800.000 cruzeiros, que ele fez uma divida no banco e os títulos estão vencendo e ele não tem dinheiro para pagar. (...) Ele disse-me que esperava até terça-feira para eu dar-lhe o dinheiro. Fiquei horrorizada. Onde é que eu vou arranjar 800.000 cruzeiros para emprestar a um desconhecido no prazo de treis dias?

Ele disse-me que depositava 100.000 cruzeiros no banco para mim, todos os meses. Se ele pode depositar esta quantia no banco para pagar a sua divida, porque não dá ao banco?

Ele despediu-se. Prometi procurá-lo no Hotel Piratininga, onde ele está hospedado. Ele estava comentando que o seu pedido não devia ser divulgado, que é importante. Na minha fraquissima opinião, ele é um mendigo fantasiado de rico.

... Recebi varias pessoas que veio visitar-me. Fico triste porque a casa está horrorosa. Um senhor que reside no bairro de Vila Mariana veio procurar um livro para comprá-lo. Um pretinho acompanhava o casal, que despediu-se na porta. O preto entrou. Mostrou-me os retratos de seus parentes, suas nupcias etc. Fiquei observando: ele é do tipo que quer ter classe na vida.

**9 de janeiro** Levantei furiosa, xingando a minha vida. Estou descontente com esta casa. Olho as paredes, estão sujas. Olho o jardim, está triste porque não tem flor. O quarto onde estão os moveis dos nortistas está superlotado de pulgas. Tentei entrar, elas invadiram as minhas pernas. Isto é demais. Vou solucionar a minha vida. Desse jeito é que não vou ficar. Escrevi um bilhete:

“Senhor Antonio:

O reporter Audálio Dantas disse que se o senhor não retirar os seus moveis até amanhã, êle vai levá-los para o Deposito Municipal. Depois o senhor resolve com o Prefeito.”

... Xinguei o reporter. Aquele cachorro podia comprar uma casa limpa para mim. (...) Eu não queria esta casa, mas o reporter predomina. Anula todos os desejos que manifesto. Mas, eu tenho que tolerá-lo. Foi êle quem auxiliou-me, por isso prevelece. Mas o dia 13 de maio êle há de dar-me a minha liberdade.

... Circulei o olhar pela sala. Pensando nuns tapetes e numa sala de jantar bonita. Contei os dezennove degraus que nos conduz aos dormitórios. Peguei a sacola e saí. Encontrei o José Carlos na rua. Êle correu, pensando que ia apanhar. Fui falar com a D. Elza. Minhas ideias estavam confusas.

**10 de janeiro** ... Comprei palha de aço. Vou limpar o quarto que vai ser para as crianças. Limpei o quintal. Fiz café. Não tive tempo de fazer almoço. Limpei os vidros e as venezianas. A casa é bem feita. Só que estragaram-na toda. Trabalhei um dia e uma noite para limpar esta casa. O assoalho ficou bonito.

**11 de janeiro** ... Fui percorrer a feira. As mulheres perguntavam-me se os nortistas já haviam mudado.

— Não. Prometeram mudar hoje.

Comprei uma blusa para o João ir as aulas. A Deznita veio com uma senhora para retirar os moveis. (...) O senhor Monteiro ia carregando o seus moveis. O caminhão não parou na porta por causa da feira. Respirei aliviada quando vi a casa ao meu dispor. Eu não sabia que ia ter aborrecimento comprando a ambonhada casa de alvenaria. (...) Eu pensava assim: quando eu comprar uma casa hei de falar das flores que adornará o meu jardim.

... Eu estava exausta. Preparava para deitar quando a campainha tintilou-se. O João abriu a porta:

— É o Audálio.

Cumprimentou-me. Eu disse-lhe que estava lutando com as pulgas. Já encerei dois dormitórios. Ele galgou as escadas. Elogiou o brilho do assoalho. Eu compus umas canções. Cantei para ele ouvi-las. Disse-me que são boas.

**14 de janeiro** ... Fui rever os velhos conhecidos. Conversei com o alfaiate. Quando eu catava papel ele auxiliava-me. (...) No bairro que eu catava papel — a Ponte Pequena, eles não leram o livro. O conhecimento que tem é dos jornais. As pessoas acercavam para olhar-me com admiração.

— Eu vi você na televisão.

— Eu vi você nos jornais.

— Tua vida melhorou?

— Não melhorou. Não tenho sossego para esquecer.

A D. Anita convidou-me para ir falar-lhe. Mas eu não fui. Porque quando eu catava papel ela fugia e se estava na janela retirava. Um dia eu disse-lhe que não precisava ausentar-se da janela quando avisasse-me, que não mais olhava-a. Ela feriu-me muito. Agora chegou a minha vez de feri-la. Pós a juro, recebe.

Despedi e segui olhando as latas de lixo nas ruas. Quando eu, com o meu saco de 40 quilos, curvava de lata em lata recolhendo os papeis e as latas e os metais na sacola, a Vera reclamava que o seu sonho era vestir igual as meninas da vitrine, tenho a impressão que estou vivendo um sonho. Onde há momentos maravilhosos e momentos trágicos.

... Hoje é sábado. Se eu estivesse catando papel estava correndo de um lado para o outro para conseguir mais dinheiro. Se eu estivesse na favela a esta hora o meu filho João estaria preso. Pensando bem devo agradecer a Deus e ao reporter que auxiliou-me muito. Estou livre das brigas e da Radio Patrulha.

**15 de janeiro** ... Recebi visita de uns pretos do interior e outros de São Paulo. Um pretinha vieram visitar-me. Uma é pintora e aconselhou-me a alisar os cabelos.

— Os jornalistas não deixam.

— Credo! A senhora obedece-os?

— Quem não obedece não triunfa.

O senhor Rubens, o cantor, veio visitar-me. Queixou-se que sua espôsa é indelicada para ele.

— Vivo ao seu lado por amor aos meus filhos.

Disse que ele é quem prega os botões quando caem. Ele ergueu a cabeça fitando o teto com a voz amargurada:

— Se eu pudesse sumir... Mil vezes morrer do que viver assim.

Ele despediu-se. Ia saindo quando a cama quebrou-se, porque três senhores estavam sentados.

**16 de janeiro** ... Dirigi-me a Livraria para ver o senhor Paulo Dantas. (...) Desciamos a Rua Libero Badaró. Vi varias pessoas conduzindo cartazes. Os cartazes iam com inscrições pedindo aumento.

(...) Parei para ver. Fui reconhecida. Eles vieram falar-me:

— Nós queremos aumento!

Fiquei condida, porque eu já passei fome. Asustei-me quando ouvi vozes e a multidão com cartazes. Era os bombeiros e a Força Pública.<sup>(20)</sup> Um senhor pegou o meu braço. Fiquei ao lado da deputada Ivete Vargas. Conversamos sobre a confusão em São Paulo. O povo bradava:

“O Plano de Ação acabou com o nosso pão!”<sup>(21)</sup>  
... Eu não pretendia entrar na passeata. (...) Passamos perto da Livraria. O povo olhava o meu quadro exposto na frente da Livraria. (...) Fomos no Largo São Francisco. As espôsas dos soldados estavam com os filhos. Eles devem sofrer mais do que os favelados. Não sei como é que os homens hão de fazer. Se vai para a lavoura o fazendeiro explora, se entra na Força Pública o governo quer pagar salário de fome.

**18 de janeiro** ... Uma senhora veio procurar-me. Veio pedir-me 400.000 cruzeiros para pagar a hipoteca de sua casa. Falta dois meses para vencer.

— A senhora empresta-me 400.000 cruzeiros que eu pago 8.000 por mês.

— A senhora volta amanhã. Vamos falar com o Dr. Lelio ou o reporter.

**21 de janeiro** ... Com a transformação da favela para a casa de alvenaria os filhos estranharam-se. O José Carlos fita-me longamente. Para ele eu sou uma heroína porque comprei uma casa de alvenaria.

**25 de janeiro** ... O reporter chegou acompanhado com o fotografo Jorge Torok. Eles entraram. (...) Fomos na favela. Eu ia mostrando-lhe os recan-

(20) Passeata dos soldados da Força Pública, que faziam greve por aumento de vencimentos. (A. D.)

(21) Plano Quadrienal do Governo Carvalho Pinto. (A. D.)

tos que eu passava. As ruas que transitava catando papel. Quando cheguei na favela as crianças iniciaram uma vaia. Em 5 minutos a noticia circulou que eu estava na favela. O povo afluíram-se para ver-me. Conversei com a D. Esmeralda. Disse-me que seu espôso não mais apareceu. Ele fingiu que estava louco e abandonou a familia. (...) Eu e o Torok circulavamos pela favela. Que lugar imundo. É uma desumanidade deixar os pobres viver assim. Fui visitar o meu barracão. O Seu Chico modificou. Apenas conservou a tabua que o João escreveu — “O Audálio é nosso”. O reporter fotografou-me com o meu povo, os favelados. Fui conversar com o senhor Luiz. Ele pediu-me:

— A senhora precisa ser a porta-voz da favela. Falar por nós.

Percebi que os favelados olhava-me com admiração.

**26 de janeiro** Levantei as 4 horas e fui escrever. Começo a gostar da casa. As pulgas estão desaparecendo. Que bom escrever atualmente com a luz elétrica. A minha casa tem 14 lampadas.

Fui a Livraria. O Dr. Lelio disse-me que vai pagar-me duas edições amanhã. Ele ia pagar-me hoje, mas o reporter viajou. Não quero receber na sua ausência. (...) Vou jantar na residência da deputada Ivete Vargas. Que sacrificio para tomar um taxi. Estava chovendo. Conseguimos um. Dei o endereço para o motorista. Ele disse-me que já votou na Dona Ivete Vargas treis vezes. E não está arrependido, porque ela não decepciona. É uma grande mulher.

— Grande mulher é a que cuida dos filhos na epoca atual. Tem que enfrentar...o custo de vida astronómico.

Ele não apreciou as minhas palavras.

— Grande mulher é a Dona Ivete. É porque a senhora não lhe conhece. Ela tem favorecido o povo.

Não comentei porque não a conheço. Eu era do quarto de despejo. Agora eu sou da sala de visita. Estou na casa de alvenaria. No quarto de despejo eu conhecia os pé-rapados, os corvos e os mendigos. Na casa de alvenaria estou mesclada com as classes variadas. Os ricos e os da classe média.

... Convidei o motorista para ver a Dona Ivete Vargas, já que ele é seu eleitor cativo.

— Ah! Ela não me conhece.

— O senhor vai comigo. Ela há de receber-te.

Ele disse-me que ia girar porque nos dias de chuva os motoristas ganham mais. Quando entrei no edifício varias pessoas reconheceu-me e indicou-me o andar. Quando cheguei na casa de D. Ivete a casa estava superlotada. Varios homens. Todos do P.T.B. (...) Ela é educada e distintissima. Ela convidou-me para jantar.

... Em todos os recantos vê-se o busto do Getúlio em bronze. Ela diz:

— Eu tinha loucura pelo titio. Ela falava uns termos politicos que eu desconheço. Ouvindo êles falar de politica tinha impressão que eu estava num mundo estranho. (...) Estava presente um casal de radialistas. Eu disse-lhes que sou compositora. Cantei algo para êles.

**27 de janeiro** Levantei as 6 horas. A casa estava suja. Fiz café, o João foi comprar pão. Ensaboei umas roupas. O João disse-me que a mulher que quer os 400.000 cruzeiros emprestado vinha chegando e êle ia dizer-lhe que eu não estava.

— Diga que eu estou e mande-a entrar. Agi assim para não ensinar os filhos a mentir. Ela entrou com uns embrulhos. Ela quer cativar-me para eu resgatar a sua hipoteca. Mas eu ainda não normalizei a minha vida. Tenho a impressão que sou uma carniça e os corvos estão rondando o meu corpo. Corvo humano que quer dinheiro.

... O homem que quer montar uma oficina de corte e costura voltou para pedir-me os 50.000 cruzeiros emprestados. Xinguei-o, dizendo-lhe que eu tenho obrigação de cuidar só dos meus filhos.

**28 de janeiro** Levantei furiosa. Fui lavar o jardim. Os filhos pisaram na terra e no ladrilho. Xinguei a Vera e o José Carlos, porque êles não dão valor a nossa casa de alvenaria.

Nós estamos livres das enchentes e dos vadios. A nossa vida ficou côr de rosa. A Maria Aparecida, filha de D. Elza, queria brincar com a Vera, mas ela está de castigo. Tomei o onibus e desci na Avenida Tiradentes. (...) Encontrei a Dona G. que mora nos fundos do empório. Ela convidou-me a entrar. Ela disse-me que estava grávida.

Mentira. Ela continua esbelta igual uma minhoca. Segui olhando aqueles recantos que eu percorria procurando latas, ferros e papeis para vender. (...) Eu comprei farinha de milho para os filhos comer com leite. Tomei um taxi. O motorista disse-me que se chama Serafim, é filho de uma lavadeira e está escrevendo um livro nas horas vagas.

— Escreve o livro e dá para o reporter. Ele é honesto.

Ele continuou falando de sua mãe. Mostrei-lhe a casa. Ele disse-me que acompanha os meus sucessos pelo radio e os jornais.

**30 de janeiro** Levantei com a voz do Lelé, o jardineiro que veio tratar um serviço para mim. Desci as escadas. Os filhos já haviam atendido. Ele examinou o jardim. Disse-me que vai arrancar mudas de flores no Horto Florestal. Mostrei-lhe a casa. Ele ficou admirado da minha ascensão na vida. E disse-me:

— Até que enfim a tua estrela brilhou. Deixou mesmo as latas do lixo!

Ele prometeu vir quarta-feira. (...) Os filhos reinam muito. Dei-lhes uma surra porque eles pulam a janela do meu quarto para sair na rua. Eles quebraram um adorno do banheiro.

**31 de janeiro** Levantei as 9 horas, com a voz do Lelé que veio cuidar do jardim. Ele trouxe um coqueiro. Vai plantá-lo no centro do jardim. (...) O Lelé disse:

— Eu quiz casar com você. Você não quiz. Hoje eu estaria bem.

— Mas se eu me casasse eu não conseguia nada na vida.

Paguei o Lelé, que olhando-me com admiração, dizia:

— Que salto você deu na vida! Você saiu do inferno e está no céu.

— Engana-te. Eu estou no Purgatorio.

Ele prometeu voltar para ver se as flôres pegaram.

**1 de fevereiro** Hoje é o aniversário do João. Ele completa 12 anos. Está alto e desenvolvido. Está no 4.º ano.

... A Dona A. chegou. Vou ver se o reporter consegue auxiliá-la. Ela está triste. (...) Encontrei o reporter na redação. Assinei os contratos que vão para os Estados Unidos. Perguntei-lhe se havia possibilidade de arranjar o dinheiro para a Dona A. Disse-me que não, porque eu tenho a prestação da casa e o que vou receber não dá. Preciso comprar os moveis e internar os filhos.

... A Dona A. estava triste. Começou a queixar-se. Ela disse:

— Se eu não conseguir este dinheiro eu vou suicidar.

— Mas o teu espóso tem que auxiliar-te. A pior tolice é hipotecar uma casa.

**4 de fevereiro** ... Bateram na porta. Era uma preta. Mandeí entrar. Ela disse-me que lê todas as reportagens que falam de minha pessoa. Chama-se Isolina. A mulher fala por trinta. Disse-me que ficou doente vinte e dois anos. Ela disse:

— O terreno que comprei paguei só dois anos. Estou atrasada há 8 anos. A companhia quer o terreno. Deixaram eu ficar porque eu estava doente. Eles exige 44 mil cruzeiros de uma vez. Venho pedir a senhora para pagar o terreno para mim. Depois eu vou pagando-te aos poucos. Se eu não puder pagar-te o terreno é da senhora ou dos teus filhos. A água lá é boa. O pôço deu água com dois metros. Todas casas são alvenaria. O meu é um barracão. Ninguém queria dar-me água. Os outros pôços tem 16 metros e o meu tem 2 metros. Tem um visinho que fez um pôço na direção do meu e não encontrou água. Deus está é ao lado dos pobres. O advogado disse-me para eu levar o dinheiro até o fim do mês.

Dei um prato de canja para ela. E uma laranja. A D. Maria José estava assando biscoitos e deu-lhe uns. Eu disse-lhe que vou ver se pago o terreno para ela. Ela vai voltar dia 15.

— Assim que ela saiu começou a chover. Dei 50 cruzeiros para ela pagar a condução. (...) Era 19 horas quando um carro parou na porta. Desceram os fundadores do Orfanato União Cristã de Amparo a Infância. Duas senhoras, dois senhores e duas meninas. A Vera abriu-lhes a porta. Vieram convidar-me para ir a televisão pedir auxilio para construir um abrigo em Itapeirica da Serra. Mostraram-me reportagens que fizeram em varios jornais da capital e do interior. (...) Vão fundar um orfanato e vão abrir um livro de ouro. Um senhor disse no jornal que Carolina Maria de Jesus abre o livro de ouro com 100 mil cruzeiros. Fiquei horrorizada, porque eu não dei essa autorização. Eu não mencionei isto. (...) São

Paulo abriga uma leva de malandros. Mas eu deixo eles vir pedir-me dinheiro até cansar.

**5 de fevereiro** ... Tomamos um taxi. Duas moças acompanharam-me até a Radio Nacional. (...) O que eu achei graça foi quando perguntei ao porteiro da radio:

— O senhor Mario Brasini está?

Olhou-me minuciosamente e disse-me:

— O Doutor Mario Brasini está. A senhora vá na outra rua.

E assim fiquei sabendo que o senhor Mario Brasini é doutor. Dirigi a outra rua. A jovem porteira disse-me que o doutor Mario Brasini estava no terceiro andar. Entramos. Encontrei-o escrevendo. Está magro. Ele disse-me:

— Oh, Carolina!

— Quando é que devo vir para autografar os livros?

— Depois do Carnaval.

... Despedi dêle. (...) Entramos num bar. Um jovem reconheceu-me e disse-me que conhece-me desde 1952, quando o Pacheco fez uma reportagem na "Ultima Hora". Começamos a conversar sobre a minha popularidade. Chegou um jovem dizendo que gravou o samba "Favela do Canindé" e se eu já ouvi o disco.

... Tomamos um taxi. Quando cheguei na minha casa paguei o carro e fui procurar os filhos. Fui ver se a Vera estava na casa do senhor Rogerio Reis. Ele é muito educado. Recebe os meus filhos sem orgulho. Tenho bons vizinhos. A D. Maria José e o seu espôso senhor José Simões Paulino residem no número 566. D. Ivette Oddone, residente no numero 608. e a D. Jaci Villar Miranda, residente no numero 597. E o senhor Aniz Kassabian, residente no numero 575. E D. Elza Bertolini Lopes, residente no numero 575.

Os filhos estavam na casa de uns pretos bons, na Rua Francisca Biriba. Eles tem televisão.

**6 de fevereiro** Abri a janela. O astro-rei já estava visível. (...) Preparei a Vera e saímos. Fui na Livraria. O advogado da Livraria estava presente. Somaram quanto eu recebi até a setima edição do meu livro. O reporter disse-me que eu gasto muito.

Eu não tinha nada. Tive que comprar tudo. Se estou gastando gasto o que é meu. (...) As observações injustas magoa-me. Recebi dois cheques. O Audálio disse-me para eu por no Banco. Fui ao Banco, depusitei o dinheiro e retirei 10.000 cruzeiros para comprar botinas para a Vera. O Audálio disse-me que eu compro sapatos todos os dias... Se êle continuar aborrecendo-me eu volto a catar papeis.

... Entrei na loja e comprei umas botinas para a Vera. 780 cruzeiros. É muito dinheiro nos pés de uma criança.

... Eu estava procurando um carro quando ouvi a voz do senhor Fabio Paulino, o meu visinho. Os carros que passavam estavam ocupados. Por fim encontramos um taxi. O motorista era preto. Eu disse-lhe que estou contente com as ações do presidente dos Estados Unidos, senhor Kenedy, porque êle está abolindo o preconceito. O senhor Fabio Paulino não apreciava os norte-americanos. Acha-os desumanos com a raça negra.

— A senhora é a Carolina? — perguntou o motorista, olhando-me através do espelho.

— Sou, sim senhor.

Deu-me os parabens.

Quando chegamos a D. Rosa estava esperando-me. (...) Queixei para a D. Rosa que estou desgostosa com a vida. Na favela era melhor para escrever. Não recebia visitas todos os instantes. Era ignorada.

**7 de fevereiro** ... Ontem a noite veio um jovem do Orfanato União Cristã de Amparo a Infancia. Queria que eu saísse com êle para ir nos "Diarios" falar com o senhor Mauricio Loureiro Gama, fazer

um apelo pela televisão para angariar fundos. Mas eu não aceitei porque estou exausta. Estou por conta com êles, que andam anunciando que eu vou dar-lhes 100.000 cruzeiros. Será possível que eu tenha que solucionar todos os problemas que aflige o povo do Brasil? O meu prazer é auxiliar os que sofrem, mas eu sou impotente.

**8 de fevereiro** Despertei as 2 horas e comecei a escrever. As horas que aprecio, porque sei que ninguém vem aborrecer-me com pedido de dinheiro emprestado. Com esses pedidos eu estou ficando neurótica. Sobressaltei ouvindo rumores e vozes. É que as quartas-feiras tem feira na minha rua. Abri a janela e cumprimentei os feirantes.

— A senhora já está de pé?

— Estou escrevendo. Preciso preparar o livro para setembro.

... O dia desmontou-se com os clarões do astro-rei. Ablui-me e fiz café. Peguei a sacola e fui girar na feira. Comprei umas canetas para o José Carlos e a Vera. O José Carlos achou 210 cruzeiros. Eu disse ao Levi, um visinho:

— Quando eu morava na favela não achavamos um tostão.

Comprei uns pratos, uns copos e duas canecas. Os preços estão subindo e os governos estão dormindo.

... A vizinha disse-me que tinha uma mulher na minha porta. Fui atendê-la, convidando-a a entrar. Ela disse-me que tem uma casa inacabada. Se eu posso emprestar-lhe 300.000 cruzeiros para ela concluir. Disse que depois aluga e paga-me as letras no Banco. O seu espôso é tenente. Eu disse-lhe que não posso auxiliá-la.

— Vou internar os filhos e preciso de dinheiro para pagar o colegio.

Mas a mulher dizia:

— Me ajuda, D. Carolina. Tem dó de mim.

Contou-me os horrores que os funcionarios da Força Publica sofrem com o governo. Que vergonha os funcionarios do governo pedindo esmolas!

... A mulher deu-me o seu endereço pedindo-me para eu ir visitá-la e ver a sua casa. Ela já tem uma casa. E não está contente. E os pobres favelados ficam alegres com um barracão de tabua. Não pensam em construir para ter rendimentos. Não azucrinam os ouvidos de ninguém pedindo dinheiro. Ninguém fala em Banco. Não sabe o que quer dizer cheque.

Será que esta senhora não pode contentar-se com o que tem? (...) A mulher despediu-se dizendo que se for preciso ela vai falar com o reporter para eu emprestar-lhe o dinheiro.

**9 de fevereiro** Hoje ninguém veio pedir dinheiro. Graças a Deus!

**10 de fevereiro** Levantei disposta. Lavei as roupas, limpei a casa, abri as janelas. O ar penetrava invadindo a casa. Olhei os tópos ao redor: o pico do Jaraguá, a serra da Cantareira.

A D. Zezé quiz dar-me almôço. Recusei porque tenho comida que sobrou de ontem. Preparei os filhos (...) Fomos na redação. Eu ia olhando as bancas de jornais. As noticias sensacionais: Fiquei horrorizada com as perseguições na Africa. A Africa é terra dos pretos, mas os brancos foram para lá assambarcar o territorio dos coitados. Eu achei que a interferencia do branco na vida do negro é só para atrapalhar. Deixa os coitados arrazados. Fiquei com dó do Patrice Lumumba, que podia viver mais uns dias. Quando será que a civilização vai predominar?

... Quando cheguei na redação encontrei todos os jornalistas reunidos. Cumprimentei todos e fui falar com o Audálio.

— Eu vim aqui para pagar a prestação da casa.



Dei o livro de cheque para ele, que somou os meus gastos, reprimendo-me porque gastei muito. Eu disse-lhe que quero internar os filhos e quero trabalhar.

— Que especie de trabalho você quer?

— Radio.

— Oh, não!

Ele foi preencher o cheque.

... Esperamos o onibus. Quando cheguei fui devolver o relógio de ouro que comprei de Dona Elza, porque não posso dar-lhe os 25.000 cruzeiros. Eu jurei não comprar mais nada, por causa das críticas do reporter. Ele é um detetive na minha vida. Mas eu vou publicar só a "Casa de Alvenaria". Depois desisto.

... Quando eu vejo alguém na minha porta, penso: já veio pedir dinheiro. Não recebo a visita dos meus colegas do Albergue Noturno, da sôpa da Sinagoga da Rua Casemiro de Abreu, do pão da Igreja Imaculada Conceição. Eles devem estar invejando-me. E eu, invejando-os.

... Comprei língua e voltei para casa. Quando eu ia chegando vi o Lelé na porta falando do jardim, que a terra não tem força e as plantas não crescem. Ele disse:

— Preciso falar com você em particular. Você está bonita com este lenço na cabeça. Há 8 anos eu quise casar com você e você não quis.

Eu disse-lhe:

— Para eu me casar teria que ser com um homem culto e bom.

— Mas eu sou inteligente, o que pensa você?

Ele pediu-me para emprestar-lhe 1.000 cruzeiros, que a sua mãe está doente e pode piorar de uma hora para outra.

— Eu te pago com serviço.

Eu disse ao Lelé que ia jantar na casa da Maria do Carmo. Fechei a porta e saí cansada, com vontade

de deitar. (...) É horrível não ter paz de espírito. Tem hora que eu tenho vontade de espancar as pessoas que vem aborrecer-me.

**12 de fevereiro** Hoje é domingo. Carnaval. O dia está triste. Eu estou alegre. Fui fazer compras, lavei as roupas, fiz café. Não vou sair.

... Comprei leite para os filhos. Noto-lhes transformações. Estão civilizando-se. Vendo-os comportados a minha esperança vai resurgindo. Espero que eles sejam bons no futuro.

**14 de fevereiro** ... A Dona Ivete foi queixar-se de que os meus filhos escreveram palavrões no seu muro. Se não existisse palavrões ninguém tomava conhecimento. O essencial é a pessoa saber ler. (...) Estou descontente porque tudo que é mal feito nesta rua eles acusam os meus filhos.

**15 de fevereiro** ... Tomei banho e fui a cidade ver se encontro o reporter. (...) Segui para a redação. Parava nas bancas de jornais para ler o assassinato de Patrice Lumumba. Fico pensando: Deus deu aos homens o seu torrão natal. A África para os pretos, mas errou numa coisa, dando ambição aos homens. Que perversidade matar o preto no seu país! Mas os naturais acabam predominando. Uns vão vencendo os outros.

Os jornalheiros perguntaram porque desapareci das ruas.

— Estive limpando o meu barraco.

— A senhora ainda está no barraco?

— Oh, é o habito! Vivi 12 anos num barraco.

**17 de fevereiro** Levantei as 5 horas da manhã. Os filhos vai a escola. Preparei a refeição matinal e fui fazer as compras. O João e o José Carlos vão de manhã. A Vera, a tarde. A casa está horrível. Os

filhos pisam na lama e sujam os degraus. Preparei o almôço: arroz, feijão e carne. Acabou aquela apreensão do passado:

— Mãe, o que vamos comer hoje?

Lavei as roupas e preparei a Vera para ir a escola. Estava girando quando a Dona A. chegou. Disse-me que magoou o pé num prego. Ela está triste por não ter conseguido o dinheiro para pagar a hipoteca. Disse-me que quer trabalhar para mim. Ela passou as roupas e auxiliou-me na limpeza da casa.

... Escrevi um bilhete ao reporter, avisando-lhe que iam na Radio Cometa. Para ele convidar o escritor Paulo Dantas.

... Tomei um taxi, porque os ônibus eletricos estavam parados por falta de energia. (...) Quando o Paulo Dantas chegou decidimos que o poeta Solano Trindade nos acompanhasse. Ele disse que saiu para participar de uma passeata ao saudoso Patrice Lumumba, o preto que depois de morto ficou poderoso. Tomamos um taxi até a Radio Cometa. O programa foi estupendo. Falamos do folclore brasileiro. Quem discorreu sobre a musica foi Solano Trindade. O Paulo Dantas falou do meu talento, que escrevo ininterruptamente. Quando terminou o programa agradecemos aos funcionarios da radio e ao senhor Fabio Paulino.

**18 de fevereiro** Levantei as 5 horas para preparar os filhos que vão à aula. Fiz café. O João e o José Carlos preparavam-se. Fui comprar pão. As barracas da feira já estavam em ordem. Fui comprar um jogo de aluminio para guardar mantimentos. Peguei 720 cruzeiros seis latas. Aos poucos eu vou organizando a minha casa.

... Chegou Dona...<sup>(22)</sup> que veio perguntar-me se posso arranjar-lhe dinheiro para ela reformar a

(22) A autora não cita o nome da pessoa que a procurou. (A. D.)

casa. Ela quer consertar a casa para alugar. Ela já tem uma casa para morar.

Chegou o Dr. Herculano Neves com sua esposa. Ele veio dar-me o seu livro "Eu te arrespondo, Carolina"<sup>(23)</sup>. O Dr. Herculano deu-me um livro para eu levar ao reporter. Dei o endereço do reporter para ele. Ele disse-me que varias pessoas vai censurá-lo por ter escrito o livro "Eu te arrespondo, Carolina". Citei-lhe que varias pessoas estão procurando o livro.

— Estou vendendo no interior.

Quando ele despediu-se entregou-me um livro.

Fui atender a esposa do tenente que quer dinheiro para reformar a casa. Contam vantagem que tem televisão. Em vez de comprar televisão porque não construiu a casa para alugar?

Citei-lhe que não ganho muito. Ela disse:

— Eu vou falar com o reporter.

— Falar o que, se não tenho o dinheiro?

Ela dirigiu-me um olhar de odio, como se eu tivesse obrigação de emprestar-lhe dinheiro. Quando ela saiu eu fui atender a Dona Olga. Ela pediu se eu sei de uma clinica que queira aceitá-la. Eu disse-lhe para dormir aqui em casa e se quer trabalhar para mim. Ela concordou-se e foi preparar o jantar e lavar as louças.

O Lelé chegou. Veio queixar-se que enviou a sua mãe ao hospital. Ele aborrece com o seu falatório. O José Carlos disse-lhe:

— Por que é que você não ia na nossa casa na favela? Agora que minha mãe está rica é que vocês tomam conhecimento que ela existe.

O Lelé disse-lhe:

— Eu tambem sou favelado.

Eu dei uma risada. Ele começou a brincar com os filhos. Pedi que ficassem quietos, porque estou com dor de cabeça. Que homem feio. Parece um boneco

(23) O livro a que se refere a autora foi escrito à guisa de resposta a "Quarto de Despejo". (A. D.)

de pau, o Pinocchio. Ele queria levar os meus filhos para dormir na sua casa. O José Carlos disse:

— Por que não nos convidou para dormir na sua casa quando morávamos na favela na época das enchentes?

Pedi ao Lelé para ir-se embora, porque estou com dor de cabeça. Ele quer pintar a minha casa. Não aceitei porque ele fala demais. Ele pediu dinheiro para a condução. (...) Dei 25 cruzeiros ao Lelé, ele saiu. Fiz chá para dor de cabeça. Tomei banho e deitei.

**19 de fevereiro** Levantei as 6 horas. A Dona Olga já estava de pé. Fez o café. Eu fui comprar pão e carne para a Dona Olga fazer pasteis. Preparei os filhos para ir no cinema. A Dona Olga vai trabalhar para mim. Ela vai avisar os seus parentes.

Estou cansada. Deitei no sofá escrevendo. Quando tinha fome levantava e ia comer pasteis.

**20 de fevereiro** ... Chegou um senhor que veio do Norte. Disse-me que leu todas as reportagens que cita o meu nome. Chegou uma senhora e uns jovens. Eles vieram conhecer-me e convidaram-me para ir na Igreja Protestante. Prometi ir. O pernambucano disse ser inventor. E que inventou um remédio que cura todas as doenças. Mas não sabe explicar a invenção. As visitas despediram-se, preparei-me para ir na redação falar com o reporter. (...) Começou a chover. Que chuva! Quando chegamos na redação encontrei o reporter. Apresentei o pernambucano. Ele mostrou o papel que relata o seu invento. Parece que ele quer ser importante. E estas pessoas são cacetes. (...) Despedi dos jornalistas.

... Tentei pegar um taxi, não consegui. Fui pegar o ônibus, não consegui. O povo era demais. Os taxis não paravam e os motoristas iam importantes como se fossem semi-deuses. Vi a quantidade fabu-

losa de pessoas, desisti. Fiquei girando por ali. Ouvi uma propaganda do senhor Prestes Maia<sup>(24)</sup>. Pensei: estes políticos não perdem tempo. Uma *perua* do senhor Emilio Carlos<sup>(25)</sup> dava carona aos passageiros que iam a Parada Inglesa.

Eu estava ao lado de um senhor bem vestido. Estava de terno branco. Estava falando sosinho. Passava o carro de propaganda do senhor Cantídio Sampaio<sup>(26)</sup>, ele dizia:

— Morre, desgraçado! Você não vai melhorar a vida dos pobres de São Paulo. Você tem carro, desgraçado. Vem ver o povo sofrendo!

Passou o carro de propaganda do senhor Prestes Maia. Ele xingou:

— Você também é outro desgraçado. Fala só em urbanizar, urbanizar. E derruba as casas. O povo precisa é de condução.

Eu ouvia cada disparate! Compreendendo a angustia dos que precisam de transportes. É que choveu e o povo afliu-se depois da chuva. Quando o povo fica nervoso, tem que xingar alguém. E xinga os políticos. (...) O homem seguiu procurando condução.

... Passou um auto. Um alemão pegou o carro para levá-lo a Tucuruvi. Pedi-lhe que me conduzisse até a Rua Voluntarios da Patria. Ele disse-me:

— Sobra lugares.

Entrou um sirio e ia apregoando:

— Tucuruvi, dois lugares.

E parava o carro. Na Avenida Tiradentes pegamos dois passageiros. Fiquei sentada perto de um oficial do Exército. Que homem detestável, antipático. Prevalencia-se e alisava-me as costas. Que suplicio. O trânsito congestionado. Ao nosso lado um casal bei-

(24) Candidato a Prefeito de São Paulo. (A. D.)

(25) Outro candidato a Prefeito. (A. D.)

(26) Mais um candidato a Prefeito. (A. D.)

javam dentro de um carro. Uma loura oxigenada fumava. Os homens que ia no meu carro dizia-me: — Faz uma reportagem, Carolina, para o teu diário.

A mocinha que estava no carro normalizou-se. O oficial ia aborrecendo-me. O alemão não queria conversar, dizendo que gosta de falar pouco. Desceu para averiguar a causa do congestionamento. As horas iam passando. O sirio revoltou-se e começou a xingar o governo. O motorista disse: — Os políticos não iam prever que a população de São Paulo duplicasse assim.

O sirio silenciou. Dei graças a Deus quando o carro zarpou-se.

Desci na Rua Voluntários da Pátria. Comprei empadas e pasteis. Desci a rua procurando condução. Passou um taxi, fiz sinal. Ele parou. Pedi para levar-me em casa.

— Ah, é no Imirim? Não vou.

— Leva-me, eu te pago o dobro.

Entrei no carro. O motorista ia queixando-se que estava com fome.

— Come qualquer coisa.

— Não gosto.

— Vocês motoristas tem que comer em qualquer local. Sem comer é que não pode ficar. A pressão baixa e fica com falta de ar.

— Parece que a senhora já passou fome, porque conhece todos esses detalhes.

— Eu era da favela. E os favelados lutam para comer.

— Ah! A senhora é a Carolina?

— Sou.

— Prazer em conhecer-te.

— Obrigada. Quando precisar de mim, estou as ordens. Quantos filhos o senhor tem?

— Treis. Para sustentar treis filhos atualmente, luta-se.

Quando cheguei em casa reanimei-me. O taximetra marcava 65 cruzeiros. Dei 150 cruzeiros. O motorista disse-me:

— A senhora tem palavra. Disse-me que dava o dobro e deu.

Os filhos estavam ouvindo radio, alegres e desocupados. O João quis saber:

— Por que demoraste tanto?

— É o trafego.

— O senhor Fabio veio a pé. Coitado do senhor Fabio Paulino. Veio a pé do Mercado até aqui.

A Dona Olga chegou dizendo que pediu carona na Radio Patrulha.

**21 de fevereiro** Levantei as 6 horas. Preparei os filhos para ir a escola. Fui comprar pão. Quando cheguei vi a Dona Cilu, uma senhora que faz limpeza para mim. Cumprimentei-a e mandei ela entrar. Ela subiu e foi trocar-se. Sai e fui comprar as indumentarias da escola. Cadernos para os filhos. Comprei uniforme para a Vera. Quando passava nas ruas era indicada:

— Olha a Carolina!

Conversava com alguns.

... Fui trocar-me para ir visitar o Secretario da Educação. A Dona Olga preparou o almoço e saiu. (...) Os filhos voltaram da aula.

... Tomei o onibus. Quando cheguei na cidade era treis e meia. Tomei um taxi e dirigi a Academia Paulista de Letras<sup>(27)</sup> lembrando o dia em que eu e o reporter fomos tirar fotografia e o porteiro nos expulso. Gaguei o oitavo andar. O poeta Eduardo de Oliveira estava aguardando-me em companhia de uns pretinhos. Conduziram-me para uma sala. Fiquei aguardando o momento de falar com o Secretario da Educação. Ele recebeu-nos amavelmente. É o Dr. Lu-

(27) A Academia Paulista de Letras está instalada no mesmo edificio da Secretaria da Educação. (A. D.)

ciano Vasconcelos de Carvalho. Disse-nos que quer criar um outro tipo de ginásio. É um homem maravilhoso. Não tem orgulho. Ele nos deu café.

**22 de fevereiro** Levantei as 6 horas da manhã. Quando abri a porta vi a Dona Olga dormindo. Ela está trabalhando para mim. Chegou tarde da noite. Eu disse-lhe que não posso ficar com ela, porque ela sai todos os dias. Eu preciso de uma pessoa que olhe os meus filhos quando eu viajar.

... Os filhos foram a escola. Eu fui circular pela feira, olhando os preços astronômicos. Comprei umas fronhas, flôres, peixes e legumes. (...) Escrevi um bilhete para o João levar ao reporter. Dei-lhe dinheiro para mandar fazer duas chaves. A chuva desprendeu-se quando o João estava na cidade.

O João retornou-se.

— O reporter está em Campinas. Foi entrevistar o Capitão Henrique Galvão.

O Capitão Henrique Galvão é o português super-homem que enfrenta e divulga as arbitrariedades de Oliveira Salazar — o Nero de Portugal.

Veio uma senhora pedir-me um auxílio. Disse-me que foi no Serviço Social. Estava chorando. Percebi que ela não mentia, porque eu conheço o Serviço Social. O médico deu-lhe uma receita para engordar, aconselhando-a a comer carne, arroz e feijão.

**26 de fevereiro** ... Passei o dia limpando a casa. A Maria do Carmo veio convidar a Vera para ir no cinema. A tarde recebi visitas. Uma jovem por nome Aracy pediu-me para autografar um livro. Queria ver a Vera, achando bonito ela não gostar de andar descalça. Citou vários trechos do meu livro. (...) Chegou uns pretos para convidar-me para tomar parte na festa dos negros, em maio e setembro.

... O que eu achei interessante foi ouvir uma preta tinha. Ela dizia:

— Carolina, você pode pagar empregada. Arranja uma empregada branca, faz ela andar de touquinha, avental e esfregar o chão. Obriga ela a passar palha de aço com as mãos, levar o café na cama e te chamar de *Dona Carolina*. Faz com ela o que elas fazem conosco.

**27 de fevereiro** As 4 horas comecei a ler e depois fui escrever.

... Quando vou tomar café penso quando eu era da favela. De manhã eu ia pedir açúcar as vizinhas e elas dizia: "Não tem". Os meus filhos ia na escola sem tomar café. Quando choveu eu recordo a cena da favela: as crianças descalças transitando nas poças d'água.

Quando o dia surgiu despertei os filhos para ir a escola. Comprei pão e queijo. Os filhos ficaram contentes, dizendo:

— É bom ter o que comer.

... Recebi a visita de um jornalista acompanhado pelo senhor Waldemar Rocha, do Canal 9. O jornalista que veio entrevistar-me é do Paraná. É o senhor Jorge Barbosa Elias. Fez-me perguntas para o jornal "O Dia" do Paraná.

... Fui preparar-me para sair. (...) Tomei o ônibus, fui na Televisão Record. Cheguei as 21 horas. Quando entrei na rádio vi o ilustre senhor Durval de Sousa na portaria. Encontrei o senhor Souza Francisco. Ele disse-me que eu fui a mais votada no programa "Telefone para o melhor". Eu ia receber o troféu. O primeiro entrevistado foi o pai do Eder Jofre. Disse que o seu filho não pôde comparecer porque foi receber um troféu na Academia de box. Quando fui entrevistada citei ao locutor Jota Silvestre que pretendo estudar. Ele entregou-me uma estatueta com a inscrição *honra ao mérito*.

... Findo o programa, saí e fui procurar condução. Desci até o ponto. Entrei num bar a convite de

um pretinho que trabalha na Record. (...) Vi o pai do Eder Jofre entrar num carro. Entrei atrás, pedindo que conduzisse-me até o Imirim. Ele permitiu. Voltamos conversando do Eder, que é bom elemento. O pai do Eder disse-me ser argentino casado no Brasil e sua profissão é ensinar luta de box. Foi lutador quando era jovem.

Na casa do Eder sua mãe recebeu-me alegre. Já somos conhecidas. Conhecemos no avião, quando eu retornava do Rio. A casa é um primor. Assim que eu desci do carro as crianças reconheceu-me e espalharam-se. Foram avisar os pais que eu estava na residência do Eder Jofre. Fui ver as flôres que adornam o quintal. A *dama da noite* estava desabrochada. É pena que uma flor tão bonita fenece logo. Circulei pela casa toda, olhando tudo e elogiando tudo.

A Dona Angelina Jofre deu-me doce. Que doce gostoso. O Eder não estava em casa. Fui visitar a residência da cunhada do senhor Aristides Jofre. Estava superlotada. (...) O Eder chegou exibindo o seu trofeu, uma medalha de ouro. A casa do Eder é adornada com quadros de lutas e os trofeus representam lutas de box. Dá impressão que aqueles trofeus expostos pela casa é para estimular o Eder a lutar box.

Despedi do Eder, abraçando-o. O motorista conduziu-me até a minha casa. Os filhos ficaram contentes quando ouviram a minha voz.

**1 de março** Levantei as 4 horas para escrever. Que silêncio. Ouço apenas o cantar dos galos saudando o novo dia.

... O céu está belíssimo. As nuvens estão vaguando-se. Umaz negras, outras cõr de cinza e outras claras. Em todos os recantos existe a fusão das cores. Será que as nuvens brancas pensam que são superior as nuvens negras? Se as nuvens chegassem até a terra iam ficar horrorizadas com as divergências de classe. Aqui na terra é assim: o preto quando quer predominar é morto. Podemos citar Patrice Lumumba.

Creio que devo ficar contente em nascer no Brasil, onde não existe odios raciais. São os brancos que predominam. Mas são humanos e a lei é igual para todos. Se analisarmos os brancos mundiais, os brancos do Brasil são superiores.

Hoje eu estou alegre. O sol vai reclinando-se, a noite vem surgindo. Não está chovendo.

... As 9 e meia eles chegaram: Dona Edy Lima<sup>(28)</sup> e os componentes artísticos que vão representar a peça "Quarto de Despejo". Recebi-os amavelmente. (...) Mostrei a casa aos ilustres visitantes. Cantei as composições que fiz. Eles apreciaram. Comeram salgadinhos que a Hilda preparou com todo carinho. O reporter disse-me que eu estava convidada para ir ao lançamento do jornal "O Ebano" — jornal dos pretos. Que eu devia ir ao Centro do Professorado Paulista felicitá-los os pretos. Concordei.

... Saimos de automovel. (...) Quando chegamos no Centro do Professorado Paulista o povo já havia se retirado. O poeta negro Eduardo de Oliveira recebeu-nos amavelmente.

Quando cheguei em casa encontrei o João tomando o banho. Disse-me que ficou duas horas recebendo a água tepida na pele. Queimou o chuveiro.

**3 de março** ... Tem hora que aborreço, tem hora que agradeço esta transformação da minha vida. Há muitas maneiras de transformações na vida. Há os que eram ricos e ficam pobres e há os pobres que ficam ricos. Para mim, que fazia as refeições nas latas de lixo, devo agradecer a Deus esta transformação.

... O reporter disse-me que devo comparecer segunda-feira para passar a escritura da casa. (...) Fui ao Banco ver se o saldo dá para pagar a escritura da casa. No Banco eles perguntaram como é que vai o livro.

(28) Autora da adaptação teatral do livro "Quarto de Despejo".  
(A. D.)

— Vai indo bem.

Citei-lhes que dei o endereço do Banco para os editores estrangeiros enviar o dinheiro dos direitos autorais. Ficaram contentes. A funcionaria deu-me a quantia por escrito. Levei para o reporter, que recomendou-me para não tirar dinheiro do Banco sem consultá-lo. Levantei e saí sem despedir-me.

**4 de março** Levantei as 6 horas, com o João batendo na porta do meu quarto. Fui trocá-los para ir a aula. Eles dormem de pijama.

... Tomei banho, aguardando a chegada da Ivete para irmos ao Teatro Bela Vista ver como vai indo o ensaio da peça "Quarto de Despejo". Deixei os filhos. A Vera foi a aula. Tomamos um taxi. Convidei uma senhora para ir conosco. Ela desceu na Avenida Tiradentes.

Quando chegamos ao Teatro perguntei ao porteiro se a Dona Edy Lima estava.

— Não. Mas a senhora pode entrar. Os artistas estão ensaiando.

A Dona Edy Lima chegou. Nós fomos ver o palco e a plateia. Fomos ver o local dos ensaios. O jovem que vai ser o galã da peça é bonito, alto e culto. Chegou uns jovens que vão tomar parte na peça. Tem uma mulata que vai ser a Fernanda. O diretor é um jovem. Nos levou ao bar para tomar café. Fui ver as fotografias da peça que estão expostas anunciando a estreia.

**6 de março** ... Preparei o João e fui levá-lo ao Grupo Escolar para falar com a professora. Ela disse que ele não acompanha a classe na matemática. Ela fala na classe. Ele fica com complexo. Fui falar com o diretor. Aconselhou-me a transferi-lo para o terceiro ano. A professora disse-me que devo pagar uma professora sua amiga 700 cruzeiros por mês, para o

João estudar a tarde. Deu-me o endereço da professora de matemática.

E se uma mãe não pode pagar aulas extras para o filho?

... Dei 1.000 cruzeiros para pagar a professora particular para o João. Voltei para casa xingando. Eu estava furiosa. (...) Queixei para o reporter. Disse que ia levar o João na minha terra para ele estudar. O reporter ouvia-me em silêncio. Quando ele me vê, pergunta:

— Quais são as novidades?

Todos os dias tenho algo a queixar-me. O que admira no reporter é a paciência que ele tem com os meus nervos excitados. Mas ele compreende. Eu sou sosinha para trabalhar, cuidar da casa, dos filhos, estudar, escrever. Agora que estou mesclada com o povo fico observando os tipos de pessoas, classificando os seus caracteres. Há os tipos trapaceiros fantasiados de honestos. São os cínicos. Tem duas faces. Tipos que querem ser granfinos sem ter condições de vida definida. Sonham com o impossível, aludindo a cada instante: — "Se eu tivesse dinheiro..." Penso que eles devem dizer assim: — "Se eu tivesse coragem para trabalhar..."

Estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. (...) O que sei dizer é que a minha vida está muito desorganizada.

Estou lutando para agitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borralheira.

**9 de março** Levantei as 4 horas. Li um pouquinho. Estou lendo "Os Sertões" de Euclides da Cunha. Quando o dia despontou fui preparar os filhos para ir a aula. O João está reinando. Não quer ir



para o terceiro ano. O José Carlos não faz confusão. Não quer perder a aula. Diz que quer ser médico.

Passei o dia cuidando da casa. Convidei a Hilda se quer acompanhar-me até a Televisão. Preparei as roupas que a artista Ruth de Souza vai usar na peça "Quarto de Despejo". Saimos de casa as 19 horas.

Quando chegamos na Televisão Cultura as mulheres que iam participar do programa já estava sentadas.<sup>(29)</sup> Perguntei pelas espôsas dos candidatos. Quem estava presente era só a espôsa do Dr. Farabulini Junior. (...) A Dona Suzana Rodrigues criticou as espôsas dos candidatos que não compareceram.

... Findo o programa, ganhei uma corbelle de flores. A sogra do senhor Farabulini convidou-me para ir a sua casa. Convidei o reporter. Ele recusou, dizendo que ia fazer uma reportagem. Eu e a Hilda fomos. Chegamos rapidamente. Que casa! É um verdadeiro palácio. A Hilda disse:

— Carolina, quando você morava na favela você não entrava aqui. Era da porta pra fora.

Eu estava exausta. Já estou saturada desses convites faustosos.

**10 de março** ... Pensei nas reviravoltas da minha vida depois do lançamento do livro. A fama espalhou-se que estou rica. E adeus, tranquilidade. Todos desejam ser ricos.

Encontrei o Dr. Lélío e o Paulo Dantas na Livraria e queixei-lhe que não suporto a cidade. Que o povo quer dinheiro e eu não tenho. Uns quer 1 milhão, oitocentos mil cruzeiros, quatrocentos mil cruzeiros. Já cansei de ouvir a palavra *dinheiro*.

**11 de março** Levantei triste. O João está reinando na escola. Não quer ir para o terceiro ano. Contratei a Dona Thelma para ensiná-lo matemática.

(29) Programa de debates de donas de casa com as espôsas dos candidatos a Prefeito de São Paulo. (A. D.)

... Troquei-me e fui para a cidade. O reporter não estava. Fui ao Banco retirar 20.000 cruzeiros. (...) Cansei de esperar o reporter. Quando eu ia saindo ele entrou. Ele acompanhou-me até a Rua Baixo de Itapetininga. Encontramos um pretinho por nome Osvaldo. Disse ser o redator do jornal "O Ebanô". Pediu ao reporter se deixava eu ir até o jornal. O reporter disse-lhe que sou livre.

Acompanhei o Osvaldo até o edifício onde está localizado o jornal. O Osvaldo estava nervoso. Um senhor telefonou cobrando uma dívida de 1.500 cruzeiros. Eles não tinham o dinheiro e o credor ia enviar a letra ao protesto. Eu dei 2.000 cruzeiros.

... Fomos tomar café. Eu comprei sanduíches para nós. 6 sanduíches a 50 cruzeiros. Pensei: já gastei 2.300 cruzeiros. Em todo núcleo que mescolo tenho que gastar. E eu não tenho ninguém para auxiliá-lo a ganhar. Tenho o reporter. Ele é metódico. Não aceita o meu dinheiro. Eu quis dar-lhe os meus livros para ele editá-los a meia, ele não quis.

Agora que tenho dinheiro sou procurada igual um personagem em destaque. Transformei-me em abelha rainha de uma colmeia que não quer mel, quer dinheiro.

... Quando cheguei em casa, que confusão. Louças sujas, o assoalho imundo, as camas desfeitas, os filhos sujos. Deitei, pensando: não foi assim que idealizei a minha vida na casa de alvenaria.

**12 de março** ... Ergui os olhos para o céu. Se eu tivesse asas eu levaria os meus filhos um de cada vez para lá e não mais voltaria a terra.

**13 de março** Levantei as 5 horas, preparei o café para os filhos. Eles trocaram-se e foram a escola. Eu estou triste.

Resolvi limpar a casa. Ensaboei as roupas, lavei o jardim. Ia preparar o almôço quando o Osvaldo do jornal "O Ebanô" chegou convidando-me para sair.

Fiquei alucinada. Meu Deus! eu tenho filhos, preciso fazer comida para eles. O meu contrato é com a Livraria Francisco Alves e o Dr. Lelio não aborrece-me.

Ele dizia que a raça precisa se unir. Quem está bem deve auxiliar os outros. Disse-me que ia levar-me na Radio Record, no Clube dos Artistas. Que havia prometido. Troquei-me e fui. Saí contra a vontade. Dá impressão que sou uma fôlha ao sabor das ondas.

... Quando chegamos na Record fomos para o restaurante. Sentei na mesa que estavam os artistas. Citei-lhes que estou com medo de escrever o *diário* da vida atual. O reporter diz que não devo temer.

— Por que é que o reporter não escreve? — sugeriu um jovem que não conheço.

... Anunciaram o nosso programa. Eu fui para o palco. Sentamos nas mesinhas. O Osvaldo disse que ia lançar-me como cantora. Fez uma apresentação do jornal "O Ebano". Cantei. Pensando na confusão de minha vida. Hoje estou cantando. E amanhã?

**15 de março** ... Todos os dias os aborrecimentos vem visitar-me. O Osvaldo veio procurar-me, dizendo-me que eu devo vender o meu nome para o sabão A. para propaganda e com o lucro da venda ele manda imprimir o jornal. Disse-me que o Pelé vai ceder o seu nome para qualquer produto que queira usá-lo como propaganda. Que a raça precisa unir-se.

... Ele convenceu-me a colaborar no jornal. Fomos procurar o dono do sabão A.. Não encontramos. Ele havia saído. O escritório é na cidade, a fabrica é em Guarulhos.... Combinamos voltar amanhã. Fomos na agencia do senhor Iram. Conversamos sobre o jornal "O Ebano". Ele pretende divulgar historias em quadrinhos. O Osvaldo disse-lhe que eu posso escrever-lhe historias para o jornal. Disse-lhe que te-

nho uma historia interessante. O titulo é "Onde estás Felicidade?" (...) O Osvaldo disse-lhe que vai levar-me em Santos para fotografar-me com o Pelé. Pediu ao senhor Iram se podia nos conduzir no seu carro. Ele concordou. Respirei aliviada quando despedimos.

**16 de março** ... O Osvaldo veio procurar-me para eu ir assinar o contrato com o sabão A.. (...) Seguimos para a cidade. O Osvaldo ia queixando-se das dificuldades que vem encontrando para divulgar o jornal, aludindo o preço do papel. O senhor Iram prometeu auxiliá-lo. Ele está superlotado de ilusões. Há certos empreendimentos que são necessario dinheiro, capital.

Fomos ao escritorio do sabão A.. O dono nos recebeu. Depois de uma lenga-lenga desnecessaria entraram num acordo. Achei graça quando o português que discutia o negocio com o Osvaldo, disse-lhe:

— Se estás com pressa, a porta é aquela.

O Osvaldo exaltou-se. Percebi que ele não está pratico nos negocios. (...) O Osvaldo alterou-se com o português e por fim chegaram a um acordo. Deixaram a assinatura para o outro dia. Saimos do escritorio e fomos para o jornal "O Ebano". O predio estava fechado. Fomos para a Casa da Imprensa. Tem que pagar 60 mil cruzeiros para o jornal rodar.

**17 de março** ... O Osvaldo chegou de carro. Disse-me que veio buscar-me para ir a Santos, que vai fotografar-me com o Pelé. Eu estava com sono. (...) Passamos na cidade, no escritorio do jornal "O Ebano". O Osvaldo disse-me que nós tinhamos que estar-mos em São Paulo as 5 horas da tarde para assinar o contrato com o sabão A.. (...) Seguimos até a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, ver se o senhor Iram ia a Santos. Não estava. Seguimos. O tempo estava ameaçando chuva.

... Respirei aliviada quando chegamos em Santos. Dirigimos a casa do Pelé. Ele não estava. (...) Fomos no campo de *foot-bol* procurar o Pelé. Encontramos o Coutinho. Conduziu-nos até a residência do Pelé, para ver se ele estava dormindo. Não estava. Não podíamos esperar o Pelé. O Osvaldo mandou-nos fotografar entregando o "Quarto de Despejo" ao Coutinho. Autografei outro para o Pelé. (...) Despedimos dos jogadores e voltamos para São Paulo. Quando chegamos fomos para a redação do jornal "O Ebano". Dei dinheiro ao Osvaldo para comprar gasolina.

Esperamos o dono da agencia para fazer o contrato com o sabão A. Ficamos esperando. O Osvaldo estava nervoso. Eu disse-lhe para acalmar-se. (...) Fomos até a Avenida São João procurar um taxi. Não encontramos. Resolvemos irmos a pé até a Rua Frederico Abranches. Eu assinei o contrato em treis vias. Uma para a firma, outra para a agencia e outra para mim. O contrato diz que eu devo ceder o meu nome para o sabão A. por um ano, para propaganda nos jornais e televisao. O preço de 94.000 cruzeiros. 60.000 cruzeiros para o Osvaldo, para o jornal "O Ebano" e 34.000 cruzeiros para o dono da agencia.

O Osvaldo disse-me que vai vender-me para outros produtos.

Com aquela confusão de *vender a Carolina*, eu fiquei pensando: quando eu estava na favela não valia zero. Agora tenho valor...

**18 de março** ... O Osvaldo disse-me que o jornal vai circular segunda-feira e convidou-me para ir ao Horto Florestal comemorar o senhor Carvalho Pinto, o atual governador de São Paulo. (...) Troquei-me e dirigimos para o Horto Florestal. Na festa do senhor Carvalho Pinto havia fartura. Sanduiches e refrigerantes para o povo. (...) Pedi permissão para subir no palanque. O Osvaldo não quis subir por estar sem palitô. Vi o reporter e o Torok no palan-

que (...) O reporter sorriu e aproximou-se. Baixei o olhar. Hoje eu estou de mal com ele. Sem motivo. Ele continua auxiliando-me em tudo. Interessando-se pelos meus negocios. Graças a Deus a minha vida melhorou por intermedio deste homem notavel. Ele tolera os meus caprichos com paciencia de Jó. Tem dia que sou insolente com ele. Não é minha culpa.

... Mas voltei a festa do governador. Estavam presentes varios politicos. Circulei pelo parque, olhando as pessoas com trages tipicos que foram homenagear o governador. Os decendentes de russos estavam com trages tipicos. E os portugueses e japoneses. Estava uma festa semi-carnavalesca. O povo acompanhava-me pedindo autografos.

Achei interessante um grupo fantasiado de indios. Tinha portuguezs, pretos e mulatos. Sorri achando graça nas fusões das raças com trages de indios.

Saimos do Horto Florestal.

**19 de março** Domingo. Passei o dia limpando a casa. Não recebi visitas. Estou reanimando-me. Os filhos foram ao cinema.

**21 de março** Recebi a visita do Osvaldo do jornal "O Ebano". Disse-me que o dono do sabão A. anulou o contrato. Ele vai processá-lo. Quer que eu assine procuração para o processo. Eu disse-lhe que o reporter não permite que eu faça propaganda de produtos.

Ele insiste que eu devo auxiliar a raça.

Estou confusa. Não tenho ideias para escrever.

**24 de março** A Dona Didi está trabalhando para mim. Quer ganhar 7.000 cruzeiros por mês.

... Mandeí confeccionar um vestido para eu ir a Curitiba.

**25 de março** Levantei as 6 horas. Hoje não tem aulas. Estão preparando os grupos escolares para as eleições amanhã. Fui conversar com a Dona Elza

Reis. Ela disse-me que a Vera disse-lhe que o José Carlos está tirando brinquedos na feira. Fiquei nervosa. Calcei os sapatos e fui a cidade falar com o reporter, para arranjar um collegio para o José Carlos. O reporter disse que vai interná-lo em junho. Disse-me que havia depositado o dinheiro que veio da Holanda<sup>(30)</sup>. Entregou-me o recibo do Banco.

... Hoje ninguém aborreceu-me pedindo-me dinheiro emprestado. Vou dormir. Preciso dormir muito.

**26 de março** Levantei-me de manhã. A Dona Didi não vem trabalhar. Vai votar. Lavei as roupas, limpei a casa e preparei a refeição para os filhos. Elles foram ao cinema. Estou cansada, mas vou votar. Saí com a Vera. Começou a chover. As ruas estavam alagadas. Andavamos na agua. Encontrei pessoas da favela, crianças maltrapilhas. O Clovis e o Onofre, olhando-me com curiosidade perguntava-me:

— Dona Carolina, cadê o João? E o José Carlos?

**27 de março** Fui a cidade. Vou sair com o reporter e a Ruth de Souza. Vamos na favela. A Ruth quer identificar os tipos para representar no palco. Fomos na residencia da Ruth. Ella foi preparar-se para sairmos. Achei interessante quando a Ruth pegou o saco de catar papel e entrou no automovel. Eu disse-lhe:

— Se catar papel fosse assim, dentro do automovel ouvindo radio, a vida seria um paraíso.

Eu ia revendo os recantos que percorria. Quando chegamos na favela fiquei com dó dos infastos que habitam aquele antro degradante. Descemos do automovel e percorremos a favela. As crianças reconheceram-me de longe:

— Olha a Carolina!

(30) Pagamento dos direitos autorais da edição holandesa de "Quarto de Despejo", lançada pela Editora Van Loghum Slaterus. (A. D.)

Os favelados iam saindo dos barracos, descalços e sujos. A Ruth foi fotografada perto da torneira com uma lata dagua na cabeça. Ella não sentiu emoção. Eu senti. Olhando aquele fio dagua e a quantidade de habitantes. Que luta para encher uma lata!

Fui rever o meu barracão. Encontrei a Dona Alice triste. Ella é costureira. Não costura por não ter maquina. O Seu Chico estava deitado. A cama estava suja. Não por desleixo, mas por falta de sabão.

Seguimos contemplando a favela. A chaga de São Paulo.

**29 de março** ... No meu jardim tem uma roseira. As crianças colhem as rosas para brincar. Não revoltado porque nascem outras flôres.

**31 de março** Hoje é sexta-feira Santa. Não comerei peixe. Está caríssimo.

**1 de abril** Os filhos estão percorrendo as ruas com os moleques que vão queimar o Judas. Elles dizem que o Judas é o Janio Quadros. Estou horrorizada ouvindo as crianças gritando pelas ruas:

— Vamos queimar o Jânio!

— O pão já subiu. Vamos queimar o Janio!

Fico pensando: faz treis meses que elegeram o senhor Quadros.

**5 de abril** ... A Dona A. pediu-me 20.000 cruzeiros emprestado. Eu disse-lhe para ir falar com o reporter. (...) Fui na cidade. Encontrei uma senhora que reconheceu-me. Disse-me que me viu na televisão do Rio e queria um livro autografado. Convidei-a para irmos até a redação. O reporter estava na redação. Apresentei-lhe a senhora e disse-lhe que devia dar-lhe um livro. O reporter reclamou, dizendo que gastou muito dinheiro. Comecei a xingá-lo mentalmente — cachorro! pão-duro!

... Saí com a senhora. Fui levá-la na Rua Barão de Itapetininga. Ela ia encontrar-se com o seu espôso. Eu ia reclamando, porque já estou cansada das observações do reporter. A mulher dizia:

— Você está ganhando rios de dinheiro, tem que gastar porque a vida está cara.

O seu espôso chegou. Ela mostrou-lhe o livro com a dedicatória. Contou as reprensões do reporter:

— Deus me livre de ser espôsa de um homem igual a êle.

O seu espôso comentou:

— Coitada. É uma favelada inciente, sem pratica. Não tem quem a oriente.

Fiquei ouvindo sem comentar, porque ela não conhece a atuação do reporter na minha vida. Êle é um para-choque contra os espertalhões. Despedi do casal e fui ao Banco retirar dinheiro.

**6 de abril** Levantei as 5 horas. Preparei as roupas dos filhos, porque eu vou viajar para Curitiba. Deixei as camisas passadas para êles não perder aulas. Quando a Dona Didi chegou eu havia lavado as roupas e o jardim. Fui na redação ver que horas vamos sair de São Paulo.

**7 de abril** Levantei as 6 horas. Preparei os filhos para ir a aula. Troquei-me e fui ao vizinho que é motorista para levar-me. (...) Quando chegamos no aeroporto os carregadores abraçaram-me, dizendo:

— Chegou a nossa namorada.

Carregaram a minha mala. Eu e o reporter entramos no saguão do aeroporto. Encontramos o senhor Murilo Antunes Alves e sua espôsa. Iam para Brasília. Êle vai ser o chefe do cerimonial do senhor Janio Quadros.

... Quando entramos no avião pensei nos meus filhos. Será que a Dona Didi vai olhá-los como se deve? Chegamos em Curitiba as 11 horas. Que beleza

os pinheirais. Estava nos aguardando o reporter Jorge Barbosa Elias. É decendente de sirios, mas o seu afeto é para os problemas do Brasil. Fizemos uma saudação pela Radio Guayracá. (...) Dirigimos para o Lord Hotel. Troquei-me e fui percorrer as estações de radio. O povo olhava o reporter com admiração, achando que êle é muito jovem.

... Almoçamos no Restaurante do Galetto. Eu, o reporter, o Jorge e seu pai, senhor Chafie Elias. Que homem agradável. O radio estava anunciando a nossa visita:

— Acaba de chegar a Curitiba Carolina Maria de Jesus e o seu descobridor.

As 5 da tarde fui autografar na Livraria do Povo. (...) Na livraria estava presente o reporter da revista "O Cruzeiro" Ivar Feijó. (...) Na Radio Cultura formamos uma mesa redonda. As perguntas variavam de favelados a políticos. O senhor Vitor de Lara perguntou:

— Por que a senhora não casou-se?

Prometi responder-lhe no meu proximo livro, que é "Casa de Alvenaria". Senhor Vitor de Lara, de Curitiba, Estado do Paraná, aí vai a minha resposta:

Quando fui jovem tive os sonhos dos jovens. Mas os homens que pediram-me em casamento deixaram-me decepcionada. Uns queriam que eu roubasse, outros queria que eu comercializasse o meu corpo. Os que pediu-me em casamento não serviam. (...) Eu ficava horrorizada com as propostas e fui ficando sozinha. Mas a mulher, com o decorrer do tempo acaba iludindo-se com os homens.

O senhor Vitor de Lara referiu-se aos meus filhos dizendo que êles são bastardos.

Mas são felizes. Luto por êles, não deixando-os abandonados. Tem crianças legalizadas que invejam os meus filhos, porque tem pais ebríos que transformam a casa num inferno. Tem mulher que internam os filhos nas instituições filantropicas porque não

quer lutar por eles. Os meus filhos não sentem a falta de um pai. Eu luto por eles.

... Jantamos na residência do jornalista Ivar Feijó. A esposa do senhor Ivar Feijó é caprichosa. Ela deu-me mudas de flôres. Fomos na Televisão Canal 12. Os telespectadores faziam perguntas pelo telefone.

**8 de abril** Despertei as 5 horas. Levantei, abri a janela. Fitei o céu do Paraná e o meu olhar girou pela cidade côm de cinza. Tomei banho. Troquei roupas e desci para tomar café. (...) Pedi ao gerente para retirar a minha mala do quarto. Eu estava disposta. Fomos na Televisão Paranaense. Fiquei conhecendo o diretor, senhor Nagib Chedi. Estava presente o radialista Helcio José. (...) Despedimos dos funcionários e dirigimos para o aeroporto. Eu e o Jorge iam sentados atrás. O Helcio José ia guiando o carro. É um reporter poliglota. Conhece os continentes.

Quando chegamos no aeroporto fiquei preocupada quando vi o avião com seu bojo tipo pato. Pensei nos filhos e pedi a Deus para auxiliar-me na viagem. Despedimos do Jorge e do Helcio José e dirigimos para o avião. Antes de penetrar circulei o olhar ao redor contemplando as paisagens magostas do Paraná. É lindo o verde do Paraná. O pinheiro sobresaindo entre as outras arvores, garboso igual um ator principal.

Sentamos e apertamos o cinto. A aero-môça nos saudou desejando boa viagem. Eu estava sentada ao lado do reporter. O avião partiu na pista, mas o motor falhava. Fiquei assustada quando o comandante pediu-nos que desembarcasse e aguardasse nova chamada. Vi passageiros saindo as pressas do avião. Quando saí contemplei o espaço e respirei aliviada. Fomos para o hangar.

Os passageiros estavam inquietos, reclamando: — Se eu soubesse viajava de ônibus.

O reporter percorria o aeroporto, conversando com o Helcio José. Sentei, pensando nos filhos e nas horas que iam passando. Mas agradecia a interferência de Deus impedindo a ascensão do avião, já que estava defeituoso. Deus devia estar protegendo o reporter, porque êle é o melhor de todos que iam embarcar.

Achei graça quando um casal em lua de mel renunciou a viagem. Pensei: eles estão projetando tantas coisas. São jovens.

Respirei alegre quando ouvi a ordem de embarque. Vários passageiros transferiram a viagem para o ultimo voo da tarde. Estava presente um radialista quarentão, agradável. Quando dirigimos para o avião, convidei-o:

— Vamos...

— Eu vou a tarde.

— Medroso!

Êle sorriu. Seguimos. A metade dos passageiros. O meu coração parecia o sol quando está no eclipse. Oscilava dentro do peito. Circulei o olhar enviando o meu adeus aos pinheiros do Paraná. O céu estava nublado. Deve ser belo o Paraná quando o sol está descoberto.

Entramos no avião. Fiquei gelada, olhando o relógio do reporter. Pensava: meus Deus do céu. Antes eu estivesse na favela.

Vinte minutos dentro de um avião, para mim, parece vinte seculos (...) Pousava o olhar no relógio do reporter. Comecei a pensar: meu Deus, se o avião cair o reporter morre. Depois pensei: meu Deus, se o reporter morrer, hei de morrer também, porque estou ao seu lado.

Estava apavorada e dizia ao reporter:

— Eu vim neste avião para provar aos outros passageiros que sou corajosa.

Ele sorriu, dizendo:  
— Este capricho está te custando caro. Se eu soubesse transferia a tua vinda.  
Acalmou-me, dizendo que o comandante não ia partir num avião defeituoso.

— Ele voou três vezes testando o motor.

Respirei aliviada.

Quando li — *apertar o cinto* — sorri semi-satisfeita. Mas estava impaciente para pisar na terra. Foi com prazer que fitei o céu de São Paulo. O céu ga-roento. O céu que eu adoro, porque foi debaixo d'êste céu que sofri, lutei e venci.

No aeroporto vi os funcionários aereos que conhecem-me. Sorriam. O meu coração estava acalmado.

**9 de abril** Hoje é domingo. A Dona Didi veio trabalhar. Ela é vaidosa. Diz para eu comprar móveis de luxo, geladeira. Diz:

— Se fosse eu...

Fui comprar o jornal. Li o dialogo do Eichman, o carrasco nazista. Penso. Os homens estão castigando os monstros da guerra passada, mas estão preparando outra guerra. Os que querem fazer guerra são insensatos.

**10 de abril** As crianças foram a aula. Troquei as camisas e fui lavar as roupas. A casa está alegre.

A Dona Didi chegou. Eu disse-lhe que ela não havia feito um almôço bem feito:

— A senhora não pois sal na carne.

— Ah, eu vou-me embora. Não aguento desaforo. E foi.

... Eu fui para a cidade. Fomos a Livraria (...) Falei com a Dona Adelia. Ela repreendeu-me:

— Nós soubemos que a senhora anda emprestando dinheiro. Não faça isto. A senhora deu seis mil cruzeiros para uma senhora. Quando a senhora estava na favela ninguém te dava nada. Tem uma sua

visinha que vem nos contar tudo que se passa com a senhora.

Não fiquei revoltada. Já estou habituada com as confusões em torno da minha vida. Saí da Livraria pensando: quem será que vai contar os meus atos na Livraria? Ninguém tem nada com a minha vida. Eu vou dar seis mil cruzeiros a Dona E., uma preta. Ela é casada. Tem 8 filhos e o espôso... é daquele geito.

**12 de abril** ... A Dona A. veio visitar-me. Pediu-me vinte mil cruzeiros emprestado. Que visita!

Disse-me que precisa pagar uma duplicata vencida. Depois de ouvi-la disse-lhe que fosse falar com o reporter. Ela prometeu pagar-me trabalhando para mim. (...) Fui na cidade. O reporter reclamou que gasto muito dinheiro. Fiquei descontente.

**13 de abril** ... A Dona A. veio trabalhar. Fomos na redação. Eu estava alegre e disse ao reporter que ia retirar os vinte mil cruzeiros para a Dona A. Ele preencheu o cheque para mim. Eu disse:

— Agora eu tenho uma empregada branca.

Fomos retirar o dinheiro do Banco. A Dona A. voltou do Banco alegre (...) Seguimos para o Teatro Bela Vista. Fomos de bonde. Descemos no Teatro. Eles estavam ensaiando. Fui bem recebida pelo ensaiador Amir Hadad. Combinamos que eu devia voltar a noite com os meus filhos para vermos o ensaio da peça "Quarto de Despejo".

... Quando cheguei em casa os filhos estavam brincando. Disse-lhes que se trocassem para irmos ao Teatro. (...) Quando chegamos no teatro encontramos os reporteres. No palco, os artistas circulavam. Meus filhos identificavam as cenas. O João disse-me:

— Tenho pavor de recordar esta quadra da nossa vida.

Saimos antes de terminar os ensaios.

**14 de abril** ... A Dona A. veio trabalhar. Ela sai as 2 horas, deixa o jantar pronto. Ela ia na cidade pagar dividas. Dei-lhe um bilhete para levar ao reporter. (...) Ele devia comparecer as 18 horas na minha casa para acompanhar-me até o Colegio Otavio Mendes.

... As 19 horas o pai da Norma e uma estudante vieram me buscar para visitar o colegio. (...) Quando chegamos ao colegio os estudantes estavam circulando pelas classes. Conduziram-me ao salão nobre. Subimos ao palco. Sentei no centro, pensando na minha vida que transformou-se. Uma estudante belíssima apresentou-me, citando que havia convidado-me para visitar o colegio. Saudou-me o estudante Edgard, o Professor Horacio de Carvalho, Wilson Pereira Borges e Benedito Vieira da Costa.

Quando deram-me a palavra citei-lhes que gosto de livros. Tenho só dois anos de grupo escolar. Desde o dia que aprendi a ler leio todos os dias. Não preseguei nos estudos por ser pobre. Disse-lhes que estou ganhando mais de quinhentos mil cruzeiros por ano. Com os meus dois anos de grupo escolar estou vendendo na vida.

... Eu estava alegre naquele nucleo. Olhando os jovens, pensei: se os homens que predominam organizam outra guerra... vão destruir os sonhos destes jovens.

**15 de abril** ... A Vera foi a aula. Ela já sabe ler. Diz:

— Eu quero aprender bem depressa, para ler o “Quarto de Despejo”.

**17 de abril** ... A Dona A. veio trabalhar. Sai com os pedreiros, que vão trabalhar para mim. Fomos na redação. O reporter preencheu o cheque de 25.000 cruzeiros. Dei vinte aos pedreiros, fiquei com cinco mil cruzeiros. O reporter disse-me para ter cuidado

com o dinheiro e com os amigos que apareceram depois que a minha vida transformou-se. Aconselhou-me a não dar presentes. Fui ao Banco, retirei o dinheiro e entreguei aos pedreiros. Eles prometeram iniciar os trabalhos amanhã.

Voltei para a redação. Fui com o reporter no Cambio, <sup>(31)</sup> descontar o dinheiro que veio da França, da Livraria Stock. Os direitos autorais do meu livro. Fiquei comovida pensando na ascensão da minha vida.

Quando chegamos no Cambio, fomos recebidos com deferencia especial. Os funcionarios nos ofereceu café. (...) Deixamos o Cambio e fomos almoçar. Como é facil comida atualmente. Eu, que lutava tanto para conseguir o que comer. (...) Fimdo o almoço fomos para o Canal 5. Encontramos os artistas que vão tomar parte na peça “Quarto de Despejo”. Estava presente a Ruth de Souza, Celia Biar e outros. No programa de televisão foi citado que a peça vai estrear no dia 27 de abril.

**18 de abril** Os filhos foram a escola. Os pintores chegaram. Vão cobrar 39 mil e duzentos cruzeiros.

**20 de abril** Passei o dia em casa. Vou desocupar os armarios embutidos para reformá-los. Recebi a visita de uma jovem de Jaú. Deu-me um broche para recordação.

Com a divulgação do meu livro recebo varias pessoas. Transformei-me em atração turistica.

**21 de abril** Os pintores vieram trabalhar. A Dona Luiza Fiori veio visitar-me e conhecer a minha casa. Mostrei-lhe os meus vestidos, cantei-lhe as minhas composições. Ela fez café. Admirou a casa, mas disse que está incompleta. Falta copa, garagem.e.quarto de criada.

(31) A autora refere-se a Carteira de Câmbio de um estabelecimento bancário. (A. D.)



**23 de abril** Hoje é domingo. A Dona A. veio trabalhar. Fez o almoço e foi-se embora preparar o almoço para o espôso e os filhos. Ela é triste. Tem uma grande magoa. O seu sonho era ser rica, mas não enriqueceu. Por isso é amargurada.

Juro, eu nunca compreendo o ente humano. É o pior enigma para mim. Se uma pessoa é pobre, quer ser rico. Se está doente quer ter saúde, se é gordo quer emagrecer. Se é magro quer engordar, se é solteiro quer casar-se. Há os que depois que casam... arrepende-se. Os que são altos demais ou baixo demais, tem complexos. Eu conheci uma preta. A Nair. Tinha desgosto de ser preta. Não ia aos bailes de pretos.

Que confusão! Ah, eu estava falando da Dona A.. Ela casou-se, tem quatro filhos. O espôso fala que não gosta de viver ao seu lado. Aí vai a minha fraquíssima opinião na vida conjugal:

Sou suspeita para falar no matrimónio, porque eu não me casei com ninguém. Tem mulher que luta para casar. Agrada o homem com frases aveludadas. Se o noivo não quer vestido curto, ela usa vestido comprido. Se não quer pintura ela deixa de usar pintura. Enfim, a vontade do homem prevalece. Depois de casados é a outra face do disco. Ela passa a usar pintura e encurta o vestido porque está na moda vestido curto. Sai de casa sem avisar o espôso. Não quer filhos porque dá trabalho. O que sei dizer é que as confusões de um lar as vezes começa com as mulheres.

Acho lindo um casal que festeja as bodas de prata.

**25 de abril** Passei o dia em casa. Os pintores estão trabalhando. Lavei roupa e passei. O dia que fico em casa fico contente.

**26 de abril** Fui contratar os carpinteiros para consertar os armários. A tarde fui a cidade para ver se retirava dinheiro do Banco. Estava fechado. Vol-

tei para casa. O reporter está viajando para a Argentina.

**27 de abril** ... A Dona A. chegou. Entreguei-lhe a direção da casa. Fui a redação pedir um cheque de 40.000 cruzeiros para concluir o serviço da casa. Eu estava nervosa, pensando: o reporter vai dizer que eu estou imitando Maria Antonieta. Mas eu quero a casa bem bonita. Começo a gostar da minha casa de alvenaria. É a concretização de um longo sonho. E o sonho dos favelados é uma casa de alvenaria.

Olhei os jornais. Já estão anunciando a estreia da peça "Quarto de Despejo". Voltei a redação. Encontrei o senhor Mario Camarinha, diretor do Bureau do "O Cruzeiro" em São Paulo. Ele abraçou-me sorrindo. Pedi para levar o livro de cheques e guardar na gaveta do reporter.

Cheguei em casa dei 15.000 cruzeiros aos pedreiros para comprar o material. Fui falar com o senhor Abel para consertar os armários. Passei o resto do dia escrevendo. Pedi a Dona A. para vir dormir com os meus filhos.

Vou sair a noite. Vou ver a estreia da peça "Quarto de Despejo".

... O Teatro Bela Vista estava superlotado. Pes-soas de destaque, porque o espetáculo é beneficente. Os paulistanos bem vestidos circulavam pelo teatro. (...) Quando iniciou o espetáculo eu subi no palco para sortear uns prêmios. Fui aplaudida. O espetáculo agradou. A cena mais comovente foi a briga com o cigano e o porco que saiu do chiqueiro e ficou circulando pelo palco. Ouvi uma voz humorística:

— Este porco é ator.

Findo o espetáculo fui agradecer os artistas. Para mim o espetáculo estava triste com a ausência do reporter.

**28 de abril** A Dona A. preparou os filhos para ir a aula. Os pintores chegaram e foram comprar

tinta para concluir a pintura. Vou reformar o quintal. Vou comprar calhas para a casa.

**29 de abril** Levantei de manhã. Os pedreiros foram chegando, um a um. Fui a feira, comprei frutas para os filhos e verduras. (...) Chegou visitas. Desci para ver quem havia chegado. Era a Dona Jurema Finamour e a esposa do escritor Jorge Amado. Fiquei alegre quando vi a Dona Jurema Finamour. Recordei os bons dias que passei ao seu lado lá no Rio, no Festival do Livro. Mostrei-lhe a casa. Apresentei a Dona A.:

— Esta senhora trabalha para mim.

Mostrei os meus vestidos. A esposa do senhor Jorge Amado fotografou-me. (...) Cantei minhas composições. Elas gostaram. Combinamos um encontro no Claridge Hotel, na Avenida 9 de Julho.

... Quando chegamos no Claridge Hotel telefonei para o apartamento 47. Atendeu-me o espôso de Dona Jurema Finamour. Pediu-me para esperá-lo. Fiquei girando pela sala. Já estou aprendendo a andar de sapatos de salto. O senhor Lebrete surgiu. Sentamos. Disse-me que a Dona Jurema estava ausente e o Jorge Amado estava preparando-se para vir ver-me. Fiquei nervosa. Ia falar com Jorge Amado! Pensei: seja o que Deus quiser.

O Jorge Amado surgiu. Levantei-me e fui cumprimentá-lo. Abracei-lhe. (...) Ele é agradável no falar. Deu-me um livro de sua autoria — "Os Velhos Marinheiros".

— Que bom! — exclamei alegre.

Acariciei o livro com carinho. Ergui o olhar e vi os olhos do Jorge Amado observando minhas expressões. (...) A esposa do senhor Jorge Amado chegou. Cumprimentei-a. Ficou olhando o meu vestido. A Dona Jurema Finamour entrou. Olhou-me e sorriu. Olhando o meu vestido, disse:

— Que chique!

... Saimos. Confabulando onde iam jantar. Decidiram ir numa cantina na Rua Santo Antonio. Quando chegamos na cantina eu era alvo dos olhares. Estava bem vestida e acompanhada com o senhor Jorge Amado. Pedimos lancha ao forno. O senhor Lebrete e o senhor Jorge Amado pediram frango grelhado. Dividiram o frango comigo. Pensei: se todos pudessem comer assim? Estamos na época que alguns comem e outros não. (...) A época do sofrimento deixa cicatriz na mente. Tem hora que relembro a voz angustiosa da Dona Maria Preta, lá da favela:

— Estou com vontade de comer um pedacinho de carne.

Jamais hei de olvidar que existe fome.

... Quando saímos da cantina tomamos dois taxis: Fomos ao Teatro Bela Vista. Fui sentar ao lado do Jorge Amado. Pensei: meus Deus, parece um sonho. Outro dia eu era uma favelada. Atualmente sou ex-favelada. A minha história pode ser resumida assim:

— Era uma vez uma preta que morava no inferno. Saiu do inferno e foi para o céu.

... No intervalo o povo pedia autografos. O Jorge e a Dona Jurema Finamour foram ao palco cumprimentar a Ruth de Souza. O senhor Jorge Amado prometeu visitar-me. A minha casa está as ordens.

... Um jornalista felicitou-me pelo éxito da peça. (...) Eu voltei para casa pensando no Jorge Amado. Que homem maravilhoso! Em vez de chamar Jorge Amado devia chamar Jorge Amor. (...) Ele deixou de ser Doutor Jorge Amado. É simplesmente Jorge Amado. O que pertence ao Universo não tem protocolo. Não podemos dizer Senhor Sol, Dona Lua, Senhor Vento.

**1 de maio** Que primeiro de maio sem graça. Não houve festejos comemorativos, os desfiles dos trabalhadores. Quem gostava do primeiro de maio era o

saudoso Getúlio Vargas. A sua voz através do rádio cortava o Brasil de Norte a Sul — *Trabalhadores do Brasil!*

**2 de maio** Os filhos foram a aula. Os pedreiros chegaram, pediram dinheiro para comprar material para construir uma cobertura em cima do tanque. Fui na redação. Encontrei o repórter. O fotógrafo Torok ficou na Argentina.

... Embarquei para Santos às 14 horas. Estava chovendo. Eu ia conversando com uma senhora que dizia-me:

— A senhora deve estar ganhando muito dinheiro! Já enjoei de ouvir a palavra *dinheiro*.

**3 de maio** A Dona A. vestiu os filhos para ir à escola. Fiquei deitada, mas não consegui adormecer com o barulho das crianças. Levantei e fui comprar jornal. Está chovendo. Os pedreiros estão construindo uma cobertura no tanque.

A noite fui ao teatro. Noite dedicada à crítica. Fiquei sentada autografando e conversando com o povo. As mulheres olhavam-me. A televisão filmava o teatro. Eu fui filmada. Os artistas estavam trabalhando com entusiasmo. Dava a impressão de ser um dia na favela. Fim do espetáculo fui ao palco agradecer o público. Enviava beijos em retribuição aos aplausos. A televisão focalizou-me perto do Maurício Nabuco, o galã da peça "Quarto de Despejo". Dona Edy Lima subiu ao palco. E Amir Haddad, o diretor. O repórter não subiu não sei porque.

**4 de maio** ... Eu nunca pensei que um dia ia ter empregada. E o pior de tudo isso é que a Dona A. não quer ser mencionada no meu diário como empregada. Ela vive se queixando que não tem sorte.

**5 de maio** Passei o dia em casa escrevendo. Os pedreiros concluíram a cobertura do teto. À tarde fui à redação. (...) Estava presente o B. Lôbo, compo-

ditor. E o cantor Fernando Reis que vai gravar o samba "Quarto de Despejo". Achei graça quando ouvi o B. Lôbo dizer:

— Audálio, você que protege os descendentes do José do Patrocínio, patrocina esta gravação para mim.

O repórter prometeu. E as promessas do repórter não falham. Combinei com o repórter um programa de televisão amanhã com Silveira Sampaio. Voltei para casa.

**6 de maio** Passei o dia em casa cuidando das roupas dos filhos. Que confusão. A casa está suja, porque os pedreiros estão trabalhando.

À tarde preparei-me e fui encontrar com o repórter. Tomamos um taxi, descemos no Hotel Lord. Encontramos o senhor Silveira Sampaio discutindo o programa. (...) Fomos ao Canal 5. Encontramos as pessoas que iam ser entrevistadas. Quando iniciou o programa o primeiro a ser entrevistado foi o Dr. Sérgio Andrade, o Arapuã da "Última Hora". Citou seus estudos e o porque do seu pseudônimo. Ouviu o gorjeio de um passaro Arapuã. Achou bonito e adotou o nome do passaro. A terceira entrevistada coube-me:

— Carolina, como você se sente no apogeu em que vive?

— Sinto-me confusa.

... O senhor Silveira Sampaio citou as minhas composições. (...) A entrevista decorreu num ambiente cordial. Ao sair da televisão fomos tomar café.

**7 de maio** Fui à cidade assinar contrato com a Livraria Francisco Alves. O título do livro vai ser "Casa de Alvenaria". Li o contrato minuciosamente. É a livraria que vai cuidar das traduções. O repórter disse-me que está cansado. O telefone tocou. Era a D. Luiza Fiori que havia chegado do Rio. Estava na minha casa.

... Vi as reportagens da Dona Eva Vastari, na revista finlândia. Despedi do reporter. Saí pensando que devia comprar dois cobertores, porque a Dona Luiza Fiori vai dormir na minha casa. Passei numa loja amiga. Comprei dois cobertores. Um palitô para mim e um sapato para o José Carlos. Gastei sete mil cruzeiros. Este dinheiro era para concluir a pintura da casa, porque eu não gosto de falar em dinheiro com o reporter. Ele fica azucrinando que eu gasto muito. (...) Já estou cansada das advertências do reporter.

Quando cheguei em casa encontrei a Vera bem vestida e bem penteada. Ia ao lado de Dona Luiza a escola. Estava perfumosa. A Dona Luiza tem gosto para adornar uma criança.

**8 de maio** Passei o dia em casa. A Dona A. veio trabalhar. O João foi na Livraria levar um bilhete para o Dr. Lelio. Eu pedia 10.000 cruzeiros para comprar material para concluir a reforma da casa. Queixei-me no bilhete que o reporter reclama que gasto muito. E eu não gosto de ser observada injustamente. É horrível ter *sinhô*. Mas o dia 13 de maio está chegando...

O João voltou dizendo que o Dr. Lelio não estava na Livraria. Fiquei nervosa. Os pedreiros foram fazer outro serviço. A Dona A. fez o almôço e zarpou-se.

... A tarde a Dona Maria José veio buscar-me para ir a igreja. É uma missa mandada celebrar pelos pretos do bairro. (...) Quando cheguei a igreja fui saudada pelo Padre Constancio. Que homem calmo e que olhar sereno. Esperaram a minha chegada para iniciar a missa. Essas manifestações confortam-me o espírito combatido e descrente de tudo.

A igreja estava inacabada. Gostei do sermão, agradecendo a Deus por ser brasileira. Viver neste país sem temor. Devemos amar este país onde não há preconceito de cor.

**9 de maio** Passei o dia em casa. O João não foi a escola. Foi na Livraria levar um bilhete para o Dr. Lelio, pedir dinheiro para comprar materiais. Ele deu dez mil cruzeiros.

Dei treis mil cruzeiros para os pintores, para comprar os materiais. O caminhão veio trazer os materiais. Hoje eu estou calma. Alegre.

**10 de maio** ... Os pedreiros vieram trabalhar. Pretendo pagar-lhes bem. Devemos ser corretos nos negócios. Ouvi um xingatório. Fui ver. As crianças haviam soltado um balão e o balão entrou no quarto de uma senhora. Contei 11 meninos, mas ela xingava só os meus filhos:

— Favelados desgraçados, ordinarios. A tua mãe não te dá educação.

Ela não compreende que a favela é obra de rico. Os pobres não podem pagar os preços exorbitantes que os ricos exigem pelo aluguel de um quartinho. E não podem ficar ao relento.

... A Dona Maria José veio avisar-me que devo comparecer na festa do dia 14. Deu-me um convite: "*Não percam dia 14 de maio proximo um grande espetáculo beneficente em prol das obras da igreja N. S. de Fatima do Imirim. Serão levados um show e uma peça teatral em dois atos. Contamos com a colaboração de nossa escritora Carolina Maria de Jesus. Não percam! Aguardem.*"

*Elenco da peça teatral "Escravo Engeitado":*

<i>Sinhô Mauricio</i> .....	<i>Benedito</i> .....
<i>Sinhá Jurema</i> .....	<i>Maria José</i>
<i>Capataz</i> .....	<i>Julião</i>
<i>Escrava Engeitada</i> ..	<i>Leontina</i>
<i>Princesa Isabel</i> .....	<i>Irene Batista</i>
<i>Sinhazinha</i> .....	<i>Sumoya Fuma</i>
<i>Mucama</i> .....	<i>Ruth Rocha</i>
<i>Preto Mathias</i> .....	<i>Clodoaldo</i>
<i>Pai Inacio</i> .....	<i>Evaristo Gomes</i>

*Parte cantada a cargo de Sabará — Animação — José Garcia.*

Veio um pretinho pedir-me um auxilio. Sofreu um acidente na mão direita e não pode trabalhar. Cortou os nervos do braço e a mão ficou sem ação. Eu perguntei-lhe:

— E a lei de proteção ao operario?

— Elles fazem tanta confusão, que a gente acaba desiludindo.

— O que você sabe fazer?

— Eu era operario, qualquer serviço que executamos é preciso ter mãos. E eu não tenho.

— E se você montasse uma banca de jornais poderia ganhar algo para viver. Escolha um local e eu auxilio-te a montar a banca.

... Quem pode normalizar a situação critica dêste jovem é a lei trabalhista. É o patrão inconciente que só dá valor ao homem quando o homem pode produzir. É desumanidade deixar um operario acidentado abandonado. Ofereci almoço ao jovem. Dei-lhe 90 cruzeiros.

**11 de maio** Passei o dia em casa cuidando da reforma. (...) Lavei roupas e passei. Não tenho tempo para escrever, com os afazeres da casa. A Dona A. tem vergonha de ser minha empregada porque ela é branca. Chega as 9 horas e sai as 13.

**12 de maio** Saí com o pintor, senhor Ulisses Costa. Fomos na redação pedir dinheiro ao reporter para pagar a pintura. 34.500 cruzeiros. Encontrei o Ramiro. Convidei-o para ir ver o reporter. Apresentei o Ramiro como personagem do livro.

Quando citei ao reporter a quantia que devia pagar aos pintores ele repreendeu-me que gasto muito. Xinguei o reporter mentalmente: cachorro! desgraçado! você não manda no dinheiro que recebo.

... Ele preencheu o cheque. Assinei. Despedi e fomos ao Banco. Voltamos de onibus. Com as reprensões do reporter, fiquei triste. Ele prevalece porque foi ele quem auxilhou-me.

**13 de maio** ... Passei o dia com os pintores e carpinteiros. Fui na Loja N. S. de Fatima comprar tabuas para fazer prateleiras para os armarios embutidos. Um preto por nome Gazoza veio colocar a calha no telhado. O pedreiro disse que eu devia aumentar um quarto na parte superior e um terraço. Seria um quarto para Vera. Quero organizar a casa.

A noite recebi a visita dos diretores do Orfanato União Cristã de Amparo a Infancia. (...) Pedi licença aos diretores. Ia trocar-me para ir ao baile do Clube 220, o clube dos pretos. Eles despediram-se, fui trocar-me. A Hilda veio auxiliar-me a vestir o vestido que comprei da Carmem por 10.000 cruzeiros. A Hilda emprestou-me as luvas e uma bolsa. (...) Fui procurar a Ivete na sua casa. Quando eu descia a Rua Imirim com meu vestido amplo, notava os olhares fitando-me como se eu fosse de outro planeta. A mãe da Ivete ficou alegre. As primas da Ivete estavam presentes. Perguntaram-me:

— Porque não alisa os cabelos?

— Eu não gosto de cabelos lisos. Acho belo o que é natural.

É a primeira vez que penetro na casa da Ivete. É casa propria, bem mobiliada. Quando vejo uma casa de pretos bem ornamentada fico contente.

... Hoje é 13 de maio, dia consagrado aos pretos, que vivem tranquilos mesclados com os brancos. Hoje é um dia que nós os pretos do Brasil podemos bradar:

— Viva os brancos!

Tomamos um carro e fomos até o Teatro Bela Vista. O reporter estava na porta. Pelo olhar que dirigiu-me percebi que ele não ficou contente com o

meu *toilette*. Ele não sabe o que significa o 13 de maio para o preto. Dia de gala para a raça negra.

... Tomamos um taxi e zarpamos. (...) Quando chegamos ao salão do Esporte Clube Pinheiros vi varios carros estacionados. Que clube maravilhoso! Entramos. O irmão da Ivete nos acompanhava.

O salão estava iluminado como um palco. Lá no fundo, os musicos uniformizados. Pretos e brancos mesclados numa festa fraternal.

O senhor Frederico Penteado, organizador do baile, veio nos receber. Eu fui homenageada — “*Ano Carolina Maria de Jesus*”.

**14 de maio** ... Trabalhei o dia inteiro. A Ivete veio convidar-me para ir ao teatro da igreja. Prometi ir. A noite a Maria do Carmo veio buscar-me. Fui com os filhos. Encontrei uns jovens fazendo batucada. Quando me viram gritaram:

— Olha a Carolina!

Começaram a cantar:

*Saudosa maloca, maloca querida  
Dim Dim Onde nós passemos  
Dias feliz da nossa vida.*

Achei graça. Dei uma risada extensoria. Quando chegamos na igreja entramos pelos fundos. (...) As personagens que iam tomar parte na peça circulavam, trocando os seus vestidos por trages exóticos. Os pretos usavam calças e o tronco nú. Trage que simboliza o passado. Eu iniciei o espetáculo declamando a poesia “Noivas de Maio”. Agradei o convite para participar da festa.

Estavam presentes algumas pessoas de minha terra, que ficava olhando-me como se eu fosse o Garin sovietico.

**15 de maio** ... Trabalhei o dia todo. A noite fui a redação encontrar com o reporter. Fomos ao Canal 9. (...) Fui entrevistada pela vereadora Dulce Salles Cunha. Que mulher bonita! (...) Eu ia respondendo as perguntas com calma. Declamei a poesia “O Colono e o Fazendeiro”.

**16 de maio** ... O pretinho Luiz Carlos Rocha veio visitar-me. Está sem iniciativa depois que feriu a mão. Tem medo de vidro. Sofreu quatro acidentes com vidro. Quando olha um vidro assusta-se. Ele é educado. Eu agrado-o muito para êle não criar complexos que é um homem inutil. Convido-o para passear.

**19 de maio** ... Levantei as 5 horas. Preparei os filhos para ir a escola. Preparei o almoço. Quando iniciei o almoço penso nas mulheres da favela. A hora da dor. Do ranger de dentes. (...) Os pobres lutam com dificuldades.

... Fui na Livraria. Pedi 15.000 cruzeiros ao Dr. Lelio. Espero que o reporter não vá repreender-me.

Queixei-me ao irmão do Thomaz Parrilho que o reporter reclama que gasto muito. Vou concluir este *diário* que será a “Casa de Alvenaria” e depois vou ingressar no radio. Quero gastar o que ganho sem ser observada.

**20 de maio** Fui fazer compras. Encontrei um colegial mal vestido. Eu estava na padaria e pedi-lhe que me esperasse que eu ia ensinar-lhe a minha casa.

— Quando você voltar da aula passe na minha casa que eu compro um par de sapatos para você.

... Quando o colegial saiu da aula veio procurar-me. Fomos comprar os sapatos. Ele olhava-me e sorria. Paguei 530 cruzeiros. (...) Ele beijou-me, dizendo:

— Obrigado.

Perguntei-lhe:

— Você não está precisando de uma mãe preta?

**21 de maio** ... Preciso ir ao Teatro (...) Saí atrasada, tomei um carro. Quando cheguei no Teatro era 6 horas da tarde. (...) Circulei o meu olhar pela plateia, contemplando aquela gente bem nutrida, bem vestida. Ouvindo a palavra fome, abstrata para eles. Sentei ao lado do jovem Eduardo Suplicy Matarazzo. Que jovem amavel! Olhava as cenas no palco e perguntava:

— Mas... eles vivem assim nas favelas?

— Pior do que isto. Isto é apenas uma miniatura das cenas reais de favela.

Um fotografo pediu-me para sentar-me ao lado da Deputada Conceição Santamaria para nos fotografar.

Quando findou o espetáculo a atriz Celia Biar saiu no palco anunciando o debate. Convidou o Deputado Rogê Ferreira para presidir o debate. E nos convidou a subir no palco. Subimos. Eu, Solano Trindade, Conceição Santamaria, professor Angelo Simões Arruda, Deputado Cid Franco, Dona Edy Lima.

Quem presidia o debate era o senhor Rogê Ferreira. Citou que o meu livro "Quarto de Despejo" é um retrato real das agruras que o pobre encontra atualmente.

Eu estava confusa naquele nucleo. Percebi que a *Dona Elite* encara o problema da favela com vergonha. É uma mancha para um país. (...) O segundo orador foi o senhor Angelo Simões Arruda. Estava lendo o "Quarto de Despejo" e anotando o que lia. Disse que em São Paulo o povo trabalha nas fabricas, nas oficinas e não saem pelas ruas catando papel. Saem para um serviço digno que lhe proporciona uma condição de vida decente.

Pensei:

Se o homem de São Paulo levasse uma vida e não fazia greve salarial.

O professor Angelo Simões Arruda continuou a falar que as pessoas indolentes não escolhem lugares para habitar. Vivem nas cloacas.

— Cloaca é mitório — pensei.

Se os pobres reside nas margens dos rios é porque não recebeu instrução, não aprendeu officio. (...) O professor Angelo Simões Arruda não mencionou a necessidade de abolir as favelas, que duplicam por este Brasil afora.

A terceira oradora fui eu. Citei: fui residir na favela por necessidade. Com o decorrer dos tempos percebi que podia sair daquele meio. Era horrroso para mim presenciar as cenas rudes que desenrolava-se na favela como se fôsse natural. (...) Os favelados são os colonos. Por ser expoliados pelos patrões abandonaram o campo. Encontram dificuldades na cidade, que só oferece conforto e decencia aos que tem bons empregos. Eles não podem acompanhar a vida atualmente. Devido ao custo de vida são obrigados a recorrer ao lixo ou os restos de feira.

— Não adianta falar de fome com quem não passa fome.

Quando escrevi o meu *diário* não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa, não tinha o que comer. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha impressão que estava contando as minhas magoas a alguem. E assim surgiu o "Quarto de Despejo".

Classifiquei a favela de quarto de despejo porque em 1948, quando o Dr. Prestes Maia começou a urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento.

O quarto orador foi o poeta negro Solano Trindade. Criticou a teatralização de Dona Edy Lima. Disse que ela não citou as agruras que o livro relata como depoimento do gravissimo problema que são as

favelas espalhadas pelo Brasil afora. (...) O publico interferiu-se, ora aplaudindo, ora vaiando. O senhor Cavalheiro Lima, espôso de Dona Edy Lima, interferiu aludindo que a Dona Edy não alterou o texto do livro. Conservou a linguagem simples na peça, relatando o meu desvelo pelos filhos, lutando para retirá-los daquele pardieiro.

O Solano Trindade prosseguio, repetindo o que a Ruth de Souza disse na peça:

— Quando uma criança passa fome é problema de todo o mundo.

Fico horrorizada vendo a fome debatida em assembleia. O Deputado Cid Franco disse que passou fome e conhece as agruras que o meu livro relata. Que o regime capitalista é a causa das desigualdades de classe. A Dona Conceição Santamaria dizia:

— Ele pertence ao regime capitalista. Ele está metamorfoseando-se na frente do publico. Ele está de mãos dadas com o regime capitalista.

Que confusão para mim. Queria ouvir o Deputado Cid Franco por causa da sua cultura. Ele não é banal. Não é politico de negociatas. Citou:

— Se existe favelas são criadas e alimentadas pelo regime capitalista, que suga a seiva da classe salarial para duplicar seus haveres.

— Não apoiado — respondeu o Dr. Paulo Sulpicy.

Um jovem na plateia disse que o Deputado Cid Franco errava aludindo ao regime capitalista o desajuste social. O Deputado Cid Franco disse:

— Tenho um filho de 18 anos que não teme a extinção do regime capitalista.

Foi aplaudido. Os estudantes interferiram. Eu pedia ao Deputado Rogê Ferreira que desse as palavras, porque os estudantes são os homens de amanhã. Os estudantes apuparam o deputado. Ele sentou-se, dizendo que nunca foi a favela pedir voto. Comentou:

— Não renego a peça. Renego o regime social que favorece um terço da população. Sei que o capitalismo renega a reforma social.

— Apoiado!

— Não apoiado!

... Com aquela confusão eu tinha impressão que estava na favela. Todos falando ao mesmo tempo.

... A ultima a falar foi a Deputada Conceição. Iniciou dizendo que auxiliou os leprosos. Por seu intermedio os leprosos são curados.

Uma voz na plateia:

— Não estamos falando de politica. Estamos falando da favela.

— A Carolina disse que na favela existe muitas indolencias — argumentou Dona Conceição.

— E na Assembleia — uma voz no palco.

— Em 1944, quando eu percorria as favelas...

Naquela epoca era ditadura que predominava.

Uma voz na plateia:

— A senhora é bem madura, em? Risos.

A Dona Conceição respondeu sem perturbar-se:

— Naquê tempo não existia jovens mal educados igual a você. Eu represento uma maioria, os que votaram em mim. E você é uma unidade apagada.

Um japonês falava. Uma voz lenta que ficava indistinta entre as outras. Os demais estavam nervosos. Dava impressão que ia haver um conflito no teatro. Os estudantes apupavam a Dona Conceição.

... Quando saí do teatro encontrei o jovem Eduardo Matarazzo e disse-lhe:

— Você viu que confusão?

Dona Filomena Matarazzo convidou-me para almoçar na sua residencia.

Tomei um taxi e fui para a minha casa.

— FIM DO DIARIO —



## NOSSAS EDIÇÕES:

### "Coleção Terra Forte"

(romance)

Vol. 1 — "Os Guaxos" de Barbosa  
Lessa — Premiada pela  
Academia Brasileira de  
Letras e pela Academia  
Paulista de Letras — 2.<sup>a</sup>  
edição.

Vol. 2 — "Major Calabar" de João  
Felício dos Santos.

Vol. 3 — "Irmão Juazeiro" de Fran-  
cisco Julião — 2.<sup>a</sup> edição.

Vol. 4 — "Pôrto Calendário" de Osó-  
rio Alves de Castro.

Vol. 5 — "Chão de mínimos aman-  
tes" de Moacir C. Lopes.

### Coleção Alvorada"

(contos)

Vol. 1 — "Xanan" de Carlos La-  
cerda.

Vol. 2 — "Tempo de Amor" de Ho-  
mero Homem.

Vol. 3 — "A Prodição e os Porcos"  
de Jorge Medauar.

Vol. 4 — "Laços de Família" de Cla-  
rice Lispector — 2.<sup>a</sup> edi-  
ção.

Vol. 5 — "Trapiá" de Caio Porfírio  
Carneiro.

### "Coleção Contrastes e Confrontos"

(ensaios e depoimentos)

Vol. 1 — "Quarto de Despejo" de  
Carolina Maria de Jesus —  
8.<sup>a</sup> edição.

Vol. 2 — "Afirmção de Euclides da  
Cunha" de Edgard de Car-  
valho Neves.

Vol. 3 — "Eu sou Pelé" de Edson  
Arantes do Nascimento.

Vol. 4 — "Casa de Alvenaria" de  
Carolina Maria de Jesus.

— "O Homem ao quadrado" de Leon  
Eliachar — 3.<sup>a</sup> edição.

"Marabaxos" (contos) de Osvaldo  
Orico.

"A Macã no Escuro" (romance)

de Clarice Lispector.

"O Livro de Daniel" (romance) de  
Paulo Dantas.